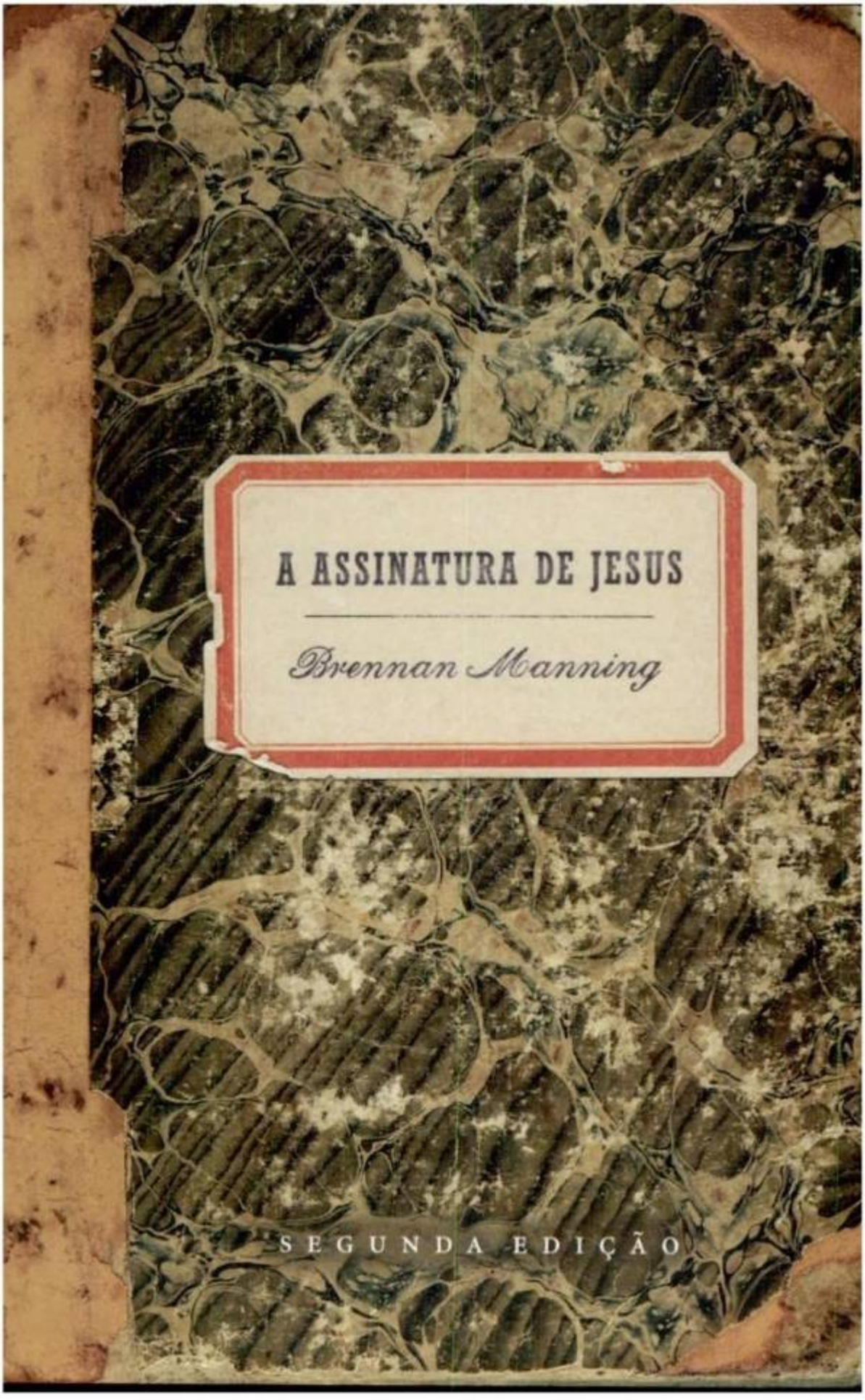

A ASSINATURA DE JESUS
Brennan Manning
SEGUNDA EDIÇÃO

A Assinatura de Jesus

Brennan Manning

Compilado por Amigo Anônimo
Adição de páginas que faltavam:
Karmitta e Alicinha

LANÇAMENTO
Semeadores da Palavra
www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Sumário

Uma palavra de abertura.....4
Capítulo um: De Harã a Canaã 7
Capítulo dois: A assinatura de Jesus 14
Capítulo dois: Poder e sabedoria.....20
Capítulo quatro: Tolos por Cristo 27
Capítulo cinco: O discipulado em nossos dias 33
Capítulo seis: Espiritualidade pascal 43
Capítulo sete: Celebrando a escuridão 51
Capítulo oito: O amor de Jesus 58
Capítulo nove: A disciplina do segredo 65
Capítulo dez: A coragem de arriscar 69
Capítulo onze: Atracando-se com Deus 73
Capítulo doze: Lázaro riu! 79
Uma palavrinha de encerramento.....82

Copyright © 1988, 1992, 1996 por Brennan Manning.
Publicado originalmente por Multnomah Publishers, Inc, Oregon, EUA.
Direitos de publicação em português contratado com
Gospel Literature International.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão *Almeida Revista e Atualizada,* 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manning, Brennan
A Assinatura de Jesus / Brennan Manning; [traduzido por Paulo Purim]. — 2ª ed. — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
Título original: The signature of Jesus
Bibliografia.
ISBN 978-85-7325-507-2
1. Jesus Cristo — Pessoa e Missão 2. Vida cristã I. Título.
07-9586 CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Seguimento de Jesus: Vida cristã: Cristianismo
248.4 Categoria: Espiritualidade/Vida cristã

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br
1ª edição: março de 2006
2ª edição revisada: janeiro de 2008

Para Hillery e Ed Moise,
com gratidão por Biloxi e Galveston,
N'awlins e Houston, pelos peixes
vermelhos enegrecidos e o manjar cajun,
mas acima de tudo pela assinatura
do amor de vocês em minha vida.

UMA PALAVRA DE ABERTURA

Neste livro entreguei meu coração e meu discurso para ele ser o que é: grosseiro e afável, áspero e compassivo, íntegro e abalado, honesto e provocante, extraído dos tonéis da vida.

A palavra profética convoca incessantemente a igreja de volta à pureza do evangelho e ao escândalo da cruz. Em suas numerosas cartas, Paulo reforça que seguir Jesus é tomar a estrada principal até o Calvário. Espalhados ao longo da estrada jazem os esqueletos de nosso ego, os cadáveres de nossas fantasias de controle e os estilhaços da hipocrisia, da espiritualidade auto-indulgente e da ausência de liberdade.

A maior carência de nosso tempo é de uma igreja que se torne o que ela raramente tem sido: o corpo de Cristo com a face voltada para o mundo, amando aos outros independentemente de religião ou cultura, derramando-se numa vida de serviço, oferecendo esperança a um mundo aterrorizado e apresentando-se como alternativa genuína ao presente estado de coisas. "A igreja digna desse nome é um grupo de pessoas no qual o amor de Deus quebrou o feitiço dos demônios e falsos deuses que estão produzindo neste momento uma fissura no mundo."[1]

Não quero a religião dura e visceral que prefere ter Clint Eastwood, e não Jesus, como herói; nem a religião especulativa que tende a aprisionar o evangelho nos salões da erudição; tampouco aquela barulhenta e indulgente, que é um apelo grosseiro à emotividade. Anseio por entusiasmo, inteligência e compaixão numa igreja despojada, que acene gentilmente para que o mundo venha desfrutar da paz e unidade que possuímos pela presença do Espírito em nosso meio.

A assinatura de Jesus, ou seja, a cruz, é a expressão última do amor de Deus pelo mundo. E do Cristo crucificado e ressurreto apenas a Igreja que traz a marca de sua assinatura; apenas aquela que está voltada para fora de si mesma e percorre com ele o caminho da cruz. A igreja que se volta para dentro, em disputas internas e discordâncias teológicas, perde a identidade e a missão.

O que separa os comprometidos dos não-comprometidos é a profundidade e a qualidade de seu amor por Jesus. As pessoas superficiais constroem celeiros maiores na euforia do evangelho da prosperidade; os moderninhos seguem a última moda e tentam garantir cantarolando baixinho seu caminho até o céu; os derrotados são perseguidos por fantasmas do passado.

A minoria vitoriosa, porém, sem deixar se intimidar pelos padrões culturais da maioria que dita o passo, vive e celebra como se Jesus estivesse próximo — no tempo e no espaço — sendo testemunha de nossos motivos, de nosso discurso e de nosso comportamento. Como ele de fato está.

---

[1] Ernest KASEMANN, p. 77.

A fidelidade à Palavra nos levará à rota da *mobilidade descendente* (para citar a frase famosa de Henri Nouwen) em um mundo obcecado com a ascensão. Vamos nos encontrar no caminho não do poder, mas da renúncia ao poder; não do sucesso, mas do serviço; não no caminho largo do louvor e da popularidade, mas naquele estreito do ridículo e da rejeição.

Ser cristão é ser como Cristo. Devemos perder a vida de algum modo, a fim de encontrá-la. O cristianismo prega não apenas um Deus crucificado, mas também homens e mulheres crucificados. "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo" (Gl 6:14). Não há discipulado sem cruz. Não sou seguidor de Jesus se vivo com ele em Belém e Nazaré e não no Getsêmani e no Calvário.

Você é chamado a uma vida de discipulado radical? A pobreza de Madre Teresa? A oração dos pais do deserto? Ao martírio de Dietrich Bonhoeffer? Ao estilo de vida celibatário de Jesus e de Paulo? A uma carreira profética? Ao ministério de tempo integral em favor dos oprimidos e excluídos? Serei eu chamado a essas coisas?

Você precisará tanto de honestidade quanto de discernimento ao ponderar sobre essas questões e ler este livro. Nem todo mundo é chamado, como o jovem rico, a uma renúncia radical de literalmente tudo (cf. Mc 10:17-30).

> Jesus nunca disse a Lázaro e suas irmãs, Marta e Maria, que abrissem mão de tudo que possuíam. Ele não anunciou a Nicodemos e José de Arimatéia que estavam excluídos do reino. O rico Zaqueu proclamou: "Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens" (Lc 19:8) — não tudo, apenas a metade. E ainda assim Jesus disse a ele: "Hoje, houve salvação nesta casa" (v. 9). A reação de Zaqueu já basta para herdar o reino. Isso espelha João Batista replicando às multidões: "Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem" (Lc 3:11).[2]

Há diversos graus de discipulado. Logo depois de minha conversão, comecei a invejar secretamente a generosidade de espírito, a oração profunda e os dons espirituais de outros na comunidade da igreja. Foi uma inesquecível experiência de libertação quando, certo dia em oração, meus olhos caíram sobre as palavras de João Batista: "O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada" (Jo 3:27).

Alguns foram tão traumatizados pela vida que a mera sobrevivência, um dia de cada vez, tornou-se a única preocupação. Outros foram tão manchados pelas circunstâncias, marcados por deficiências físicas e emocionais ou contundidos e esmagados pelos caprichos da vida que mal são capazes de olhar além das próprias necessidades. William Barry, por exemplo, reflete sobre o homem de quem Jesus expulsara uma legião de demônios. Depois da cura, "ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele. *Jesus, porém, não lho permitiu,* mas ordenou-lhe: 'Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti" (Mc 5:18-19,

[2] Walter BURGHARDT, Still *Proclaiming Your Wonders, p.* 136.

grifo do autor). O homem aparentemente não deplorou essa "rejeição" como injusta. Ao contrário, "ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam" (v. 20).[3]

Pelo jeito, esse homem não foi chamado a um discipulado radical. Mas para, assim como nós, ouvir com atenção a primeira palavra de Deus dirigida a nós. Essa palavra é o dom de nós para nós mesmos — nossa existência, nossa natureza, nossa história pessoal, nossa singularidade, nossa identidade. Tudo que temos e somos representa um modo único, que jamais será repetido, de Deus expressar-se no espaço e no tempo. Cada um de nós, feito a sua imagem e semelhança, é mais uma promessa que ele faz ao universo de que continuará a amá-lo e importar-se com ele.

No entanto, mesmo quando a fé nos persuade de que somos uma palavra de Deus, permanecemos ignorantes do que Deus está tentando dizer por meio de nós. Thomas Merton escreveu: "Deus me profere como uma palavra que contém um pensamento parcial dele mesmo. A palavra nunca será capaz de compreender a voz que a profere. Mas se sou fiel ao conceito que Deus profere em mim, se sou fiel ao pensamento que ele teve intenção de corporificar em mim, estarei cheio de sua realidade e o encontrarei em todo lugar de mim mesmo, e a mim mesmo em lugar nenhum. Estarei perdido nele".[4]

Com resistência e perseverança, devemos aguardar que Deus esclareça o que ele quer dizer por meio de nós. Essa espera envolve paciência e atenção, bem como a coragem de deixar-se proferir. Essa coragem vem apenas pela fé em Deus, *que não profere palavra de falsidade.*

Uma das impressionantes lições da Bíblia é o livre uso que Deus faz de frágeis seres humanos a fim de executar seu propósito. Ele nem sempre escolhe o santo e devoto, ou mesmo o emocionalmente estável. O venerável Liebermann, um poderoso missionário do século XIX, era um maníaco-depressivo que não conseguia atravessar uma ponte sem o desejo compulsivo de pular dela. "O Espírito Santo é portador de dádivas, e essas dádivas são às vezes dispensadas em lugares inesperados."[5] Deus confere sua graça profusamente, mas de modo desigual. Ele não oferece explicação para o mistério de que alguns são chamados a um discipulado radical e outros não.

Como somos todos mendigos privilegiados, mas não merecedores, às portas da misericórdia de Deus, os que são chamados a um discipulado radical não têm razão para vangloriar-se: "Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir as sábias; Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes" (1Co 1:27).

O dom do discipulado radical é pura graça aos que não têm nenhum direito a ele, pois os desejos mais profundos de nosso coração não estão sob nosso controle. Não fosse assim, bastaria que escolhêssemos esses desejos e estaria resolvido. A coragem de viver como profeta e amante está além do alcance humano. Sem a graça de Deus não podemos nem ao menos desejar Deus. Sem a graça de Deus não podemos viver de acordo com as palavras de Cristo. Toda minha boa vontade e austera determinação não bastam para manter-me sóbrio. Em todas as salas de

---

[3] *Finding God in All Things.* p. 97-98.
[4] *Seeds of contemplation,* p. 62.
[5] Alan JONES, *Exploring Spiritual Direction, p.* 73-74.

reunião dos Alcoólicos Anônimas ao redor do país estão pendurados os dizeres: "Prossigo apenas pela graça de Deus".

Esse tema é formidavelmente apresentado na novela Franny e *Zooey,* de J. D. Salinger. Bessie tem insistido para que seu filho Zooey providencie ajuda profissional para sua irmã, Franny. Zooey pondera cuidadosamente a questão. Ele finalmente diz: "Para um psicanalista fazer algum bem a Franny, teria de ser um tipo bastante peculiar. Não sei. Teria de acreditar que foi inspirado a estudar psicanálise pela graça de Deus em primeiro lugar. Teria de acreditar que pela graça de Deus não foi atropelado por... por um caminhão antes mesmo de obter sua carteira de motorista. Teria de acreditar que é pela graça de Deus que ele tem inteligência inata para ajudar, de alguma forma, seus pacientes. Não conheço nenhum bom analista que pense dessa forma. Mas é o único tipo que poderia fazer algum bem a Franny".[6]

Jesus deseja ver em discípulos radicais o que ele nota nas criancinhas: um espírito de receptividade pura e simples, completa dependência e confiança radical no poder, na misericórdia e na graça de Deus mediada pelo Espírito de Cristo. Ele disse: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5).

Da mesma forma que meu livro O *evangelho maltrapilho* abordou a graça radical, este livro aborda o tema do discipulado radical. O discipulado é nossa resposta à graça. Qualquer que seja a medida de graça que tenhamos recebido, e não importa o grau de discipulado para o qual fomos chamados, todo cristão está debaixo da cruz de Jesus Cristo, onde encontra salvação.

Por mais oculto e pouco dramático que seja seu testemunho, oro para que você seja suficientemente ousado para ser diferente, humilde para cometer erros, corajoso para queimar-se no fogo e verdadeiro para ajudar os outros a verem que prosa não é poesia, discurso não é canção; e que tangíveis, visíveis e perecíveis não são adequados para seres marcados com o sangue do Cordeiro.

> Ora, disse o SENHOR a Abrão:
>
> "Sai da tua terra, da tua parentela e
> da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei;
> de ti farei uma grande nação,
> e te abençoarei,
> e te engrandecerei o nome.
> Sê tu uma bênção!
> Abençoarei os que te abençoarem
> e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem;
> em ti serão benditas
> todas as famílias da terra.
>
> Partiu, pois, Abrão, como lho ordenara o SENHOR, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã. Levou Abrão consigo a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhes acresceram em Harã. Partiram para a terra de Canaã; e lá chegaram. Atravessou Abrão a terra até Siquém, até ao carvalho de Moré. Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra.

[6] P 109. Citado em William BARRY, Finding *God in* All Things, p. 98.

> Apareceu o SENHOR a Abrão e lhe disse: "Darei à tua descendência esta terra". Ali edificou Abrão um altar ao SENHOR, que lhe aparecera.
>
> Gênesis 12:1-7

CAPÍTULO UM

DE HARÃ A CANAÃ

Abrão deixa Harã — "a tua terra, a tua parentela e a casa de teu pai" — e embarca numa jornada que nunca fizera a uma terra que nunca tinha visto. Ele se põe a caminho, não porque é capaz de prever o papel que irá desempenhar na história da salvação, mas simplesmente por causa de sua experiência pessoal, a experiência espiritual de Deus falando com ele. Não há programa que ele possa detalhar; nenhuma percepção histórica em que ele possa apoiar sua decisão; nenhum modelo pelo qual ele possa obter uma identidade psicológica. A experiência espiritual tornou-se uma convocação: é Deus que ordena. E o futuro é de Deus. Deus, no tempo certo, lhe mostrará a terra. Deus o tornará pai de uma nação.

Apenas Deus fará de sua vida uma benção para todos os miseráveis e desorientados filhos desta terra.

O que é decisivo neste momento para Abrão não é uma visão dos próximos vinte anos, mas uma qualidade de experiência religiosa, uma influência presente de Deus. Isso toca o coração da fé: crer num Deus pessoal que me chama e me conduz. Abrão obedece ao chamado. Por enquanto, o chamado basta. Tivesse ele exigido saber mais detalhes e aspectos práticos do plano estratégico, teria demonstrado a antítese da fé, pois a fé não é jamais baseada em seguranças humanas.

No Novo Testamento, Zacarias, que queria ter certeza, insistiu em alguma garantia divina antes de ceder à palavra de Deus (cf. Lc 1:18). Isso não é fé.

A jornada do homem que viria a ser conhecido como Abraão é paradigma de toda fé autêntica. E um movimento na direção da obscuridade, do indefinido, da ambigüidade, e não de um plano predeterminado e claramente delineado para o futuro. Cada determinação futura, cada passo seguinte, manifesta-se apenas pelo discernimento da influencia de Deus sobre o momento presente. "Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; *e partiu sem saber aonde ia*" (Hb 11:8, grifo do autor). A realidade da vida requer de homens e mulheres cristãos que abandonem o que é estabelecido, óbvio e seguro e adentrem o deserto sem nenhuma explicação racional que justifique suas decisões e garanta

seu futuro. Por quê? Pura e simplesmente porque Deus sinaliza nessa direção e lhe oferece sua promessa.

E instrutivo lembrar que Abraão, antes do encontro com o único e verdadeiro Deus, tinha diversas crenças religiosas, como todos de sua tribo e da região de Harã (mesmo os ateus as têm, pois não crer cm Deus é, por si mesmo, crença religiosa).[7] O que aconteceu a Abraão é que ele foi convocado por Deus dessas crenças religiosas para a fé — o que é um passo tremendo.

Para os cristãos contemporâneos existe uma diferença essencial entre fé e crença. Nossas crenças religiosas são a expressão visível de nossa fé, nosso compromisso com a pessoa de Jesus. Porém, se as crenças cristãs que herdamos de nossos pais e nos foram passadas pela tradição eclesiástica não estão fundamentadas numa abaladora e transformadora experiência de Jesus como Cristo, o abismo entre nossas declarações de crença e nossa experiência de fé se amplia e nosso testemunho de nada vale. O evangelho não vai persuadir ninguém a não ser que nos tenha convencido de que somos transformados por ele.

Depois de dois mil anos de historia da igreja, por que menos de um terço da população mundial é cristã? Por que é tão opaca a personalidade de tantos cristãos devotos? Por que Friedrich Nietzsche repreendeu os cristãos por "não aparentarem estar salvos?". Por que é tão raro ouvirmos o que o velho advogado disse de John Vianney: "Algo extraordinário aconteceu-me hoje: vi Cristo num homem"?. Por que nosso entusiasmo, alegria e gratidão contagiantes não contagiam outros com o anseio por Cristo? Por que estão o fogo e o espírito de Pedro e Paulo tão claramente ausentes de nossa pálida existencia?

Talvez porque poucos de nós tenham empreendido a jornada de fé cruzando o abismo entre o conhecimento e a experiência. Preferimos ler o mapa a visitar o lugar. O fantasma de nossa verdadeira incredulidade nos persuade de que não é a experiencia que é real, mas nossa explicação da experiência. Nossas crenças — aquilo que William Blake chamava de "algemas forjadas pela mente" — nos distanciam do domínio da experiência pessoal.

Daniel Taylor escreve:

> O mundo secular das idéias joga o jogo da dúvida quase que exclusivamente, e em geral desdenha de quem não o faz. Ironicamente, no entanto, a igreja também joga, até certo ponto, o mesmo jogo. O mistério do evangelho, o paradoxo da encarnação e o assombroso enigma da graça são congelados em sistemas altamente racionalizados e/ou autoritários de teologías, códigos, regras, prescrições, ordens de serviço e formas de governo eclesiástico. Tudo *é* colocado por escrito, tudo é organizado, de modo que tudo possa estar definido e os transgressores possam ser detectados.[8]

O movimento de Harã para Canaã é a jornada através desse abismo. Temos de passar definitivamente das crenças para a fé. Sim, somos

[7] Peter van BREEMEN, *Called by Nome,* p. 8.

[8] The *Myth of Certainty,* p. 134.

chamados para crer em Jesus. Mas nossa crença nos convoca a algo maior, à *fé* nele. Fé que nos irá forçar a perseguir a mente de Cristo, a abraçar um estilo de vida de oração, altruísmo, bondade e envolvimento na construção do reino dele, não do nosso.

Quando chamou Abraão para abandonar a segurança do mundo que lhe era familiar. Deus pediu-lhe também que abandonasse suas crenças religiosas politeístas. Todos os seus conceitos anteriores a respeito de Deus ficaram para trás. O mesmo processo é necessário para nós. Quando nos encontramos com Deus revelado por e em Jesus Cristo, devemos revisar todo o nosso pensamento anterior a respeito de Deus. Na qualidade de revelador da divindade, Jesus define Deus como amor. A luz dessa revelação devemos abandonar a estrutura cancerosa e comida pelos vermes do legalismo, do moralismo e do perfeccionismo que corrompem a boa-nova, fazendo dela um código ético em vez de um caso de amor.

Jesus lancetou a infecção de uma crença religiosa que havia perdido sua alma e sequer se dera conta disso. Os fariseus haviam distorcido a imagem de Deus, apresentando-o como um remoto contabilista que está constantemente espionando os pecadores (e que um dia nos pegará se nossas contas não estiverem em ordem). Os fariseus estavam tão ocupados refinando e desinfetando as fórmulas da religião, eram tão assíduos em estudar aquilo em que acreditavam, que esqueciam a realidade para a qual suas crenças apontavam. Creram durante muito tempo, mas sua fé estava entorpecida. Esperaram o Messias por tanto tempo que suas expectativas estavam embotadas.

E, ainda assim, a despeito da condenação de Jesus à religião farisaica, o espírito de legalismo, "como a semente mais vil do Jardim recoberto de mato, tem florescido na treliça dos séculos".[9] Muitos cristãos permanecem temerosos, pois se apegam ainda à idéia de um Deus muito diferente da que foi pregada por Jesus. Permanecem em Harã com seu velho sistema de crenças intato.

Crêem que podem salvar a si ficando quietos sem respirar, ou embarcando em jejuns, vigílias ou empreendimentos heróicos, esperando extrair à força a aprovação de Deus.

Vez após outra Jesus declarou que o medo é inimigo da vida.

> Não temas, crê somente (Lc 8:50).
>
> Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino (Lc 12:32).
>
> Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais! (Mt 14:27).

O medo gera uma cautela letal, uma prevenção, uma espera estagnada, até que as pessoas não sejam mais capazes de lembrar o que estão esperando ou para que estão se salvando. Quando tememos o fracasso mais do que amamos a vida; quando somos dominados pelos pensamentos do que deveríamos ter sido em vez dos pensamentos do que podemos vir a ser; quando somos assombrados pela disparidade entre nosso eu ideal e nosso verdadeiro eu; quando somos atormentados pela

[9] Eugene KENNEDY, *The Choice To Be Human: Jesus Alive in Matthews Gospel,* p. 211-212.

culpa, pela vergonha, pelo remorso e pela autocondenação, negamos nossa fé no Deus de amor. Deus nos chama a levantar acampamento, a abandonar o conforto e a segurança do *status quo* e embarcar na perigosa liberdade da jornada rumo à nova Canaã. Mas adiar por medo representa não apenas a decisão de permanecer em Harã, mas também falta de confiança.

Minha própria fé vacilante me levou a procrastinar com respeito ao chamado de Deus para casar-me com Roslyn. Adiei a decisão por três anos (coisa que foi, em si mesma, uma decisão), esperando que Deus se cansasse de esperar e que a voz interior da verdade ficasse com laringite. Antes de abandonar o cenário familiar da vida franciscana, eu queria que Deus esboçasse linhas definidas para que eu pudesse saber exatamente aonde estava indo. Naturalmente, a fé autêntica esquiva-se dessa certeza. Significa que não temos nada a que nos apegar. Temos sempre de deixar algo para trás e não olhar para trás (cf. Lc 9:62). Sc nós nos recusamos a avançar, insistindo em sinais e provas tangíveis, diminuímos nossa fé, e isso quer dizer incredulidade. Ironicamente, ao longo do processo inteiro, minhas crenças religiosas mantiveram-se firmes e inabaláveis.

O Deus de Abraão, que é o Deus e pai de Jesus Cristo, não é uma ameaça. A certeza de que ele deseja que vivamos, cresçamos e desabrochemos, e que experimentemos a plenitude de vida, é a premissa básica da fé autêntica. Ainda assim a minha relutância em fazer a oração de abandono de Charles de Foucauld — "Pai, faça o que quiser" — revela que estou ainda sob o domínio do ceticismo e do temor: *Deixar que Deus faça o que quiser comigo pode ameaçar minha saúde, minha reputação e minha segurança. Ele pode me tirar o relógio Rolex e me enviar para a Tanzânia como missionário. Se ele ao* menos *me deixasse permanecer no templo do que me é familiar* eu *me confiaria a ele de todo coração.*

A fé bíblica é uma atitude adquirida gradualmente ao longo de muitas crises e provações. Por meio do doloroso teste com seu filho Isaque (cf. Gn 22:1-19), Abraão aprende que Deus quer que vivamos e não morramos; que cresçamos, e não murchemos. Ele sabe que o Deus que o chamou à esperança contra a esperança é digno de fé. "Talvez seja essa a essência da fé: estar-se convencido da confiabilidade de Deus."[10]

Louis Evely conta a história de uma velha senhora que lia a *Vida de Jesus* de Renan e muitos outros "breviários do ceticismo". Ela declarou: "Simplesmente não posso acreditar que Jesus seja Deus. Se fosse, ele teria me dado alguma prova, pois tenho desejado com sinceridade crer nele". Ela não havia de nenhuma forma desejado crer; ela desejara *conhecer,* descobrir algum fato que pudesse satisfazer o seu intelecto. Mas a fé verdadeira não reside apenas no intelecto. A verdade que é Cristo não é algo puramente racional. Quando amamos alguém, mil argumentos não representam uma prova, nem mil objeções representam uma dúvida.[11]

Se há algo que aprendi na neblina crescente da meia-idade, é que a jornada de Harã para Canaã é pessoal. Cada um de nós traz consigo a responsabilidade de responder ao chamado de Cristo individual e de comprometer-se com ele pessoalmente. Creio de fato em Jesus ou nos pregadores, professores e na nuvem de testemunhas que me falaram *a*

[10] Peter van BREEMEN, *Called by Name,* p. 16.
[11] *That Man is You,* p. 114.

respeito dele? O Cristo da minha crença é realmente meu ou aquele dos teólogos, pastores, pais e Oswald Chambers? Ninguém — pais, amigos ou igreja — pode nos desobrigar da decisão última e pessoal a respeito da natureza e identidade do filho de Maria e José. Sua pergunta a Pedro, *quem dizeis que eu sou?,* é dirigida a cada candidato a discípulo.

Tomemos algum tempo para refletir na credibilidade daquele que nos chama. Ele me pede para arriscar tudo alegando ser o caminho, a verdade e a vida. Ao contrário de Buda, Maomé e dos fundadores de outras grandes religiões mundiais, ele me comida não apenas a crer nos seus ensinos, mas a colocar toda a minha fé nele. Quem é esse carpinteiro de Nazaré que ousa exigir entrega total a ele?

Sua árvore genealógica está longe de ser impressionante. A genealogia de Jesus, filho de Davi e filho de Abraão, registrada por Mateus, inclui o nome de algumas mulheres de reputação duvidosa: Tamar, nora de Judá, disfarçou-se de prostituta a fim de engravidar dele (cf. Gn 38:12-30); Raabe é a famosa prostituta de Jericó (cf. Js 2:1); e Bate-Seba, que deu à luz um filho depois de um ato de adultério com o rei Davi, que, não conseguindo esconder sua paternidade, assassinou o marido dela, Urias (cf. 2Sm 11).

É claro que Deus não elege necessariamente os que têm um pedigree irrepreensível para fazer sua obra neste mundo.[12] Em seu livro *Toxic Faith,* Steve Arterburn e Jack Felton listam 21 crenças de fé tóxica. "Deus usa apenas gigantes espirituais" tem proeminência na lista:

> Muitos deixam de receber a benção que vem de ministrar aos outros por causa da crença de que Deus usa apenas os perfeitos ou quase perfeitos[...] Na minha vida, bem como na Escritura, nunca vi nada mais longe da verdade. Deus com freqüência usa os que têm as maiores falhas, ou que passaram por muita dor, para realizar tarefas vitais no seu reino [...] Para Deus, ninguém está arrebentado demais para ser usado.[13]

De fato: a genealogia de Jesus não inspira confiança messiânica. O que dizer de seu nascimento? Obscuro? Sim, absoluta e notavelmente obscuro. As circunstâncias de sua concepção, para não dizer muito, são constrangedoras. ("Bem, imagine você tentando dizer a alguém que seu filho, que eles sabem ter nascido sete meses depois de seu casamento, e que eles consideram com motivos ser uma ameaça para a lei e ordem tanto civil quanto eclesiástica, foi concebido pelo Espírito Santo!")[14]

Trinta anos depois esse camponês galileu relativamente sem instrução vai ao rio Jordão para ser batizado por João, para o perdão dos pecados. Sua carreira é lançada. Ele não se torna nem homem de estado nem economista, nem general nem autor de renome, embora fosse certamente contador de histórias e tivesse algo de poeta. Enquanto perambulava pelo interior do país, sua família decidiu que ele precisava ser colocado sob custódia preventiva (cf. Mc 3:21). Os líderes religiosos de seu tempo

---

[12] James MACKEY, *Jesus: The Man and the Myth,* p. 274-275. Aqui me baseei expressivamente *no* cuidadoso estudo de Mackey para o tratamento da genealogia de Jesus.

[13] P.72-73.

[14] James MACKEY, *Jesus: The Man and the Myth,* p. 278.

suspeitavam de possessão demoníaca (3:22) e observadores usavam nomes nada lisonjeiros para referir-se a ele. Finalmente ele foi executado como herege, blasfemo, falso profeta e instigador do povo depois do devido julgamento diante dos tribunais supremos do país.

Esse *é o Filho de Deus? É* esse o homem que me chama para dedicar a ele toda minha vida? O homem que me diz que a vida não tem significado fora dele?

Que a fonte de nossa fé possa achar-se num homem de nascimento obscuro (e portanto vulnerável à suspeita) e que morreu a morte de um criminoso; que a substância de nossa fé deva consistir na convicção de que foras-da-lei, pecadores e criminosos possam dizer "Abba", a Deus; que prostitutas possam entrar no reino de Deus antes dos "religiosamente respeitáveis" — não se trata de uma visão de fé passível de reflexão ou bom senso!

A mera leitura da Bíblia não é capaz por si mesma de produzir o comprometimento da fé cristã. Nem as crenças dos meus pais, professores ou da igreja, nem o testemunho de amigos, nem culto ou credo, nem código ou instituição, nem livros como este ou mil sermões de Billy Graham, Tony Campolo e Chuck Swindoll podem, por si mesmos, produzir o comprometimento da fé cristã.

A *possibilidade de qualquer pessoa reconhecer na frágil humanidade de Jesus a plenitude do poder de Deus para salvar vem apenas de uma intervenção miraculosa de Deus.* "A fé radical não é um êxito pessoal, pois se fosse bastava que tivéssemos a força de vontade necessária e estaria resolvido. Ao contrário, é um presente, e a nós cabe corresponder, vigiar e orar".[15] Escrevendo aos coríntios, Paulo reconhece que o Espírito, entregue por Jesus, torna possível o ato mais básico da vida cristã: "Ninguém pode dizer: "Senhor Jesus!", se não pelo Espírito Santo" (2Co 12:3).

A fé que Jesus inspirava em seus discípulos tinha impacto tão profundo neles que achavam impossível crer que outro pudesse se igualar a ele ou suplantá-lo: nem Moisés ou Elias, nem mesmo Abraão. Que um profeta ou juiz ou Messias pudesse vir depois de Jesus e ser maior do que Jesus era inconcebível. Não era necessário esperar por mais ninguém. Jesus era tudo. Jesus era tudo o que os judeus haviam esperado e pelo que haviam orado. Jesus cumprira, ou estava prestes a cumprir, toda promessa e toda profecia. Se alguém deve julgar o mundo no final, deve ser ele. Se alguém deve ser apontado como Messias, Rei, Senhor, Filho de Deus, como poderia ser outro que não Jesus?

> Jesus foi experimentado como o momento revolucionário na história da humanidade. Ele transcendeu tudo que havia sido dito e feito anteriormente. Ele era em todos os sentidos o definitivo, a última palavra. Seu Espírito era o Espírito de Deus. Seus sentimentos eram os sentimentos de Deus. O que ele defendia e representava era exatamente o mesmo que Deus defendia e representava. Nenhuma avaliação mais elevada era possível.[16]

[15] Walter BRUEGGEMANN, *The Prophetic Imagination,* p. 112.

[16] Albert NOLAN, Jesus Before *Christianity,* p. 136.

Era essa a experiência dos seguidores de Jesus. A fé cristã contemporânea ressoa com a avaliação da igreja primitiva. Num sentido muito real, Jesus é nossa fé. Como escrevi anteriormente, "não somos agentes de viagem entregando folhetos turísticos de lugares que nunca visitamos". Somos exploradores de fé de um país sem fronteiras, país que descobrimos, pouco a pouco, não ser um lugar, mas uma pessoa. Nossa fé inclui nossas crenças, mas também as transcende, pois a realidade de Jesus Cristo nunca pode ser confinada dentro de formulações doutrinárias.

A pergunta, portanto, não é mais: *Jesus de fato é semelhante a Deus?,* mas: *Deus de fato é semelhante a Jesus?* Esse é o sentido tradicional da declaração de que Jesus é a Palavra de Deus. "Não é Deus que nos revela Jesus, é Jesus que nos revela Deus".[17] Não podemos deduzir nada sobre Jesus do que pensamos que sabemos a respeito de Deus; devemos deduzir tudo a respeito de Deus do que sabemos sobre Jesus.

Como aconteceu com Abraão, as imagens anteriores que tínhamos de Deus ficam para trás.

A DÁDIVA DA MINHA FÉ em Jesus não depende nem se apóia em nenhum poder externo à minha experiência da graça de Deus. Quando as crenças substituem a verdadeira experiência; quando, passamos a nos apoiar na autoridade de livros, instituições ou lideres sem os *conhecermos;* quando deixamos a religião se interpor entre nós e a experiência primária de Jesus como Cristo, perdemos a realidade que a própria religião descreve como última.

A propósito, aqui jaz a origem de todas as guerras religiosas, bem como do preconceito, da intolerância e da divisão dentro do corpo de Cristo. Nada representou fracasso maior para o cristianismo do que as Cruzadas. E atordoante enumerar o número de batalhas supostamente travadas em nome da "verdadeira" fé. Conflitos de crenças estão por trás do terrorismo que aparece diariamente nas manchetes, "e a intimidação que é exercida de forma anônima, mas com o sentimento de superioridade moral, para converter pessoas comuns a práticas e seitas que alegam ter a combinação secreta da caixa-forte do favor de Deus".[18]

Depois de 22 anos vivendo uma fé de segunda mão, em 8 de fevereiro de 1956 encontrei Jesus e me transferi de Harã para Canaã — da crença à fé. Era meio-dia. O sino do ângelus do isolado monastério carmelita soava à distância. Eu estava ajoelhado numa pequena capela em Loretto, Pensilvânia. As 15h5min ergui-me tremendo do chão, sabendo que a maior aventura da minha vida havia apenas começado. Entrei numa nova perspectiva detalhadamente descrita por Paulo em Colossenses 3:11: "Cristo é tudo, e em todos".

> Durante aquelas três horas de joelhos, senti-me como um menininho ajoelhado na beira da praia. Pequenas ondas lambiam meus joelhos e batiam contra eles. Lentamente as ondas foram se tornando maiores e mais fortes, até chegarem à altura do peito. De repente uma onda tremenda, com força de concussão, jogou-me

[17] Idem.p. 137-

[18] Eugene KENNEDY, *The Choice to Be Human,* p. 213-214.

> para trás e arrebatou-me da praia: eu cambaleava no ar, arqueando pelo espaço, vagamente consciente de que estava sendo carregado para um lugar em que nunca estivera antes — o coração de Jesus Cristo...
>
> Nessa experiência, então inédita em minha vida, de ser incondicionalmente amado, movia-me para a frente e para trás entre o êxtase e o temor[...] O momento persistiu continuamente num *agora* sem fim até que, sem aviso, uma mão agarrou meu coração. Eu mal podia respirar. A consciência de ser amado não era mais gentil, terna e confortável. O amor de Cristo, o crucificado Filho de Deus, assumiu a selvageria, a fúria e a paixão de uma repentina tempestade de verão. Jesus *morreu na cruz por mim!*
>
> Eu o conhecera antes, mas do modo que John Henri Newman descreve como "conhecimento conceituar — abstrato, distante, em grande parte irrelevante para os assuntos mais viscerais da vida: apenas mais uma quinquilharia na casa de penhores das crenças doutrinais. Mas num único e ofuscante momento de verdade salvífica, aquele era o conhecimento *real* chamando-me para um compromisso de mente e coração. O cristianismo era ser amado e apaixonar-se por Jesus Cristo. Mais tarde as palavras da primeira cana de Pedro iluminariam e legitimariam minha experiência: "A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma" (1:8-9).
>
> Finalmente, exaurido, esgotado, sentindo-me débil e perdido numa humildade sem palavras, eu estava de volta ajoelhado na praia, com ondas serenas e calmas me abraçando como se fosse a maré gentil saturando minha mente e meu coração numa tranqüila condição de adoração profunda.[19]

Naquele dia eu conheci o amor e o poder de Deus — a essência da fé cristã. Devemos conhecer o amor e o poder de Deus com um conhecimento maior do que o nosso porque eles estão além da simples capacidade humana de conhecer. Devemos conhecê-los com a mente do próprio Cristo. Esse é o encontro redentor cristão básico. É o movimento da crença à experiência pela ponte da fé.

A fim de nos comprometermos com um discipulado radical, a fim de vivermos com a assinatura de Jesus escrita nas páginas de nossa vida, precisamos da força e do encorajamento de outros cristãos. Porém nossa necessidade mais profunda é do inesgotável poder do amor de Cristo. O milagre do cristianismo está no fato de que essa necessidade já está satisfeita. Por meio de uma vida séria de oração, tornamo-nos cônscios de que já temos o que buscamos. Pela fé chegamos à consciência do que já está de fato lá (falarei sobre isso mais adiante). O poder reside dentro de nós, excedendo de tal forma nossa necessidade que o contato consciente com ele nos arrebata para fora de nós mesmos, além de qualquer coisa

[19] Brennan MANNING, *Lion and Lamb: The Relentless Tenderness of Jesus,* p. 33-34-

que tenhamos imaginado ou desejado, para dentro da realidade que é Cristo.

Foi-me dada a cópia de uma carta encontrada no escritório de um jovem pastor do Zimbabué, na Africa, depois de seu martírio pela fé em Cristo. Cito essa carta textualmente:

> Sou parte da fraternidade dos que não se envergonham. Tenho o poder do Espírito Santo. A sorte foi lançada. Ultrapassei a linha. A decisão foi tomada — sou discípulo dele. Não olharei para trás, não darei trégua, não diminuirei o ritmo, não retrocederei e não ficarei parado. Meu passado está redimido, meu presente faz sentido, meu futuro está assegurado. Não agüento mais vida medíocre, andar pela visão, joelhos macios, sonhos sem cor, visões amansadas, conversa mundana, doação barata e alvos minimizados.
>
> Não mais preciso de proeminência, prosperidade, posição, promoções, aplausos ou popularidade. Não tenho de estar certo, ser o primeiro, o maioral, reconhecido, louvado, querido ou premiado. Vivo agora pela fé, reclino-me em sua presença, ando por paciência, sou elevado pela oração e obro com poder.
>
> Meu rosto está decidido, minha marcha é acelerada, meu alvo é o céu, meu caminho é estreito, minha estrada acidentada, meus companheiros poucos, meu Guia confiável, minha missão clara. Não posso ser comprado, dissuadido, desviado, seduzido, mudado de rumo, iludido ou atrasado. Não recuarei diante do sacrifício, não hesitarei na presença do inimigo, não me entregarei aos valores da popularidade e não perambularei no labirinto da mediocridade.
>
> Não desistirei, não me calarei e não darei trégua até que tenha, à última medida, permanecido, acumulado, orado, pagado à vista e pregado pela causa de Cristo. Sou discípulo de Jesus. Devo ir em frente até que ele venha, doar-me até esgotar-me as forças, pregar tudo que sei, e trabalhar até que ele me detenha. E, quando ele vier por si mesmo, não terá problema em me reconhecer (...) minha bandeira estará clara.

Talvez a única medida honesta da fé autêntica seja a prontidão para o martírio. Não apenas minha disposição de morrer por Jesus Cristo e pelo evangelho, mas de viver por ele um dia de cada vez.

A cruz é a assinatura permanente do Cristo ressurreto. O estilo de vida assinado por ela requer uma fé desprovida de emocionalismo, êxtases e visões. "Andamos por fé e não pelo que vemos" (2Co 5:7). Por ser dom de Deus, a fé nos conclama a um severo esforço de nossa parte, se tiver de dar fruto. O eremita contemporâneo Carlo Caretto escreve: "Deus nos dá o bote e os remos, mas então nos diz: 'remar é com você'. Realizar aros positivos de fé é como treinar essa faculdade; ela é desenvolvida pelo treino, da mesma forma que os músculos são desenvolvidos pelos ginastas".

Este livro não é uma pastoral delicada, nem uma série de meditações bem-comportadas para gente devota. É um livro sobre ser herói e heroína por causa de Jesus Cristo — por causa de ninguém menos do que Cristo, e de tal modo que apenas os olhos de Jesus precisem ver. E um chamado

para uma fé autêntica e um discipulado radical, à pureza do evangelho, à estrada principal para o Calvário e ao escândalo da cruz, a uma vida de liberdade sob a assinatura de Jesus.

Em última análise, a fé não é a soma de nossas crenças, ou um modo de falar, ou um modo de pensar; é um modo de viver e pode ser articulado adequadamente apenas numa prática de vivência. Reconhecer Jesus como salvador e Senhor é significativo na medida em que tentamos viver como ele viveu e ordenar nossa vida de acordo com os valores dele. Não precisamos teorizar a respeito de Jesus; precisamos fazê-lo presente em nosso tempo, em nossa cultura, em nossas circunstâncias. Apenas a verdadeira prática da fé cristã pode legitimar o que cremos. Como gostava de dizer o filósofo francês Maurice Blondel: "Se você quer realmente entender em que um homem acredita, não ouça o que ele diz, mas observe o que ele faz".

Uma sugestão simples: a cada página virada deste livro, sussurre as palavras: "Senhor, aumente a minha fé".

CAPÍTULO DOIS

A ASSINATURA DE JESUS

Conheço um homem que por 25 anos tem se recusado a permitir uma cruz ou um crucifixo em sua casa. Longe de ser superficial, ele é uma pessoa de integridade. Não grita em coro com a multidão nem dispensa o cristianismo como antigüidade mofada de um passado medieval. Por que então a recusa? Em suas palavras: "Eu não agüento a cruz. Ela é uma negação de tudo o que valorizo na vida. Sou um homem orgulhoso e sensual. Busco o prazer. A cruz me repreende. Ela diz: 'Você está errado. Sua vida deve assumir esta forma. Esta é a única interpretação da vida, e a vida só é verdadeira quando assume esta forma'". E por essa razão ele não permite o símbolo do Cristo crucificado dentro de sua casa. Em sua honestidade ele sabe que, para permiti-lo, deve comprometer-se a um modo de vida que contradiz a que está vivendo.

Essa história sobre um homem que foge de Deus está longe de ser nova. Francis Thompson contou-a mais de cem anos atrás em forma de poesia:

> Pelas noites e pelos dias...
> Dele fugi, pelas rotas labirínticas
> da minha mente; e em meio a lágrimas
> Dele me ocultei, e sob risos incessantes.
> E o Sabujo Celeste replica:

> "Eis que todas as coisas fogem de ti, pois foges de mim! Pobre, estranha e fútil coisa és".[20]

Para o apóstolo Paulo, hostilidade à cruz é a característica primordial do mundo. Aos gálatas Paulo escreve que o cristão se distingue de forma mais profunda pelo fato de que, por meio da cruz de Jesus, o mundo está crucificado para ele e ele para o mundo. Aos coríntios Paulo diz que manifestamos a vida de Jesus apenas quando levamos sobre nós a sua morte. O que Paulo diz a eles aplica-se a todo cristão. Somos discípulas apenas enquanto nos mantemos sob a sombra da Cruz.

O Mestre disse: quem "não tomar a sua cruz e me seguir não é digno de mim" (Mt 10:38). Dietrich Bonhoeffer, o mártir alemão, captou o significado disso ao escrever: "Quando chama alguém, Jesus o convida: 'venha e morra'".[21] Não temos razão nem direito a escolher outro caminho senão o escolhido por Deus em Jesus Cristo. A cruz é tanto um símbolo de nossa salvação quanto um padrão para nossa vida.

Quando nossas crenças dogmáticas e princípios morais não se materializam em discipulado, nossa santidade é uma ilusão. E o mundo não tem tempo para ilusões. Hoje em dia a comunidade cristã não incomoda o mundo. E por que deveria? A cruz é lugar-comum no brinco da cantora de rocíe Madonna tanto quanto numa pedra tumular.

A piedade cristã trivializou o apaixonado Deus do Gólgota. A arte cristã transformou o impronunciável ultraje do Calvário em respeitáveis peças de joalheria. A adoração cristã sentimentalizou um monstruoso escândalo, reduzindo-o a encenação sagrada. A religião organizada domesticou o crucificado Senhor da glória, transformando-o em comportado símbolo. Vista como relíquia da igreja, a cruz não incomoda nossa confortável religiosidade. Mas quando **O** Cristo crucificado e ressurreto, em vez de permanecer um ícone, torna-se vivo e nos entrega ao fogo que veio atear, ele gera mais estrago do que todos os hereges, humanistas seculares e pregadores em causa própria juntos.

Há na igreja americana hoje uma aterrorizante preocupação com trivialidades. Com a gravidade de um juiz sentenciando um enforcamento, enganamo-nos com as canções que cantamos e as canções que nos recusamos a cantar. William Penn disse: "Ser como Cristo é ser cristão".[3] E Jesus exige nada menos do que colocarmos nosso ego e nossos desejos na cruz. Hoje em dia muitas igrejas tentam diminuir o risco e o perigo desse chamado. Acolchoamos o risco e removemos o perigo do discipulado fazendo uma lista de regras morais que nos fornecem segurança em vez de uma insegurança santa. A Palavra da cruz, o poder e a sabedoria de Jesus Cristo crucificado, é notável por sua ausência.

Recentemente um amigo me fez um chamado interurbano para perguntar se eu estava incomodado com o que determinado evangelista dissera em seu programa na televisão sobre os católicos romanos. Respondi que nada do que ele diz me incomoda; é o que ele não diz que me incomoda. Martin Marty, professor de história da igreja da Universidade de Chicago, coloca da seguinte forma: "O problema é que cristianismo e celebridade não andam bem juntos. A celebridade tem um ego enorme e precisa alimentá-lo. Esses programas retratam

[20] "The Hound of Heaven", *Representative Poetry* Online. [2] The Cost *of Discipleship.*

[21] Citado em The *Doubleday Christian Quotation* Collection, p. 151.

erroneamente o governo, o humanismo e as religiões históricas. Eles não convertem, confirmam. Não consigo visualizá-los mudando pessoas".

Mas *mudar as pessoas é o* ponto *central* — desacostumar-nos de nossos valores mundanos. O apóstolo Paulo estava consciente do mundanismo que havia penetrado e ganhara terreno dentro da igreja. Ele disse que havia inimigos da cruz de Cristo na Galácia e em Corinto, em Filipos e em Roma — não tanto entre os hesitantes quanto entre os mais devotos membros da igreja. Jesus não morreu nas mãos de assaltantes, estupradores ou criminosos. Ele caiu nas mãos bem lavadas de sacerdotes e advogados, homens de estado e professores —os membros mais respeitáveis da sociedade.

Em seu livro *The Cost of Discipleship* [O custo do discipulado], Bonhoeffer definiu "graça barata" como graça sem a cruz. Quando o Jesus Cristo crucificado não é proclamado e vivido por amor, a igreja é uma sociedade entediada e entediante. Não há poder, não há desafio, não há fogo. Não há mudança. Tornamos enfadonho o que deveria ser dramático. O cristão é amante de Cristo e de sua cruz.

Voltando a Ernst Kasemann:

> Um homem pode ser considerado amante da cruz apenas na medida em que Isso o capacita a ajustar as contas consigo, com os outros e com os poderes e as seduções do mundo. Sob a cruz, o homem alcança a hombridade[...] não há como compartilhar da glória do Senhor ressurreto se não no discipulado da cruz.[22]

Em abril de 1944, um ano antes de sua morte, quando era prisioneiro num campo de concentração em Flossenburg, Alemanha, Bonhoeffer escreveu: "O que está me incomodando muito é a questão de saber o que o cristianismo realmente é, ou de fato o que Cristo é para nós hoje".[23] Essa é a pergunta que cada um de nós deve proferir por si mesmo. Quem é Jesus? O que o discipulado envolve em nossos dias? Tudo o mais é distração.

O Jesus de minha jornada é o crucificado. O sinal de seu senhorio é a cruz, apenas a cruz. Ela é a assinatura do ressurreto. O Cristo glorificado é identificável com o Jesus histórico de Nazaré apenas como o Homem da cruz.

Tão central para a história da salvação é a assinatura de Jesus que Paulo não hesita em dizer: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 2:2). Paulo chegou a Corinto vindo de Atenas, onde acabara de ficar desencorajado com seu fracasso em conquistar a comunidade grega recorrendo à teologia natural. Para a população da licenciosa cidade portuária de Corinto, onde a imoralidade sexual prevalecia, Paulo abandonou a abordagem de sabedoria e pregou em seu lugar a insensatez da cruz. Num atordoante paradoxo, ele diz aos coríntios:

---

[22] *Jesus Means Freedom,* p. 176.

[23] Letters *and Papers from Prison,* p. 279.

> Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. [...] Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.
>
> 1Coríntios 1:18,22-25.

A palavra grega para "loucura" sugere algo obtuso, insípido — estúpido, não no sentido de ser perigoso de forma declarada, mas no de ser abertamente desprezado, ignorado por ser ridículo. E é isso o que Paulo proclama. Sua revelação vai contra as expectativas dos judeus e dos gregos. Os judeus esperavam um Messias, mas a morte vergonhosa de Jesus numa cruz provara que ele não era o glorioso libertador que eles aguardavam. A cruz representava um obstáculo à fé.

Os gregos estavam certos de que o Messias seria um filósofo maior do que Platão, capaz de demonstrar a ordem e a harmonia do universo. Um Messias que desafiasse essa piedade erudita e intelectualizada invertendo seus valores e morrendo numa cruz, vítima do que há de mais bestial e irracional na humanidade, seria de fato estupidez para eles.

Ainda assim Paulo pregava a Palavra da cruz no poder do Espírito e tinha espantoso sucesso. Tanto judeus quanto gregos colocavam de lado seus preconceitos e eram arrebatados pelo poder e pela sabedoria da cruz. Pois a cruz não é uma mensagem sobre sofrimento, mas sobre o Cristo sofredor "que me amou e entregou a si mesmo por mim" (Gl 2:20).

A Sexta-Feira Santa lembra-nos de que não seremos ajudados pelo poder, apenas pela renúncia de poder, da parte de Deus, por amor de nós. O poder nos força a mudar; apenas o amor pode nos mover a mudar. O poder afeta o comportamento; o amor afeta o coração. E nada na terra move o coração mais do que o amor sofredor. É por isso que a expressão perfeita do amor de Deus por nós é a figura moribunda de Jesus implorando que alguém umedeça seus lábios ardentes.

No inverno de 1968 vivi numa caverna nas montanhas do deserto de Zaragoza, na Espanha. Por sete meses não vi ninguém, não ouvi o som de uma voz humana. Talhada na face da montanha, a caverna erguia-se a 1.800 metros acima do nível do mar. A cada domingo de manhã um irmão do vilarejo de Farlete, lá embaixo, deixava comida, água potável e querosene num lugar designado. Dentro da caverna uma divisão de pedra separava a capela à direita do alojamento à esquerda. Uma laje de pedra coberta de sacos de batata servia de cama. O restante da mobília era uma escrivaninha áspera de granito, uma cadeira de madeira, um fogão portátil e uma lâmpada de querosene. Da parede da capela pendia um crucifixo de um metro de comprimento. Eu acordava todas as madrugadas às duas horas e seguia para a capela para uma hora de adoração noturna.

Na noite de 13 de dezembro, durante o que começou como uma longa e solitária hora de oração, ouvi na fé Jesus Cristo dizendo: "Por amor a você deixei o lado de meu Pai. Vim até você, que correu de mim, fugiu de

mim, não quis ouvir meu nome. Por amor a você fui coberto de cuspe, esmurrado, surrado e preso à madeira da cruz".

Essas palavras estão escritas a ferro e fogo em minha vida. Quer eu esteja em estado de graça, quer em desgraça, euforia ou depressão, aquela noite de fogo permanece ardendo silenciosamente. Olhei para o crucifixo por um longo tempo; com os olhos da mente vi o sangue brotando de cada poro de seu corpo, e ouvi o clamor de suas feridas: "Isto não é piada. Não é motivo de riso para mim eu ter amado você". Quanto mais eu olhava mais percebia que nenhum homem havia me amado e ninguém poderia me amar como ele amou. Saí da caverna, fiquei em pé junto ao precipício e gritei para a escuridão: "Jesus, você é maluco? Perdeu o juízo para ter me amado tanto?".

Aprendi naquela noite o que um sábio me dissera anos antes: "Apenas aquele que o experimentou pode saber o que é o amor de Jesus Cristo. Uma vez tendo-o experimentado, nada no mundo parecerá mais belo ou desejável".

O Senhor revela-se a cada um de nós em milhares de formas. Para mim o rosto humano de Deus é o Jesus estrangulado projetando-se contra um céu que escurece. Em outra de suas cartas da prisão, Bonhoeffer escreveu: "Esse é o único Deus que conta". Cristo na cruz não é mera precondição teológica para a salvação. Ele é a duradoura Palavra ao mundo, dizendo: "Veja o quanto eu os amei. Assim vocês devem amar uns aos outros".

O amor cristão não é, na essência, nem romântico nem heróico, escreve o teólogo John Shea, mas num mundo que chama de inocentes, irrelevantes, idealistas, simplistas e até loucos os cristãos que tentam viver o sermão do Monte, o discípulo de Jesus simplesmente tenta "persistir um pouquinho mais", permanecendo vulnerável a provocações e insultos.

Um judeu polonês que sobreviveu ao massacre do gueto de Varsóvia e mais tarde converteu-se ao cristianismo descobriu que na aceitação ou na rejeição do Crucificado depende o sentido do discipulado. "Enquanto olhava para aquele homem na cruz[...] eu sabia que devia tomar uma decisão de uma vez por todas: ou posicionar-me ao lado dele e compartilhar de sua incólume fé em Deus[...l ou cair finalmente num poço sem fundo de amargura e impronunciável desespero."[24]

O Cristo do Novo Testamento não é o Deus dos filósofos, falando com distanciamento sobre o Ser Supremo. Não se espera encontrar o Ser Supremo com cuspe no rosto. É chocante descobrir que o convite lançado por Jesus é este: *Não chore por* mim, *junte-se a mim.* A *vida que planejei para você é uma vida cristã, muito parecida com a que eu levei.*

Como me disse certa vez Dominique Voillaume numa manhã de inverno em Dijon, na França: "La vie est dure". A vida é dura. E difícil ser cristão, mas é tedioso ser qualquer outra coisa. Quando Jesus entra em nossa vida com sua escandalosa cruz na forma de angústia mental, sofrimento físico e feridas de espírito que não fecham, oramos pela coragem de "persistir um pouquinho mais" contra o insidioso realismo do mundo, da carne e do diabo.

A assinatura de Jesus: a cruz. Para mim, a dimensão mais difícil e exigente do discipulado no dia-a-dia é o comprometimento com uma vida

[24] John SHEA, *The Challenge of Jesus,* p. 178.

de incessante disponibilidade. No estágio inicial de minha jornada, no primeiro rubor do amor integral, a imitação de Ebed Javé, o Deus Servo, era uma noção romântica e embriagadora. Hoje, ser servo é tão pouco sentimental quanto um dever, tão constantemente exigente quanto uma necessidade. Ferir as pessoas está sempre ali, e às vezes a mera força da necessidade delas, como uma sucção no meu espírito, esgota-me de tudo. Um de meus problemas com Jesus é que ele sempre parece vir na hora errada. Não é de admirar que Teresa de Avila reclamasse: "Senhor, se é assim que tratas os teus amigos, não é de admirar que tenhas tão poucos".

Em palavras equivalentes, Jesus disse a seus ouvintes: "Vocês terão de fato um sinal, mas não será o sinal dos romanos sendo afogados no mar, ou o sol escurecendo; será o sinal do Servo de Javé a ser manifestado primeiro em minha vida e em seguida em minha morte, e depois disso na vida de meus discípulos. O jubiloso comprometimento deles à Boa-Nova do reino de meu Pai será lançado em vidas de serviço que não deixarão dúvidas quanto à validade de minha mensagem. As credenciais definitivas que ofereço como porta-voz de meu Pai celeste serão o tipo de vida que eu e meus seguidores depois de mim viveremos".

Trata-se de um belo plano estratégico. Se de fato vivêssemos uma vida de imitação à dele, nosso testemunho seria irresistível. Se ousássemos viver além da preocupação conosco; se nos recusássemos a recuar diante da possibilidade de nos tornarmos vulneráveis; se assumíssemos apenas uma atitude compassiva em relação ao mundo; se representássemos uma contracultura ao desejo insano de nossa nação pelo orgulho da posição, do poder e dos bens materiais; se preferíssemos ser fiéis a ser bem-sucedidos, as muralhas da indiferença contra Jesus ruiriam. Um punhado desses servos talvez fosse ignorado pela sociedade; mas centenas, milhares, milhões deles poderiam abalar o mundo. Cristãos cheios do compromisso autêntico e da generosidade de Jesus seriam o sinal mais espetacular da história da raça humana. O chamado de Jesus é revolucionário. Se o implementássemos, mudaríamos o mundo em poucos meses.

Anos atrás, a revista *Readers Digest* publicou cinco artigos: "Como permanecer magro para sempre", "Cinco modas de deixar de sentir-se cansado", "Como conseguir que as coisas sejam do seu jeito", "Qual a segurança dos novos anticoncepcionais?" e "O que é preciso para ser bem-sucedido". Os editores aparentemente concluíram que a maioria dos leitores americanos é gorda, cansada, frustrada, lasciva e insatisfeita com seu nível de realização. Os editores talvez estejam certos; se for assim, há uma estonteante superficialidade em nossos alegados interesses.

A conversa da maior parte dos americanas de classe média, dizem-nos, gira ao redor do consumo: o que comprar, o que acabou de ser comprado, onde comer, o preço da casa do vizinho, o que está 5 venda nesta semana, nossas roupas ou as de outra pessoa, o melhor carro do mercado neste ano, onde passar as férias. Parece que não conseguimos parar de comer, de comprar ou de consumir. O sucesso não é medido em amor, sabedoria e maturidade, mas pelo tamanho da pilha de objetos comprados.[25]

[25] Jim WALLIS, The *Call to* Conversion, p. 43.

O que disse Ernst Kasemann? "Um homem pode ser considerado amante da cruz apenas na medida em que isso o capacita a ajustar as contas[...] com os poderes e as seduções do mundo." O ultrajante no discípulo de Jesus é que ele pode dar-se ao luxo de ser indiferente. Morto para o mundo, mas gloriosamente vivo em Cristo, ele pode dizer com Paulo: "Sei ter em abundância e sei passar necessidade". Tal atitude é anátema na Madison Avenue. O mundo nos respeitará se o cortejarmos e nos respeitará ainda mais se o rejeitarmos com desprezo e ira; mas ele nos odiará se simplesmente não dermos atenção às suas prioridades ou ao que ele pensa de nós. Há uma incompatibilidade radical entre respeito humano e fé em Jesus Cristo.

É 1h 30min da manhã. Vou para meu estúdio às escuras, acendo a luz que ilumina o crucifixo e olho para o corpo nu pregado na cruz. Prostrado no chão, sussurro continuamente: "Vem, Senhor Jesus". Oro com o desamparo e a pobreza de uma criança, sabendo que não posso libertar a mim mesmo — devo ser libertado. Devo, simplesmente, me apresentar na hora determinada, permitindo que Deus faça em mim as mudanças que não sou capaz de fazer.

O que pode acontecer em oração é descrito numa cena de *Man of La Mancha* [O homem de La Mancha].

Na peça ocorre um diálogo entre Alonso Chiana (também conhecido como Dom Quixote) e Aldonza, garçonete e prostituta. Em seu delírio, Alonso vê essa vadia como uma aristocrata e a trata de forma compatível. Ele chama a meretriz rude e vulgar de "minha senhora" e "minha doce Dulcinéia". Num primeiro momento ela fica perplexa e indignada; não consegue entender esse louco. Mas há uma pungente beleza nele. Por que razão ela se sente tão atraída por esse homem misterioso? Porque dele vem a afirmação de que ela é um tesouro e deve ser estimada e tratada como tal. Ele despedaça a muralha do medo e da atitude defensiva dela.

— Dulcinéia! — brada Aldonza.

— Meu Deus, ele conhece toda a história da minha vida. E ainda assim me chama de Dulcinéia!

Para essa mulher coberta de vergonha, é uma palavra que faz surgir um raio de luz nas profundezas de um mar negro. Atordoante em sua simplicidade, transformadora em seu poder, espantosa em sua sabedoria, *Dulcinéia é* a indizível declaração das profundezas místicas do próprio Deus. *Dulcinéia* é a esmagadora revelação de que Deus vê as coisas de modo diferente. É impossível deixar de perceber o que ele está armando em seu servo Dom Quixote: os perdedores serão os vencedores e os vencedores serão perdedores. "Declarou Jesus aos principais sacerdotes: 'Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus'" (Mt 21:31). O cristianismo é mais simples e mais grandioso do que aquilo que dele fizeram comentaristas e teólogos: "Fazei aos outros como quereis que vos façam" é de fato toda lei e os profetas.

Perto do final da história, o mundo de sonhos de Dom Quixote é despedaçado, e um desnorteado Alonso Chiana está morrendo na casa de sua família. Aldonza irrompe no quarto. Alonso não a reconhece. Ele está fraco, doente e confuso.

— É possível que eu a tenha conhecido, mas não me recordo— diz ele.

Aldonza ajoelha ao lado da cama e implora:

— Tente lembrar, por favor!

— E assim tão importante?

— É tudo! — responde ela. — Minha vida inteira. O senhor falou comigo e tudo... mudou.

— Falei com você?

— Chamou-me por outro nome. Dulcinéia... Quando o senhor disse o nome, foi como se um anjo sussurrasse: "Dulcinéia... Dulcinéia...".[26]

Todo o anseio reprimido no coração humano de Aldonza vem à tona enquanto ela derrama diante de Alonso o que aconteceu quando ele a chamou por esse nome, o terremoto de espirito causado por seu amor e sua aceitação. Ele tê-la chamado de "senhora" despertara nela algo que ela pensava que jamais poderia ser. Ela estivera morta, congelada, imune à emoção humana. O triunfo de sua vida tinha sido não precisar de ninguém. Mas ele havia invadido a câmara fechada de seu coração, e ela começara a derreter. Sementes de esperança, há muito enterradas, saltaram à vida. Ela começara a crer que era Dulcinéia. Tudo mudara porque ela havia sido tocada pelo amor de um velho sonhador que chamava a si mesmo de Dom Quixote.

Em meu estúdio ajoelho diante do crucifixo e vejo a face humana de Deus. Em toda sua paixão, Jesus não condenou ninguém. Em toda sua vida suas palavras não eram proferidas para culpar, envergonhar, acusar, condenar, ameaçar, subornar e rotular. As minhas tampouco deveriam ser.

O Crucificado olha diretamente para mim. Seus olhos estão tão cheios de sangue, lágrimas e dor que ele mal pode me ver. Então, de seu coração ferido, ele sussurra meu nome. Não se trata de nenhum nome determinado, da mesma forma que ele não chama Alonza pelo nome que lhe deram. É o nome da pedra branca (Ap 2:17), pelo qual ele me conhece. Na radiante escuridão da fé, tudo mudou. Sinto uma vida nova pulsando dentro de mim. O nome me desconcerta. Ele significa aceitação, afirmação, ternura, cura e realiza aquilo que significa. Pois sua palavra neutraliza minha auto-avalização. Deus vê tudo diferente. Há paz, alegria, certeza, assombro e maravilha. Um esmagador senso de mistério inexprimível. Levanto-me, sabendo pelas palavras de Paulo que sou uma carta de Cristo escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas na placa de carne de meu coração (cf.2Co 3:3).

E pelo menos neste único dia minha carta estará assinada com a assinatura de Jesus.

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus,
oramos que nossa experiência de fé corresponda
às declarações de crença que fazemos a teu respeito.
Concede-nos a coragem de orar.
Unge-nos com o espírito de compaixão para que
possamos ser o que em tua paixão foste, no nosso tempo;
para que sejamos pobres com os pobres,
choremos com os que choram,

[26] Man *of* La *Mancha* (1965), livro por Dale WASSERMAN, música de Mitch Leigh, letra de Joe Darion.

entremos na luta de nossa geração por justiça social,
tratando os outros como gostaríamos de ser tratados.
Oramos pela coragem de arriscar tudo em ti,
de estar contigo em tua fidelidade
à tua missão, nossa missão.
Para isto vim ao mundo, para dizer:
"Eis-me aqui. Senhor, venho fazer tua vontade".

CAPÍTULO DOIS

PODER E SABEDORIA

Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado, escondido para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus [...] decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado.

ICoríntios l:22-24;2:2

No conto de Flannery O'Connor "Um homem bom é difícil de encontrar", o personagem central é um presidiário fugitivo que se autodenomina Desajustado "porque não consigo ajustar tudo O que fiz de errado com tudo o que tenho experimentado como punição". Logo antes de atirar a sangue-frio numa avó que implora tremendo que ele ore a Jesus, o Desajustado profere uma rápida sentença, sem perceber quão profundamente cristã ela é: "Jesus desequilibra tudo".[27]

Sim, Jesus tira o equilíbrio de tudo. Na Palestina do primeiro século, a cruz era instrumento de tortura, um cadafalso; honrar alguém que havia sido pendurado nela era escândalo da pior espécie.

Porém, numa atordoante reversão da sabedoria humana, a cruz de morte torna-se a árvore da vida.

Crisóstomo, um dos pais da Igreja, escreveu:

> Quando homens buscam sinais e sabedoria e não apenas não recebem o que buscam, mas ouvem precisamente o contrário do que buscam e têm em seguida a mente alterada por esses contrários, isso porventura não demonstra o indizível poder

[27] *Flannery O'Connor:* The *Complete Stories,* p. 131.

> daquele que está sendo pregado? É como se um médico pudesse conquistar pacientes que tivessem sido queimados e feridos e carecessem desesperadamente de alguma medicação, prometendo-lhes a cura não por meio de remédios, mas do ato de queimá-los novamente. Esse seria o resultado de um grande poder, sem dúvida. Da mesma forma Paulo foi vitorioso, não sem um sinal, mas com um que parecia contrário a rodos os sinais humanos — Cristo crucificado.[28]

Tudo está de fato desequilibrado.

Onde podemos encontrar a alma da espiritualidade de Paulo? Em sonoras declarações como "para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte" (Fp 3:10) e "longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6:14). Aos que buscam o poder e a sabedoria de Deus, os sinais apontam para a crucificação de Jesus Cristo. Tamanho poder e sabedoria são mais do que desejáveis: são cruciais para se viver vidas marcadas pela assinatura de Jesus.

Para Paulo qualquer espiritualidade que rejeita a cruz, mesmo que conduza às alturas da contemplação mística, e inteiramente desprovida de poder e de sabedoria, e, portanto, inútil. Paulo não fala apenas de um Cristo crucificado, mas também de homens e mulheres crucificados. Mesmo um estudo superficial da história da Igreja revelará que o Espírito de Deus sopra com força de furacão apenas por meio dos profetas e amantes que se entregaram à insensatez da cruz. Se há sabedoria rasa e pouco poder em nossa adoração e ministério, creio que é porque tão poucos de nós se entregaram ao que Paulo chama de morrer diariamente para o egocentrismo em todas as suas formas, incluindo a autopromoção e a autocondenação.

Em momentos diferentes de minha jornada tenho percebido o poder e a sabedoria do Cristo crucificado claramente ausentes de minha vida e de meu ministério. Como isso acontece? Permita-me ilustrar com a experiência pessoal dois métodos infalíveis de preservar sua estabilidade, protegendo-o de ser deixado "fora de equilíbrio" por Jesus.

O primeiro é *intelectualizar* a paixão e morte de Cristo. É o que eu estava fazendo anos atrás quando ensinava Cristologia a alunos de pós-graduação. Toda segunda-feira à noite eu me entregava a um bando de cristãos legais que apreciava os sons de discurso e espiritualidade extravagantes. O grupo decidiu fazer um estudo histórico da eficácia da morte e ressurreição de Cristo. Um se ofereceu para estudar Inácio de Antioquia, do século II. Outro pegou Cirilo de Jerusalém, do século III; outro, Orígenes e Tertuliano, do século IV; outro, Agostinho, do século V. Em seguida, idade das trevas adentro: Hugo de São Vitor e Hugo de São Lombardo. Alguém escolheu Anselmo, do século XII; outro, Tomás de Aquino, do século XIII, depois Martinho Lutero, do XVI. João Calvino veio em seguida, seguido pelos teólogos contemporâneos Wolfhart Pannenberg, Jürgen Moltmann, Karl Rahner e Karl Barth.

Ostentando um presunçoso espírito de superioridade em relação aos não-iniciados que gastavam com futebol a noite de segunda-feira, falávamos uns aos outros em tons pedantes sobre o "valor soteriológico"

[28] *The Sermons of John Chrysostom,* citado por George MONTAGUE em *The Living Thought of St. Paul,* p. 78.

do sofrimento e da morte redentores de Jesus. O problema com toda essa intelectualização está no fato de que ela nos permite embalar o Cristo crucificado em palavras. Enquanto nos mantemos focalizados em nossos estudos, permanecemos separados de sua humanidade. Nós o apreendemos apenas em nossa mente; portanto nunca houve nenhuma pressão visceral de mudarmos de vida.

Anos atrás um proeminente leigo cristão me disse: "Brennan, se você sair pelo país pregando um Cristo crucificado, as pessoas vão completar o trajeto antes de você". Ele queria dizer que ninguém em nossos dias quer ouvir sobre o Cristo crucificado. Todos querem Jesus, o agente de mudança social, ou Cristo, o revolucionário, ou o mestre de relacionamentos interpessoais que os ajude a fazer amigos e influenciar pessoas. Mas ninguém quer ouvir sobre um Cristo pregado num madeiro, dizendo: "Mude de vida. Ponha-se a caminho numa nova direção. Venha me seguir e permita-se ser radicalmente discipulado".

Em sua memorável obra *The Crucified God* [O Deus crucificado], Jürgen Moltmann afirma: "Temos tornado o sabor amargo da cruz tolerável para nós mesmos aprendendo a compreendê-la como necessidade teológica no processo da salvação".[29] É claro que necessidades teológicas não suam sangue noite adentro.

Mas o Filho de Deus o fez. A paixão de Jesus não aconteceu numa planície fria, intelectual e estrelada; ela ocorreu na mais profunda expressão de emoção humana, em meio a pó, suor, sangue e lágrimas. O apaixonado derramar de amor da parte de Cristo na cruz não é apenas a fonte de nossa salvação; é a fonte do poder e da sabedoria de Deus em nossa vida diária. Quando nos limitamos à especulação intelectual a respeito de Cristo, privamos nossa vida de poder e sabedoria.

Um segundo modo de nos privarmos de poder e sabedoria é *mineralizar* a paixão e a morte de Cristo. Com isso quero dizer que transformamos Jesus num objeto: aquele sereno e familiar homem nu colado a nossos crucifixos. Dois mil anos atrás o Filho de Deus pendeu de uma cruz de verdade e derramou sangue de verdade; hoje em dia sua imagem sem vida pende de cruzes artificiais. Numa visita à Royai Street de Nova Orleans você encontra reproduções de Jesus em cada esquina. Enquanto caminha, você poderá ouvir um vendedor de antigüidades chamá-lo: "Venha ver isso! Está certo, a Vênus é mais cara, mas este Cristo de marfim tem sua beleza. Especialmente se você enquadrá-lo sobre um fundo de veludo". Ao examinar o belo trabalho artístico você talvez comece a ver Jesus como um objeto a ser adquirido. Veja: quanto mais reproduzimos Jesus, mais nos esquecemos dele e de sua agonia na hora terceira. Transformamos o monstruoso escândalo do Calvário numa respeitável peça de joalheria para ser usada ao redor do pescoço.

Ao longo dos séculos, os artistas cristãos concederam ao Cristo crucificado um olho voltado para cima e uma boca distorcida. Pintores usaram óxido de chumbo para fazer gotas realistas de sangue pingarem das mãos, dos pés e do lado. Escultores laboraram com grande esforço a fim de entalhar o corpo de Jesus na cruz. Mas naquela sexta-feira, há dois mil anos, os soldados romanos entalharam nosso irmão Jesus sem nenhuma dificuldade. Nenhuma habilidade artística foi requerida para martelar os pregos, nenhuma tinta necessária para fazer o sangue jorrar

[29] P154.

das mãos e dos pés e do lado. Sua boca estava horrivelmente contorcida simplesmente por terem-no içado até a cruz.

Intelectualização e *mineralização:* essas são as barreiras que nos impedem de perceber a realidade da crucificação. Temos nos removido de forma tão efetiva da paixão e morte desse homem sagrado que não vemos mais seu tecido sangrando, seus ossos partidos, sua sede avassaladora. Em alguns crucifixos Jesus parece de fato tranqüilo, especialmente aqueles em que ostenta um halo. Sua serena compostura propõe-nos a idéia: "*Ora essa, ele deve ter sido assim a vida inteira*".

Parece ser inclinação de nossa natureza humana focalizar não o sofrimento de Jesus, mas seu amor e o milagre de sua ressurreição. Queremos pensar em alegria e não em angústia. Ainda assim, o reconhecimento da dor de Cristo não pode estar separado do conhecimento de seu amor.

Fui padre franciscano por 26 anos. Durante esse tempo, compreendi por que o fundador de nossa comunidade, Francisco de Assis, que não conseguia comer uma refeição num aposento onde houvesse um crucifixo pendurado sem derramar lágrimas, mesmo assim é lembrado como o santo mais jubiloso da história cristã. Isso é possível porque o foco da atenção de Francisco não estava no sofrimento em si, mas no Cristo *sofredor.* Francisco sabia que, mesmo se ele tivesse sido a única pessoa a caminhar sobre a terra, Jesus teria suportado a vergonha da cruz por ele apenas.

E nisso, no maior ato de amor de Jesus, que o poder e a sabedoria de Deus são principalmente manifestos. São o poder e a sabedoria que permitem que vivamos a assinatura de Jesus em nossa vida. A imitação de Cristo não é a imitação de um herói morto: Cristo vive nos cristãos, e o cristão vive no Cristo ressurreto mediante o Espírito Santo. Fomos credenciados a viver uma vida não governada pelo egoísmo e pelo ensimesmamento. Porém, como escreveu John McKenzie: "São poucos os cristãos que percebem ter sido transformados pelo poder da morte de Cristo, e que o impossível tornou-se agora possível".[30]

Quero compartilhar o que as quatro últimas décadas de meditação sobre o Cristo crucificado têm significado em minha vida. Falarei de certas graças, ou *carismas,* que são mediadas da forma mais poderosa pelo Cristo crucificado.

1. *A coragem de tomar a cruz.* Deus pede que cada um de nós aceite a própria "cruz". Nossas feridas, nossas limitações, nossas falhas de personalidade, o dano que as pessoas nos fizeram desde o começo da vida até hoje, a dor da condição humana como temos experimentado pessoalmente — essa é nossa verdadeira cruz.

Para mim, é o terror do abandono que me tem assombrado desde criancinha — o aterrorizante sentimento de que não há ninguém para mim, de que eu tenho de mostrar um bom desempenho para você gostar de mim. Em minha vida, é o que creio ter sido a predisposição genética ao alcoolismo que matou meu melhor amigo, meu irmão Rob, deixando atrás de si esposa e seis filhos. E minha reincidência no álcool, o tiritar e o estremecer do centro de desintoxicação, os insuportáveis latejares e formigamentos e a terrível depressão que acompanha o novo abandono

[30] *The Power and the Wisdom,* p. 188.

do vício. Tudo isso é o que Cristo me pede para aceitar e permitir que ele compartilhe.

Para você talvez seja a perda de um relacionamento profundamente estimado. Talvez seja a luta para alcançar o sucesso num ambiente de trabalho hostil, ou um recente fracasso financeiro. Talvez sejam conflitos contínuos com um adolescente rebelde ou a insuportável solidão causada pela rejeição por parte de seu cônjuge. Tudo isso, e mais, Cristo pede que você aceite e permita que ele compartilhe.

Jesus, em sua paixão e morte, experimentou minha dor e a sua e fez delas sua própria dor. O que acontece nesse encontro com o crucificado é que adentramos algo que já aconteceu, nossa união com Jesus e tudo que ela implica: ele assumir nossa dor, ansiedade, temores, vergonha, autodepreciação e desânimo.

Tudo isso está incluído implicitamente em seu brado: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mt 27:46). Seus amigos estavam dispersos, sua honra violada, sua mensagem feita em pedaços. Ele jazia condenado como criminoso. Ainda assim este era o momento de nossa redenção. Por quê? Porque seu grito na cruz foi o nosso grito de desesperada alienação de Deus assumido por ele como seu e transformado pela ressurreição. Á medida que nos permitimos experimentar nossa dor, podemos saber que na verdade sentimos Cristo sofrendo em nós e nos redimindo. Em vez de nos repreendermos por nossa fraqueza e de fazermos esforços conscientes de continuar tentando com maior empenho, podemos permitir que o Crucificado nos ame em nossa devastação. Não há modo de curarmos as feridas que cada um de nós traz, a não ser por meio do amor de Jesus, que perdoa setenta vezes sete e não mantém um placar de nossa transgressão.

2. A *disposição de perdoar.* Paulo escreveu aos romanos: "Ele nos amou enquanto éramos ainda seus inimigos". Este é o inequívoco sinal do discípulo que de fato experimentou o perdão de Jesus: a habilidade de perdoar seus inimigos. Jesus diz: "Amai, porém, os vossos inimigos e fazei o bem[...] será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus" (Lc 6:35).

Permita-me repetir: Jesus Cristo crucificado não é meramente algum exemplo heróico para a Igreja. E o poder e sabedoria vivos de Deus, capacitando-nos a estender a mão de cura a pessoas que nos defraudaram, nos prejudicaram e nos deram as costas. Quando ouvimos a oração de Jesus pelos seus executores: "Pai, perdoa-os pois não sabem o que fazem" (Lc 23:34), ele lentamente transforma nosso coração de pedra em coração de carne. Ao pé da cruz nos reconhecemos como inimigos perdoados de Deus e somos capacitados a estender esse perdão e reconciliação.

O chamado de Jesus ao perdão é endereçado não apenas à esposa cujo marido esqueceu o aniversário de casamento, mas aos pais cujo filho é morto por um motorista bêbado, a vítimas de acusações difamatórias e aos pobres que vivem em cubículos imundos enquanto os ricos passam dirigindo seus carros caríssimos. É estendido aos molestados sexualmente e aos cônjuges humilhados pela infidelidade de seus parceiros; aos crentes que têm sido aterrorizados por seus pastores com imagens de um Deus vingativo; à mãe de El Salvador cuja filha lhe foi devolvida morta com a cabeça enfiada em seu útero aberto a facadas; ao

casal de velhinhos que perdeu todas as suas economias porque seus banqueiros eram ladrões e jogadores; à mulher cujo esposo alcoólatra dissipou sua herança. E estendida aos que são objeto de ridículo, de discriminação e de preconceito.

Retorcendo-se em agonia na cruz, Jesus diz: "Eu conheço cada momento de pecado, egocentrismo, desonestidade e amor degradado que tem desfigurado sua vida, e eu não o julgo indigno de compaixão, perdão e salvação. Agora, seja assim com os outros. Não julgue ninguém".

Apenas quando reivindicamos o amor do Cristo crucificado com convicção sentida, esse amor que transcende todos os julgamentos, somos capazes de superar todo medo de julgamento. Enquanto continuarmos a viver como se fôssemos o que fazemos, como se fôssemos o que possuímos, e como se fôssemos o que os outros pensam de nós, permaneceremos repletos de julgamentos, opiniões, avaliações e condenações. Permaneceremos viciados à necessidade de colocar as pessoas em seus lugares.

A medida, porém, que abraçamos a verdade de que nossa identidade essencial não está enraizada no sucesso de nosso ministério, em nossa popularidade com crianças e pais ou com *poder* na igreja local, mas no apaixonado, perseverante, infinito — que G. K. Chesterton chama de "furioso" — amor de Deus corporificado em seu Filho crucificado, nessa medida somos capazes de abrir mão da necessidade de julgar amigas, cônjuge, filhos, pastores, *gays,* heterossexuais, asiáticos e brancos, assim como o cachaceiro da rua marcado pelo pecado. Podemos ser libertos da necessidade de julgar os outros, reivindicando para nós a verdade: "Sou o discípulo que Jesus ama".

Nas palavras de Henri Nouwen:

> Apenas quando reivindicamos o amor do Cristo crucificado com convicção sentida, esse amor que transcende todos os julgamentos, somos capazes de superar todo medo de julgamento. Quando nos tornarmos completamente libertos da necessidade de julgar os outros, estaremos também completamente libertos do medo de ser julgados[...] A experiência de não ter de julgar não pode coexistir com o temor de ser julgado, e a experiência do amor não-julgador do Salvador crucificado não pode coexistir com a necessidade de julgar os outros.[31]

É o que Jesus quer dizer ao falar: "Não julgueis, para que não sejais julgados" (Mt 7:1). O apóstolo João, o único discípulo do sexo masculino a permanecer ao pé da cruz, afirma: "No amor não existe medo" (1Jo 4:18). Se você ainda tem medo do julgamento, vá ajoelhar-se aos pés da cruz e o Messias o libertará.

3. *A descoberta de onde reside a verdadeira sabedoria.* Com freqüência pensamos na sabedoria como na soma de conhecimento, percepção e aprendizado acumulado no processo de viver, mas a sabedoria a que me refiro aqui é nossa experiência existencial do amor do Cristo crucificado. Qual é a evidência que aponta para a fonte da verdadeira sabedoria? E a experiência pessoal de libertação do

[31] Here *and Now,* p. 62.

egocentrismo crônico. E a libertação pessoal da meiguice crônica. É a conscientização pessoal de que nada — nem o julgamento contrário dos outros, nem a percepção negativa de si mesmo; nem o passado escandaloso, nem o medo, a culpa, a autodepreciação ou mesmo a morte — pode arrancá-lo do amor de Deus tornado visível no Calvário. É isso que confirma onde reside a sabedoria.

Uma perda de fé no poder e na sabedoria de Deus, que é o amor de Cristo, tem levado a algumas estranhas aberrações no ministério. Uma delas é a idolatria da psicologia. Quero falar com cuidado aqui. Descobri na psicoterapia uma ferramenta valiosa na compreensão de mim mesmo e do mundo em que vivo. Alguns anos atrás, quando Roslyn e eu estávamos com dificuldades, dois psiquiatras — um cristão e um judeu — concederam-me enorme discernimento sobre mim mesmo e os padrões repetitivos de comportamento, com raízes em minha infância, que afetavam negativamente meu casamento. Mas a terapia não substitui o evangelho. Seu poder de cura é insignificante comparado ao poder e à sabedoria do Senhor crucificado.

O psiquiatra Robert Coles, de Harvard, pergunta: "Por que a psiquiatria encontrou tamanha autoridade intelectual e mesmo moral entre o clero?". Coles prossegue narrando o que considero ser a arrepiante história da visita de um sacerdote a um homem hospitalizado com uma doença crônica. Quando o padre perguntou: "Como estão as coisas?", o homem doente respondeu: "Tudo bem", dando a entender que não queria se estender mais sobre o assunto. O padre simplesmente recusou-se a aceitar a resposta e insistiu numa linha de sondagem e questionamento a respeito do estado psicológico do homem. A intenção do padre era sem dúvida boa, mas, quando ele saiu, o paciente estava indignado. O homem queria conversar com o sacerdote sobre Deus e sobre seus caminhos, sobre a vida e a morte de Cristo, sobre o céu e a salvação, e o que conseguiu foi ser assediado repetidamente por palavras e frases de psicologia. Em sua totalidade, aquelas palavras e frases representavam uma declaração, uma insinuação: "Você está sob risco psicológico, e é isso que eu, sacerdote ordenado da Igreja Católica Romana, aprendi a considerar mais importante do que qualquer outra coisa na presença de uma pessoa como você".

O paciente estava transtornado: "Ele vem aqui com um colarinho de sacerdote e me oferece banalidades psicológicas como Palavra de Deus". O sacerdote estava hipnotizado pela mente e por seus mecanismos psicológicos, mas não estava alerta à situação do homem à luz da eternidade.

Coles conclui: "Fico me perguntando se a lama mais imunda, as águas mais profundas possam ser encontradas, para muitos ministros americanos, no mundo sombrio e solipsista que muitos de nós aprenderam a achar interessante: os humores da mente, os vários estágios e as fases do desenvolvimento humano, todos tratados (Deus nos livre) como se fossem estações da cruz".

Quero dizer isto do modo mais claro e contundente possível: quando eu estiver morrendo, não quero um psicólogo amador; quero um sacerdote ou ministro que saiba o que está fazendo. Quero um homem ou uma mulher que tenha lutado honestamente com sua fé e ainda assim

tenha se apegado a Jesus. Quero alguém que olhe longa e amorosamente para o Cristo crucificado. Quero um curador ferido.

4. A entrega *do coração ao amor arrojado.* Este é o carisma demonstrado tão poderosamente por Maria Madalena e pelo apóstolo João. Ao longo de toda a agonia de Jesus, o foco da atenção tanto de Maria quanto de João não foi o sofrimento, mas o Cristo sofredor que "amou-nos e entregou-se a si mesmo por nós" (Ef 5:2).

Nunca permita que essas palavras sejam interpretadas alegóricamente. O amor de Jesus na cruz foi uma realidade ardente para Maria e João, e a vida de cada um deles é totalmente incompreensível sem ele. Maria teria sido soterrada na história como heroína trágica se não fosse por seu amor imenso, apaixonado e intransigente pela pessoa de Jesus. João teria desaparecido da memória como discípulo desiludido. Ambos, porém, permaneceram ao lado de Jesus enquanto ele era assassinado do modo mais desumano e brutal. Jesus disse de Madalena o que não disse a ninguém mais nos evangelhos, embora ele certamente o diga de qualquer pessoa que tenha o espírito de Madalena: "Perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou" (Lc 7:47).

Se você falasse a Maria e a João sobre a vida, o ministério, a oração ou o discipulado cristão, deveria necessariamente falar do Jesus pregado à madeira e agora ressurreto em glória, ou então se calar. Não os aborreça com suas sacadas teológicas. Não os entedie com seus sucessos ministeriais ou seu dom de línguas. Eles têm uma única pergunta: "Você o conhece?".

Jesus disse: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8:32). Qual é a verdade fundamental que libertou João e Maria? É que Cristo os amou além de qualquer merecimento ou não-merecimento, além de qualquer barreira, limite ou ponto de ruptura. Esse é o maior dos carismas — não apenas a cognição intelectual, mas a consciência experiencial dela —, é a sabedoria de que estou falando, que é mediada pelo espírito do Senhor crucificado. Como disse Francisco de Sales: "E no Calvário da cruz de Cristo que os santos meditam, contemplam e vêm experimentar o seu Senhor".[32]

No domínio do discipulado cristão, creio que a Igreja nunca tenha tido dois maiores amantes de Jesus Cristo do que Maria Madalena e o apóstolo João. A experiência pessoal do amor de Cristo é o poder e a sabedoria que iluminaram, transformaram e transfiguraram Maria, João e todos os outros amantes extravagantes da história cristã. A coragem de tomar a cruz, o carisma do perdão e a descoberta da sabedoria são o legado do Senhor para os que adentram profundamente o mistério de seu sofrimento e morte. A palavra profética de Jesus, falada a Marjory Kemp, uma viúva de 34 anos, há quase quatrocentos anos, permanece sempre atual: "Mais agradável para mim do que todas as suas orações, sacrifícios e boas palavras é que você creia que eu a amo".

Neste capítulo concentrei-me no que a morte de Jesus implica para nossa vida. O Crucificado diz: "Tome a sua cruz não anualmente, mas diariamente. Perdoe os que o odeiam, magoam, enganam ou desdenham. Rejeite a sabedoria do mundo que amarra nossa identidade a dinheiro, prazer, poder e às percepções psicológicas das ciências sociais; encontre

[32] Living the Devout Life, p. 115.

seu verdadeiro eu na fé e sabedoria de meu servo Paulo: 'Cristo amou-nos e entregou-se a si mesmo por nós' (Ef 5:2)".

Esse poder e essa sabedoria estarão ao alcance de um discípulo comum? Sim, mas apenas se percebermos que aquilo que Jesus nos ordena ele nos capacita a fazer. Podemos viver o estilo de vida crucificado não porque somos super-heróis, mas apenas porque ele vive em nós. "Estou crucificado com Cristo; já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20).

Jesus Cristo pregado na cruz é o poder e a sabedoria de Deus.

Ele também é nosso.

CAPÍTULO QUATRO

TOLOS POR CRISTO

Por acaso a frase "o cristão está no mundo, mas não é do mundo" corresponde à realidade em que você vive? Uma das coisas engraçadas sobre a realidade é sua robusta resistência a teorias, abstrações e ideais. O provérbio "é melhor prevenir do que remediar" não trata da procrastinação, tampouco a sabedoria do "um centavo economizado é um centavo ganho" enfoca a realidade diária do comprador compulsivo.

Estar "no mundo sem ser do mundo" implica o cristão não ser influenciado nem intimidado pelos valores da cultura ocidental. Não é uma proposição absurda? Quer gostemos disso quer não, o mero fato de fazermos parte da sociedade ocidental nos aprisiona a um conjunto de princípios políticos, econômicos, sociais e espirituais que moldam nosso estilo de vida, até mesmo quando não os endossamos. Muitos anos atrás, a primeira página do jornal *The New York Times* mostrava a foto de uma garota vietnamita de nove anos correndo em nossa direção, a carne incendiada por napalm. Alguns anos depois, os jornais publicaram a foto de uma garota líbia de sete anos arrastando-se na direção de um abrigo da Cruz Vermelha, com os dois pés amputados por uma de nossas bombas "de precisão". Podemos chorar vendo essas coisas, mas nossos impostos compram as armas que as ocasionam. Estou comprometido pelo fato de que uma de minhas razões para escrever este livro é ganhar dinheiro. Não gosto disso. Mas estou preso à nossa cultura e sou cultivado por ela.

Uma crítica de nossa cultura, à luz do evangelho, é imperativa, se a Igreja de Jesus Cristo pretende preservar um senso coerente de si mesma num mundo despedaçado e despedaçante. Criticar o sistema do capitalismo tecnológico ocidental não é nem antipatriótico nem antiamericano, pois como observou Walter Wink, professor de interpretação bíblica do Seminário Teológico Auburn, na cidade de Nova

York: "Não temos como ministrar à alma da América a não ser que amemos a sua alma".[33] Um patriotismo corrigido é indispensável para a sobrevivência da nação bem como da Igreja. Políticas e atitudes nacionais mudam apenas porque as pessoas amam seu país.

Vejo três áreas em que o sonho americano é contra-evangélico — isto é, está em direta oposição à mensagem de Jesus e a uma vida endossada com a assinatura de Jesus. Nossa cultura, conforme observou John Kavanaugh, "encoraja e sustenta um deus funcional trinitário de consumismo, hedonismo e nacionalismo. Feitos à imagem e semelhança desse deus, entregamos nossa vida ao materialismo, ao prazer e à dominação".[34]

A não ser que a Igreja do Senhor Jesus crie uma contracorrente na maré de materialismo, auto-indulgência e nacionalismo, os cristãos estarão meramente adaptando-se ao ambiente secular numa trágica distorção do evangelho, em que as palavras de Jesus são reinterpretadas de modo a significarem qualquer coisa, tudo e nada.

Uma escola de pensamento, por exemplo, nos assegura de que o Novo Testamento está repleto de exageros orientais, que Jesus nunca tencionou que vivêssemos o evangelho literalmente — e que meramente projetamos nossa mentalidade mecanicista ocidental nos padrões poéticos e semíticos de Cristo. Afinal de contas, não é possível ter uma trave no olho! E o que dizer da imagem impossível de Mateus 19:24: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus"? Tal linguagem não é apenas impossível, mas ofensiva. Veja todo o bem que o dinheiro pode fazer! Mesmo os empreendimentos cristãos precisam de financiamento. E aquelas imagens de uma mulher em trabalho de parto encontradas em João, e o esvaziar de intestinos em Marcos — é linguagem forte demais. E mais prudente tornar essas perigosas máximas inofensivas. Derrame-se o máximo de água possível no vinho ardente de Cristo.

Tais reducionismos diluem as exigências radicais de discipulado, de modo que Jesus é freqüentemente honrado hoje em dia pelo que ele *não* queria dizer, e não pelo que *de fato quis* dizer. Uma propaganda cultural irrefletida e acrítica torna-se mais persuasiva do que os ditos de Jesus sobre o que é real, verdadeiro, bom e de valor permanente.

As convocações de Jesus à simplicidade da vida jazem, na verdade, em oposição diametral ao consumismo de nossa cultura. Num artigo, a revista *People* citou Charlie Sheen, astro dos filmes ganhadores do Oscar *Wall Street* e *Platoon,* dizendo: "Dinheiro é energia, cara". O artigo observa que no sofá do andar inferior do apartamento de Sheen há cinco controles remotos que correspondem a diversos equipamentos de áudio e vídeo. No andar de cima, ele tem um escritório equipado com o computador mais moderno e aparelhos de musculação. "Sou a definição da decadência", afirma Sheen.

A revista *Time* dedicou num artigo aos viciados em consumo. Um homem explicou que não tinha tempo para gastar fazendo escolhas, por isso comprou vinte pares de sapato na Bloomingdale's. "Possuir é a idéia da coisa toda. Gosto de ver as coisas ao redor de mim como um manto protetor".

---

[33] *Unmasking t*he Powers, p. 105.

[34] John KAVANAUGH, S.J., apresentou uma esplêndida conferência sobre cristianismo radical na Universidade de Fordham em agosto de 1985. Neste capítulo cito sua tese e aplico suas idéias ao tema.

A revista *Newsweek* trouxe uma reportagem sobre a formação das consumidores de amanhã. "As fábricas de brinquedos e estúdios de animação constroem *shows* infantis inteiros ao redor de linhas planejadas ou existentes de brinquedos. Os programas tornam-se, na prática, pouco mais do que comerciais de meia hora para bonecos de brinquedo."

O incansável bombardeio da mídia sobre as crianças para que comprem, desejem e consumam levou Thomas Merton a escrever:

> A criança de hoje pode ter muito cedo em sua existência uma inclinação natural à espiritualidade. Pode ter imaginação, originalidade, uma resposta simples e individual à realidade, e até mesmo uma tendência a momentos de absorção e meditativo silêncio. Todas essas tendências, no entanto, são logo destruídas pela cultura dominante. A criança torna-se um monstrinho gritão, insolente e falso, empunhando uma arma de brinquedo ou vestida como uma personagem que viu na televisão. Sua cabeça está cheia de estúpidos *slogans,* canções, ruídos, explosões, estatísticas, marcas, ameaças, grosserias e clichês. Então, quando vai para a escola, a criança aprende a verbalizar, racionalizar, marcar passo, fazer caretas como num comercial, a precisar de um carme, em resumo, sair pela vida com a cabeça vazia conformada a outros iguais a ela, na sensação de estarem juntos.[35]

Somos programados para ser consumidores. Em Nova Orleans, depois do colapso do negócio do gás e do petróleo, estamos nas garras de uma profunda recessão há anos. Ainda assim, quando um novo e multimilionário complexo de compras, chamado Riverwalk, abriu entre fanfarras e celebridades, fomos inundados com comerciais de rádio e televisão, *outdoors* nas rodovias e panfletos na porta de casa, insistindo que levássemos nossos talões de cheques e cartões de crédito à cerimônia de gala da inauguração. Mesmo em dificuldades financeiras, somos pressionados por nossa cultura a consumir. E nossa identidade.

As pesquisas revelam que ganhar dinheiro tornou-se a aspiração dominante dos estudantes que entram na faculdade. Numa pesquisa realizada com dez mil estudantes do ensino médio de New Jersey, 89% queriam ganhar muito dinheiro, enquanto 11% queriam posições de poder. Nenhum queria ser santo.

A insistência de Jesus num modo de vida simples é antiamericana. A aceitação do estilo de vida do evangelho implicaria um desastre para o mundo dos negócios. Anos atrás tive a oportunidade de visitar Wall Street. Por três dias observei o frenesi do *pit* (onde as ações são negociadas) e da bolsa de *commodities,* onde acotovelar, empurrar e recorrer a manobras de manipulação são etiqueta sancionada. Embora haja muitos grupos de oração na área de Wall Street, onde homens e mulheres de negócios cristãos tentam associar a Palavra ao mercado, saí com a impressão de que a busca da riqueza é estimada como o bem supremo da vida.

Somos um povo de Deus no mundo, mas não *do* mundo? Ou somos mais capitalistas do que cristãos? Nossa cultura prega com blasfêmia que

[35] The Hidden Ground *of Love*, p. 112.

o resultado líquido é realmente a última linha. Ministérios cristãos são avaliados pelo tamanho de seus orçamentos. A aposentadoria é discutida com apreensão em termos financeiros. A riqueza nos sensibiliza. Dispomo-nos a enormes esforços a fim de impressionar favoravelmente os endinheirados e prósperos. O valor de uma pessoa é medido pelos dólares que ela gera. O dinheiro assume dimensão espiritual. A estatura na comunidade é determinada pelo tamanho e pela localização da casa, a qualidade do automóvel e uma hoste de quinquilharias, engenhocas e confortos materiais acumulados.

O evangelho da prosperidade é apenas uma das pobres tentativas de acomodar os ditos de Jesus à nossa cultura de consumo. As palavras de Jesus: "Não acumuleis tesouros na terra"; "Não vos preocupeis com o dia de amanhã"; "Não podeis servir a Deus e a Mamon" — parecem esdrúxulas à maioria de nós, que luta para cobrir as prestações do financiamento da casa própria, do carro e da escola. A propaganda cultural incorporada em dois anúncios de bebidas alcoólicas: "Viver bem é a melhor vingança" e "Sorva com arrogância" tem um apelo curioso, talvez demoníaco. O consumismo tem de fato sua própria espiritualidade.

Talvez a dimensão mais obscura da acumulação de riqueza seja a exploração de mão-de-obra barata a fim de produzir os bens supérfluos aos quais nos habituamos. Se você tomou uma xícara de café hoje de manhã, como eu, participou disto: "Na África é impossível para um jovem saudável ganhar mais do que um dólar e meio por dia colhendo café. Não é de admirar que mulheres e crianças sejam forçadas a juntar-se à colheita".[36] Se pagássemos aos colhedores da Africa oriental o salário-mínimo americano, não teríamos recursos para o luxo de tomar café.

Sejamos ousados o bastante para nos perguntarmos, como cristãos, se a Igreja do Senhor Jesus tem algo a dizer à nossa nação com suas ideologias de materialismo, consumismo e adoração da segurança financeira. Somos corajosos o bastante para ser um sinal de contradição ao consumismo por nossa fé viva em Jesus Cristo? Estamos comprometidos o bastante com esse evangelho de modo a nos tornarmos uma corrente contrária à maré dominante? Ou estamos tão acomodados à fé de nossos pais ao consumo que as questões da simplicidade de vida, de compartilhamento de recursos e de radical dependência da providência de Deus não mais nos parecem relevantes? De que forma construímos o reino de Deus na terra se o que encarnamos em nossa vida é o dogma de nossa cultura em vez da revelação de Jesus? Onde está a assinatura de Jesus?

A segunda área em que a cultura americana se opõe ao evangelho é na questão do hedonismo versus pureza de coração. Slash, guitarrista-solo da banda de *rock* Guns N' Roses, afirmou: "Estamos muitos próximos dos garotos para os quais tocamos. O *rock'n* roll para mim é isso, uma espécie de coisa rebelde, fugir das figuras de autoridade, transar, ficar bêbado, experimentar drogas em algum momento".

Há alguns anos, uma estação de rádio de San Antonio perguntou a jovens fãs o que elas fariam para conhecer uma banda de rock chamada Motley Crüe. Uma garota de treze anos disse: "Eu transaria com o Crüe até não poder mais..,".

---

[36] John L. McKenzie, *The Civilization of* Christianity, p. 66.

Um analista de mídia observou que telespectadores vêem maior incidência de intercurso sexual entre estranhos do que entre pessoas casadas.[37]

O estudioso da Bíblia John McKenzie afirmou: "A base da civilização ocidental é o acúmulo de riquezas por meio da exploração da natureza".[38] E isso inclui a natureza humana. As músicas mais tocadas hoje em dia promovem um hedonismo em que a promiscuidade é a norma. O sucesso de *marketing* torna tudo aceitável, até mesmo distribuir preservativos para aventuras de uma noite só a adolescentes vulneráveis. O tremendo poder do dinheiro de legitimar a imoralidade sexual em nossa cultura semeia ambigüidade e confusão nos freqüentadores de igreja como em todos os outros.

Dizem-me, como com certeza já disseram a você, que estou vivendo na Idade da Pedra quando sugiro que a promiscuidade ou a infidelidade conjugal é inaceitável na vida de um discípulo de Jesus Cristo. Se você proclamar com Paulo que o corpo é para o Senhor e o Senhor para o corpo, que você não é propriedade sua, que foi comprado e pago com o sangue de Cristo, que seu corpo é o templo do Espírito Santo, estará sujeito a zombaria e desdém. "Em nosso encontro anual de acionistas em Las Vegas", disse-me um executivo, "o comportamento sexual dos cristãos não é diferente do comportamento dos descrentes. E por que não? Todo mundo se diverte e ninguém sai machucado".

A terceira área da cultura americana em conflito com o evangelho é a dominação pela violência. Em seu discurso inaugural, o Sermão do Monte, Jesus declarou: "Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus" (Mt 5:9). A questão da paz num mundo violento é de tamanha importância que ninguém que leva a sério a fé cristã pode dar-se ao luxo de esquivar-se dela. Não estou sugerindo que você precisa nadar até o submarino Trident levando uma bandeira entre os dentes, mas é necessário tomar uma posição séria e articulada sobre a guerra nuclear. E estou dizendo contra a guerra nuclear. A passividade e a indiferença de muitos cristãos sobre o assunto e, pior ainda, a beligerância ativa de alguns de nossos porta-vozes religiosos, estão se tornando um dos mais apavorantes escândalos da história da cristandade. A Igreja deve proclamar que a civilização ocidental "escapará do horror último apenas observando a pessoa e as palavras de Jesus Cristo. Como Paulo, isso é tudo que temos a dizer; então, pelo amor de Cristo, vamos dizê-lo".[39]

"O colunista Jeffrey Hart sugeriu que o presidente faça um discurso em que o parágrafo de conclusão seja: 'No futuro, e por princípio, garantimos que retaliaremos pela morte ou pelo ferimento de um cidadão americano na razão de 500 por 1. Enquanto estou falando com vocês, recebi a notícia de que quinze vilas xiitas e seus habitantes não mais existem'".[40]

Jeffrey Hart é cristão. Acho suas palavras profundamente inquietantes. Somos uma nação que se considera um povo de fé, mas que vive em desobediência à vontade de Deus. E esse espírito vingativo, tão contrário

---

[37] "Profiles and Personalities", People, 9/3/1987.

[38] *The Civilization of Christianity,* p. 56.

[39] Idem, p. 42

[40] John KAVANAUOH, conferência sobre o cristianismo radical, p. 9.

ao evangelho, que me traz à lembrança a famosa *Oração de* guerra de Mark Twain, na qual ele atacou a hipocrisia dos cristãos:

> O Senhor, nosso Pai: nossos jovens patriotas, ídolos de nosso coração, avançam para a batalha — estejas tu junto a eles! Com eles, em espírito, nós também avançamos da doce paz de nossos amados lares a fim de abater o inimigo! Senhor, nosso Deus, ajuda-nos a estilhaçar os soldados deles em retalhos sangrentos com nossos projéteis; ajuda-nos a cobrir seus campos sorridentes com as formas pálidas de seus patriotas mortos; ajuda-nos a afogar o trovão de suas armas com os brados de seus feridos, contorcendo-se de dor; ajuda-nos a devastar suas casas humildes com um ciclone de fogo; ajuda-nos a apertar o coração de suas viúvas inocentes [e deixar a elas e] a seus filhos perambulando, sem ter quem os ame, a destruição de sua terra desolada, em trapos, com fome e sede, vulneráveis às chamas do sol do verão e aos ventos gelados do inverno, quebrantados de espírito, exaustos com a labuta, implorando a ti pelo refugio da sepultura e tendo-o negado — por nós que te adoramos, Senhor, destrói as esperanças deles, arruina sua vida, prolonga sua amarga peregrinação, faz pesados seus passos, faze-os regar seu caminho com lágrimas, mancha a neve branca com o sangue de seus pés! Nós o pedimos, no espírito do amor, daquele que é a fonte do amor, e que é refúgio e amigo sempre fiel de todos que estão gravemente assediados e buscam seu auxílio com coração humilde e contrito. Amem.[41]

Como na época de Twain, continuamos confundindo fé nacionalizada com fidelidade a Jesus Cristo. Nacionalismo exacerbado e cristianismo tornam-se sinônimos, na crença de que Deus está satisfeito com nossa terra, subordina-se a ela, toma o partido dela e identifica-se particularmente com ela. Esse é o raciocínio por trás da destruição atômica de Hiroshima e Nagasaki, que vaporizou duzentos mil civis não-combatentes a fim de "salvar vidas americanas".

"A disposição da maioria dos americanos em aceitar a bomba nuclear, com tudo que ela implica, com não mais do que uma sombra de protesto teórico, é quase inacreditável, e ainda assim tornou-se tão lugar-comum que ninguém mais reflete sobre o assunto."[42] A sabedoria pragmática da "autodefesa" e da "segurança nacional" mascara nossas fantasias infantis de vingança, em que podemos devastar o inimigo de modo que não reste nenhuma possibilidade de retaliação. Nossos Clint Eastwoods, nossos justiceiros de metrô povoam nossos sonhos, nossas orações e ilusões. Um cristão no mundo, mas não do mundo?

Ernest Becker, no livro *Escape from Evil,* observou que um dos modos pelo qual escapamos do mal é projetando-o no outro. Tornamo-nos assim uma nação implacável que derruba governos estrangeiros a torto e a direito por razões "boas e nobres". O método utilizado para estabelecer a dominação não é a reverência, mas a violência. "E embora louvemos a

[41] Citado em McKENZIE, *The Civilization of Christianity,* p. 127.
[42] Thomas MERTON, *The Hidden Ground of* Love, p. 211.

Jesus da boca para fora, prestamos todo tipo de culto a César e Marte [o deus ca guerra]".[43]

O espírito da dominação pela força é irreconciliável com a obediência ao evangelho de Jesus Cristo. Os cristãos têm apenas um mestre. Segui-lo é incompatível com nosso estado de servidão a qualquer outro. Jesus formulou seu ensino numa linguagem que uma criança de doze anos de idade pode entender. Ele disse inequivocamente: benditos são os que promovem a paz, não a guerra. A questão da produção, da posse e do uso de armas nucleares deve ser discutida sob o ponto de vista de nossa identidade cristã, não de segurança nacional, da ameaça iraquiana, de salvaguardar nosso estilo de vida. A corrida armamentista não é esporte político, mas uma questão espiritual profunda. Assassinato em massa em nome da democracia ou do patriotismo é idolatria da nação-estado. A função profética e a obrigação pastoral da Igreja de Jesus Cristo — um povo chamado conjuntamente, colocado à pane e consagrado à adoração de Deus — é proclamar a paz e o amor de Deus na presente situação de nosso mundo quebrantado e atormentado.

Chamar os pacifistas de "corações moles", "idealistas" e "bons samaritanos" em tom de superioridade indica uma não reconhecida alienação do evangelho. Quando os cristãos serão honestos o bastante para admitir que não crêem em Jesus Cristo? Que o carpinteiro de Nazaré deve ser dispensado como um visionário romântico, um reformador deslumbrado irremediavelmente alheio ao mundo "real" de dominação, agressão e poder? Apenas quando se derem conta de que abraçaram a própria cultura como seu falso deus!

Se é para homens e mulheres cristãos viverem o evangelho hoje, na cultura americana pos-industrial, se é para estar no mundo sem ser do mundo, devemos estar dispostos a assumir responsabilidade pessoal pelas maneiras com que nossa fé tem sido acomodada ao materialismo, ao prazer e à dominação. E devemos estar dispostos a nos arrependermos, a nos corrigirmos e a ser restaurados.

A Igreja é a extensão viva de Jesus Cristo no tempo e no espaço. É a contracorrente à maré de idolatria cultural. A Igreja na sociedade de hoje é, necessariamente, uma comunidade de resistência aos deuses da vida moderna — armamento nuclear, dinheiro, ego, virilidade, racismo, orgulho de posição. Somos o povo peregrino de Deus sem cidade definitiva na terra, uma comunidade de homens e mulheres livres cuja liberdade não está limitada pelas fronteiras de um mundo que está, ele sim, acorrentado.

Albert Camus certa vez disse: "O único modo de se lidar com um mundo não-livre é tornar-se tão absolutamente livre que nossa mera existência se torne um ato de rebelião". Não há nada mais enervante para o mundo do que um homem ou uma mulher livres em Cristo Jesus. As pessoas não devem olhar para a Igreja para reforçar os valores de sua cultura, ou para tirar aos domingos a poeira dos ídolos para os quais estiveram vivendo durante a semana.

A igreja primitiva foi construída sobre pequenos grupos de pessoas que se reuniram a fim de dar apoio umas às outras num modo inteiramente novo de vida. Essas comunidades primitivas eram a evidência visível de uma alternativa ao *status quo* de sua cultura. Hoje em

[43] John KAVANAUGH, conferência sobre cristianismo radical, p. 12.

dia precisamos de pequenos grupos que tomem o evangelho ao pé da letra, que percebam o que Deus está fazendo em nosso tempo, e que sejam prova viva do que é estar no mundo sem ser do mundo. Essas comunidades "de grupos", ou igrejas locais, devem ser suficientemente pequenas para intimidade, semelhantes para aceitação e gentis para críticas. Reunida em nome de Jesus, a comunidade capacita-nos a encarnar em nossa vida o que cremos em nosso coração e proclamamos com nossos lábios.

É claro que não devemos romantizar tais grupos. E fácil visualizar uma pequena comunidade aconchegante e harmoniosa onde todos estão sintonizados na mesma onda; é fácil amar o sonho de comunidade mais do que os membros marcados pelo pecado que a compõem, fantasiar feitos heróicos para o Senhor e ouvir o aplauso da terra e do céu enquanto damos forma a uma angélica *koinonia.*

A realidade não é assim. Egos colidem, personalidades entram em conflito, intermediários de poder invadem, ira e ressentimento vêm à tona, o risco é inevitável. "É menos uma utopia do que um crisol no fogo do refinador".[44]

A experiência da comunidade não é nem um item supérfluo para os espiritualmente afluentes nem uma panaceia para os solitários, entediados e ociosos. É, de fato, uma necessidade para todo cristão. E minha convicção que Jesus e Paulo queriam dizer isso quando falavam de igreja — pequenas comunidades cristãs de pessoas orando e adorando juntas, curando, perdoando, reconciliando, apoiando, desafiando e encorajando umas às outras. Scott Peck diz: "Não pode haver vulnerabilidade sem risco; não pode haver comunidade sem vulnerabilidade; não pode haver paz — nem, em última instância, vida — sem comunidade".[13]

Precisamos de um grupo de pessoas ao redor de nós que nos dê apoio e nos compreenda. Até mesmo Jesus precisou disso. Ele chamava-o de "os Doze", a primeira comunidade cristã. Precisamos de perspectiva do presente, por isso oramos juntos; precisamos ser responsáveis, por isso compartilhamos nossa vida uns com os outros; precisamos de uma visão do futuro, por isso sonhamos juntos.

E nossos sonhos não são meramente pensamento positivo; ao contrário, estão carregados de esperança e promessa porque o Jesus crucificado e ressurreto venceu todo principado, potestade e domínio. Ele desmascarou as ilusões deles, expôs suas mentiras, mostrou o que de fato eles são. O Cristo ressurreto eleva-se livre das ameaças e do controle deles. Em união com ele vencemos o consumismo, o hedonismo e o nacionalismo pelo poder do amor de Deus. Confrontamos os poderes do mundo — a tirania política, a opressão econômica, a ameaça nuclear — não meramente com nossa força, recursos e resistência, mas com a própria vida do Cristo ressurreto, sabendo que as coisas impossíveis para os homens são possíveis para Deus (cf. Lc 18:27).

Naturalmente o estilo de vida contracultural — simplicidade de vida, pureza de coração e obediência ao evangelho — nos levará ao mesmo lugar a que levou Jesus: a cruz. Todas as estradas levam ao Calvário para nós que pregamos o Cristo crucificado — pedra de tropeço para os

---

[44] Parker J. PALMER, The *Promise of Paradox,* p. 81. [13] *The* Different Drum, p. 233.

judeus, absurdo para os gentios; mas para os que são chamados, Cristo, poder e sabedoria de Deus.

Simplicidade, pureza e obediência à Palavra nos deixarão fracos e desamparados aos olhos do mundo, porque não teremos mais a segurança de depender de nossas posses e posições privilegiadas. Estaremos sujeitos à zombaria e ultraje porque o discipulado autêntico é uma vida de sublime loucura. Injúria e insulto estão prometidos aos que trabalham em favor da justiça. A palavra de Paulo aos gálatas é completa insensatez na cultura americana: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo" (Gl 6:14).

Um cristão vivendo no mundo sem ser do mundo é um sinal de contradição às concessões com as quais se conformam muitos dentro da igreja. Esforços serão feitos para que o discípulo de Jesus seja visto e se sinta como um tolo. Porém tolos por Cristo formaram a igreja primitiva. E à medida que aquele minúsculo grupo de crentes crescia, o mundo testemunhava o poder dessa tolice.

"Essa mesma insensatez é a única esperança que temos de libertação. A maior ameaça a qualquer sistema é a existência de tolos que não acreditam na realidade última desse sistema. Arrepender-se e crer numa nova realidade — é essa a essência da conversão."[45] Juntamo-nos à Igreja, cujo propósito é tornar visível essa realidade no mundo.

Os verdadeiros discípulos vêem o cristianismo como meio de vida tanto diante quanto longe da lente das câmeras. Obviamente a perspectiva não parecerá atraente a todos. As fileiras da membresia da igreja diminuirão. Por serem diferentes, os cristãos parecerão diferentes e agirão de forma diferente das outras pessoas. O nome de Jesus não será mais tomado casualmente nem os mistérios cristãos profanados. Os escândalos que abalaram recentemente o corpo de Cristo serão vistos em perspectiva como "uma alvorada de purificação" anunciando a luz do dia da fé vivida no Deus vivo.

A manhã de Páscoa confirmou o caminho de Jesus e validou a autoridade de seu senhorio. O Mestre disse-nos para não subestimarmos o poder de nossa cultura. Nosso mundo, cheio de incrível insensatez, insistirá que somos tolos. Porém a Páscoa nos convence da sabedoria de Deus e de seu poder para transformar o mundo. Nossa fé no Cristo ressurreto é o poder que vence a nós mesmos, nossa cultura e nosso mundo.

Nas palavras de Paulo em Romanos 12:2: "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus".

[45] Jim WALLIS, *The Call to* Conversion, p. 178.

CAPÍTULO CINCO

O DISCIPULADO EM NOSSOS DIAS

Em janeiro de 1987 um carteiro entregou-me um convite do Senado e do Congresso dos Estados Unidos para participar do Café da Manhã Nacional de Oração no Hilton de Washington, com o presidente e a senhora Reagan e outros líderes governamentais. Foi-me pedido que falasse nos dois jantares da noite anterior ao café da manhã, e em dois seminários na manhã seguinte. Minha esposa, Roslyn, leu o convite e observou:

— Brennan, eu o conheci quando você não era ninguém. Simone, de dezoito anos, e Nicole, de dezesseis, estavam saindo para a escola.

— Você ainda não é ninguém — Simone disse.

— Você sempre vai ser ninguém — acrescentou Nicole.

Um *starets* russo [ancião da Igreja Ortodoxa] certa vez disse: "Se você orar por humildade, tome cuidado. A humildade se aprende com humilhações".

O que me chamou a atenção no convite foi uma citação de Francisco de Assis. Na Carta *aos governantes do povo* ele escreveu:

> Não perca de vista o final da vida. Não esqueça seu propósito e destino como criatura de Deus. O que você é à vista dele é o que você é, e nada mais. Lembre-se de que, quando deixar esta terra, você não poderá levar consigo nada que recebeu — sinais efêmeros de honra, paramentos do poder —, mas apenas o que lhe foi dado; um coração pleno enriquecido por serviço honesto, amor, sacrifício e coragem.

Para Francisco, o discipulado — seguir a Cristo — não era simplesmente a coisa mais importante da vida, era a única. Era literalmente uma questão de vida ou morte: sou *o que sou aos olhos de Deus e nada mais.* O discipulado exige que coloquemos de lado os acessórios, paremos de fazer jogos de palavras e cheguemos à essência das coisas.

Para o seguidor de Jesus, a essência está em viver pela fé e não pela religião. Viver pela fé consiste em constantemente redefinir e reafirmar nossa identidade com Jesus, medindo-nos com base no padrão que é ele — não medindo *a ele* com nossos dogmas eclesiásticos e heróis locais. Jesus é a luz do mundo. Em sua luz descobrimos que não é mera retórica o que ele exige, mas renovação pessoal, fidelidade à Palavra e conduta criativa. Como disse Emile Leger quando deixou sua mansão em Montreal para viver numa colônia de leprosos na Africa: "A hora de falar acabou".

A religiosidade não é por si mesma discipulado; de fato, ela pode ser um refúgio seguro do estilo revolucionário proposto por Jesus. Em

outubro de 1917, a Revolução Russa foi lançada e à história foi dada uma nova dimensão. "Conta a história que naquele preciso mês a Igreja Ortodoxa Russa estava reunida em concílio. Um apaixonado debate estava em andamento sobre a cor da sobrepeliz a ser utilizada nas funções litúrgicas. Alguns insistiam veementemente que tinha de ser branca. Outros, com igual veemência, que tinha de ser roxa. Nero tocando enquanto Roma se incendiava".[46] Enfrentar uma revolução, comenta Anthony DeMello, é infinitamente mais trabalhoso do que organizar uma bela liturgia. Prefiro fazer minhas orações a me envolver nas brigas da vizinhança.

Numa véspera de ano-novo, um "cristão" sincero talvez decida que é hora de viver como discípulo, então ele (ou ela) resolve o seguinte: vou mergulhar na Palavra todos os dias, juntar-me a um grupo de oração, encontrar um guia espiritual, ler mais livros cristãos, ir à igreja com maior freqüência, aumentar minha hora devocional, experimentar-me com jejuns e gritar "Louvado seja Deus!" na hora de acordar e de deitar. Muitos discípulos fazem essas coisas, mas nem por isso seguem a Jesus. Embora indubitavelmente religiosos, eles nunca se submeteram a um estilo de vida assinado.

Qual é a relação entre discipulado e prática religiosa? Esta última sustenta a vida cristã. É impossível manter os valores cristãos em foco se não lemos as Escrituras, oramos e nos apoiamos em outros para sustento e direção. Do contrário, nossa cultura — que se entrega ao apetite, à curiosidade e à distração — e a mídia — que atiça nossa coceira por bens materiais — se provarão fortes demais para nós.

> Precisamos de lembretes, símbolos, histórias, exortações, modelos vivos, intervalos para reflexão e celebração. Essas coisas são apoios indispensáveis. O erro está em pensar que elas são a vida cristã. Da mesma forma que a prática da oração por parte de Jesus estava a serviço de um estilo de vida inteiro, um meio em vez de um fim, a nossa também deve estar. Elas são úteis na medida em que a oração, a leitura, os sacramentos e a instrução espiritual sustentam uma vida cristã genuína, quer dizer, posturas, relacionamentos, escolhas e atitudes cristãs. Quando se tomam uma fuga das exigências mais difíceis da vida cristã, são a corrupção do discipulado. A pergunta por ocasião do julgamento final não é: "Quão religiosa era a sua conversa?", nem: "Quanto tempo você gastou em oração?", nem: "Sua fé era ortodoxa em todos os sentidos?", mas: "De que forma você respondeu à necessidade de irmãos e irmãs carentes?". Esta é a única medida confiável do discipulado.[47]

Enquanto me preparava para escrever este livro, entrei em contato com diversas comunidades cristãs ao redor dos Estados Unidos,
procurando conhecer a compreensão delas a respeito de discipulado. As respostas foram variadas, esclarecedoras e muitas vezes profundas. Combinando as visões delas com as minhas (e consciente de minhas

[46] Thomas N. HART, *To Know and Follow Jesus,* p. 33.
[47] Thomas R. KELLY, A *Testament of Devotion.* p. 58.

preferências, preconceitos e compreensão parcial da verdade), focalizarei três características da vida e do ensino de Jesus e sua importância imediata para o discipulado em nossos dias.

Jesus vivia para Deus. O tema central da vida pessoal de Jesus de Nazaré era sua intimidade crescente com o Pai, sua confiança nele e o amor por ele. Sua vida interior estava centralizada em Deus. Para ele, o Pai era tudo. A vontade do Pai era o ar que ele respirava. "Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz" (Jo 5:19). A vontade do Pai era um rio de vida, uma corrente sangüínea da qual Jesus extraía vida de forma mais profunda do que de sua mãe. "Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mt 12:50). Ele vivia seguro na aceitação do Pai. "Como o Pai me amou, também eu vos amei" (Jo 15:9).

Viver para Deus encontra sua principal expressão na oração. O coração do discípulo repousa em comprometimento e adoração, não em reflexão e teoria. O Espírito de Jesus provê uma maneira para que vivamos na superfície e no cerne mais profundo ao mesmo tempo. Na superfície podemos pensar, dialogar, planejar *e* estar presentes por completo para as exigências da rotina diária. Simultaneamente e no mais profundo interior, podemos estar em oração, em adoração, em ação de graças e atentos ao Espírito. Os lugares secretos do coração tornam-se um santuário de louvor no barulhento *playground* da praça do mercado. Os mestres da vida interior recomendam a disciplina de "achar o centro" ao longo de todo o dia — um voltar-se sereno e contínuo a Deus enquanto dirigimos, cozinhamos, conversamos, escrevemos e assim por diante. Depois de semanas e meses de prática, depois de recaídas, desencorajamentos e retornos ao centro, essa disciplina torna-se um hábito. Irmão Lawrence chamou-a de "a prática da presença de Deus".

Aqui reside o segredo, creio, da vida interior de Jesus. A comunhão de Cristo com Abba no santuário interior de sua alma transformava sua visão em realidade, capacitando-o a perceber o cuidado e amor de Deus por trás da complexidade da vida. A prática da presença de Deus ajuda-nos a discernir a providência divina em ação, especialmente naquelas horas sombrias em que a assinatura de Jesus

está sendo traçada em nossa carne (você pode querer tentar agora mesmo. Abaixe o livro, encontre o centro e ofereça-se à habitação do Espírito de Deus).

"Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14:23). Em brados abafados de louvor, os discípulos voltam-se humildemente na direção dessa habitação de Deus ao longo do dia. Estão alertas ao mundo exterior do som, do sentido e do significado — não se trata de uma disciplina de distração. Eles caminham e conversam, trabalham e brincam, riem e choram inteiramente presentes para tarefas e pessoas. Nos bastidores, o ritmo de oração e adoração interior prossegue. Um clamor de ação de graças é sua última palavra antes de caírem no sono e a primeira ao acordarem.

A repetição freqüente do nome "Jesus" ou "Abba" ao longo do dia vai se provar de grande auxílio. Mesmo uma repetição mecânica do nome

deverá bastar — ela acaba entrando no subconsciente e, então, ocorre uma transformação de coração.

Os primeiros dias dessa disciplina são incômodos, dolorosos e recompensadores. Incômodos porque requerem vigilância e disciplina. Dolorosos porque lapsos e recaídas são freqüentes (quando deslizamos e esquecemos a presença interior de Deus, não adianta perder tempo em remorsos e autocondenação. Recomeçamos de onde estamos; oferecemos essa adoração incompleta a Jesus Cristo e agradecemos-lhe pela graça de achar o centro mais uma vez). Finalmente, é recompensador porque a vida vivida no santuário interior é a vida abundante que Jesus prometeu.

O filósofo William James disse: "Em algumas pessoas, a religião existe como um hábito superficial; em outras, como uma febre aguda". Jesus não suportou a vergonha da cruz para passar adiante um hábito superficial (se você não tem a febre, caro leitor, uma paixão por Deus e seu Cristo, ponha de lado este livro, caia de joelhos e implore por ela. Volte-se ao Deus em que você diz que acredita e clame pelo seu batismo de fogo).

O místico Meister Eckhart, do século XV, escreveu: "Há um número excessivo de cristãos que seguem o Senhor até a metade do caminho apenas. Abrem mão de bens, amigos e honras, mas têm muito próxima a possibilidade de renegarem a si mesmos". As palavras de Eckhart tocam um ponto essencial e vão direto ao coração deste capítulo sobre discipulado. Não estou falando em nos entregarmos a uma série de atividades espirituais, aumentarmos o tempo de oração formal ou nos envolvermos em mais organizações ligadas à igreja. Não estou falando de jejuns, rituais, devoções, liturgias ou reuniões de oração. Estou falando de uma vida vivida completamente para Deus, a estonteante vida de um discípulo comprometido e disposto a seguir Jesus ao longo da outra metade do caminho. Uma vida entregue sem reservas. Proponho-o em humildade e ousadia. Estou querendo dizer isso literal e completamente. Falando para você e para mim.

Ser como Cristo é ser cristão.

Há um caráter explosivo e revolucionário nessa proposta. Quando um discípulo vive inteiramente para Deus, de mãos dadas com o Jesus para quem Deus é tudo, o poder ilimitado do Espírito Santo é liberado. Deus irrompe, milagres ocorrem, o mundo é renovado e a história muda. Discípulos ao redor do mundo, vivendo na luz que é Cristo, sabem com clareza que o aborto e as armas nucleares são apenas dois lados da mesma moeda explosiva cunhada no inferno; que os cristãos assumem o lado do Príncipe da Paz, recusando-se a prostrar-se diante do altar da segurança nacional; que somos um povo de Deus doador de vida e não negociante de morte; que vivemos sob o signo da cruz e não da bomba. Nos anos que estão por vir nada é mais importante do que ver a raça humana provida de uma comunidade de discípulos autênticos que, como aquele que seguem, vivem inteiramente para Deus.

Jesus nos chama para essa extraordinária vida de discipulado, não como um ideal simpático, mas como um programa de vida sério, concreto e realista para ser vivido aqui e agora por você e por mim.

> Isso é algo radicalmente diferente da religião branda e convencional que, com respeitáveis saias presas por dedos sujos, tenta fisgar o mundo para fora do sumidouro do seu próprio

> egoísmo. Nossas igrejas estão cheias de gente amável e respeitável. "Temos um número muito grande de cristãos dispostos a seguir Jesus na primeira metade do caminho. Muitos tornaram-se tão indiferentes e convencionalmente religiosos quanto os religiosos de dois mil anos atrás, cuja frouxidão, mediocridade e falta de paixão Jesus Cristo e seus discípulos atacaram com todo o entusiasmo de uma nova descoberta e com toda a energia de construtores do reino de Deus na terra.
>
> Uma vida vivida por Deus é notavelmente bem amarrada. Suas alegrias são genuínas, sua paz não é superficial, sua humildade é profunda, seu poder formidável, seu amor abrangente, sua simplicidade como a de uma criança confiante. São a vida e o poder nos quais se moveram profetas e apóstolos. São a vida e o poder de Jesus de Nazaré, que ensinava que, quando o olho é íntegro, o corpo inteiro está cheio de luz.[48]

São a vida e o poder do apóstolo Paulo, que resolveu não saber nada além de Jesus Cristo e esse crucificado. A vida e o poder de Francisco de Assis, que reviveu o evangelho de maneira mais contundente do que qualquer pessoa desde os tempos apostólicos. A vida e o poder de incontáveis santos desconhecidos ao longo dos séculos. A vida e o poder de muitos leitores deste livro que balançam a cabeça em assentimento à medida que lêem. A vida e o poder que podem irromper em nossa cultura ocidental, renovar o corpo de Cristo e construir novos céus e nova terra.

Aos discípulos que desejam viver integralmente para Deus, recomendo a oração do pai-nosso três vezes ao dia — de manhã, ao meio-dia e à noitinha. Essa recomendação pode parecer por demais simplista a uma geração que demonstra tamanho empenho na oração, estendendo a mão nas trevas na tentativa de agarrar suas beiradas místicas. Até hoje não abandonamos por inteiro nossos esforços para aprimorar o modo que Jesus nos ensinou de orar. Tornamos as orações mais elaboradas, mais longas, algumas vezes mais dramáticas, mas nunca as fizemos tão profundas quanto a Oração do Senhor. Antigamente, as pessoas jejuavam e faziam vigílias na esperança de emboscar o Espírito Santo; hoje, promovemos simpósios, oficinas e seminários de oração na mesma busca. Jamais chegamos ao fim da busca por algo mais do que os elementos básicos de vida que Jesus enfatiza na oração ao Pai.

O judeu devoto ora a *Shema* três vezes ao dia. Essa oração, encontrada em Deuteronômio 6:4-5, diz: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força". Essa oração era um distintivo dos judeus, um sinal de pertencer ao povo escolhido de Deus. Ela os consagrava ao serviço de Javé, e a negligência em orá-la separava-os da aliança. Os judeus gloriavam-se pelo fato de que Deus havia revelado apenas para eles seu nome como Javé.

Os cristãos glorificam-se na verdade de que Jesus revelou apenas a eles o nome de Deus como Abba. O pai-nosso é o *Shema* cristão. Três vezes ao dia, é uma jubilosa renovação de nosso batismo em Cristo Jesus e nossa iniciação na igreja.

---

[48] Idem, p. 55-54.

Godfrey Diekmann recomenda que cada vez que formos orar o pai-nosso prestemos atenção especial na petição "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores". Diekmann afirma: "Os pagãos maravilhavam-se da comunidade primitiva dos cristãos, dizendo: 'Vejam como eles se amam!' Terá sido o pai-nosso, orado de forma deliberada três vezes ao dia estando eles conscientes de sua implicação básica, sido um fator formativo no fato de os primeiros cristãos terem conquistado essa reputação?".

Jesus vivia para os outros. E a segunda grande característica da vida de Jesus. Ele não era apenas chamado de amigo de publicanos e pecadores, mas era de fato. Ele fazia amizade com a ralé, a gentalha de sua cultura. "Um dos mistérios da tradição do evangelho é essa estranha atração de Jesus pelas pessoas sem atração alguma, seu estranho desejo pelos indesejáveis, seu estranho amor pelos não-amáveis. A chave desse mistério é, naturalmente, o Pai. Jesus faz o que vê seu Pai fazendo, ama os que o Pai ama".[49]

A gentileza de Jesus para com os pecadores fluía de sua habilidade de ler o coração deles e detectar sinceridade e bondade ali. Por trás das poses mais ranzinzas e dos mais desconcertantes mecanismos de defesa dos homens, por trás da arrogância e das máscaras, por trás de seus praguejares e olhares de desprezo, Jesus via criancinhas que não haviam sido amadas o bastante e que tinham deixado de crescer porque alguém deixara de acreditar nelas. Talvez tenham sido essa sensibilidade e compaixão extraordinárias que levaram Jesus (e mais tarde os apóstolos) a falar dos fiéis como "crianças", independentemente de quão altos, ricos, inteligentes e bem-sucedidos fossem.

Quando Jesus amarrou uma toalha ao redor da cintura, encheu de água uma bacia de cobre e lavou os pés dos discípulos (traje e tarefa de escravo), começou a revolução da Quinta-Feira Santa, e uma nova idéia de grandeza no reino de Deus emergia. Jesus é servo, ministrando às necessidades dos outros: "[...] se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (Jo 13:14-15).

Que chocante reversão das prioridades e valores de nossa cultura! Preferir ser servo a ser o senhor da casa; meramente ridicularizar os deuses de poder, prestigio, honra e reconhecimento; recusar-se a levar a si mesmo a sério; viver sem melancolia uma agenda depressiva – são essas as atitudes e ações que trazem o selo do discipulado autêntico. Na verdade, Jesus disse: bendito é você se ama ser desconhecido e visto como nada. Sem levar nenhum outro fator em conta, preferir o desprezo à honra, o ridículo ao louvor, a humilhação à glória – são essas as fórmulas da grandeza no reino de Deus.

Tão central é o ensino de Jesus do aprendizado humilde e do amor servil como essência do discipulado, que Cristo se torna reconhecível apenas em seus irmãos e irmãs: "Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizeste" (Mt 25:40). Nesse contexto, as palavras de Madre Teresa são impressionantes. Na cerimônia de abertura de um abrigo para doentes terminais na cidade de Nova York, ela disse: "Cada vítima de Aids é Jesus em penoso disfarce".

[49] Donald GRAY, *Jesus, The Way to Freedom*, p. 38.

O ministério de serviço de Jesus está enraizado na compaixão pelos perdidos, solitários, quebrantados. Por que razão ele ama os perdedores, os fracassados, os que permanecem à margem da responsabilidade social? Porque o Pai o faz.

Charlie Brown diz: "Eu amo a humanidade. São as pessoas que eu não agüento". Na vida e no ensino de Jesus é a pessoa de carne e osso, não a generalidade, que deve ser tratada com compaixão — a pessoa na minha frente, não a abstração.

Dominique Voillaume influenciou minha vida como poucas pessoas o fizeram. Certa manhã de ano-novo em Saint-Remy, na França, estávamos num grupo de sete, na comunidade dos Irmãozinhos de Jesus, sentados ao redor de uma mesa numa antiga casa de pedra. Vivíamos uma vida contemplativa e sem clausura entre os pobres, tendo os dias devotados ao trabalho manual e as noites envolvidas em silêncio e oração.

A mesa do café da manhã ganhou ânimo quando nossa conversa direcionou-se para nosso ofício diário. Um irmão alemão observou que nosso salário estava abaixo do mínimo (60 centavos por hora). Comentei que nossos empregadores nunca eram vistos na igreja da paróquia no domingo de manhã. Um irmão francês sugeriu que isso demonstrava hipocrisia. Um irmão espanhol disse que eles eram grosseiros e gananciosos. O tom foi se tornando mais cáustico, e as ressalvas mais inclementes. Concluímos que nossos patrões avarentos eram cretinos, mesquinhos e egocêntricos, que dormiam o domingo inteiro e jamais alçavam a mente em ação de graças a Deus.

Dominique estava sentado na ponta da mesa. Ao longo de toda nossa arenga ele não disse uma única palavra. Olhei de relance para a ponta da mesa e vi lágrimas rolando-lhe na face.

— Qual é o problema, Dominique? — perguntei. Sua voz era quase inaudível. Tudo o que ele disse foi:

— *Ils ne comprennent pas. Eles não entendem!*

Quantas vezes desde aquela manhã de ano-novo essa única frase foi capaz de transformar meu ressentimento em compaixão? Quantas vezes tenho relido a história da paixão de Jesus nos evangelhos pelos olhos de Dominique Voillaume, visto Jesus nos espasmos da agonia da morte, espancado e intimidado, flagelado e cuspido, dizendo: "Pai, perdoa-os, *Ils ne comprennent pas*".

No ano seguinte, Dominique, um sujeito esguio e musculoso de 1,90 metro de altura, sempre usando uma boina azul-marinha, descobriu aos 54 anos que estava morrendo de um câncer incurável.

Com a permissão da comunidade ele se mudou para uma vizinhança pobre de Paris e começou a trabalhar como vigia noturno numa fábrica. Voltando para casa todas as manhãs às 8h, ele ia diretamente para um pequeno parque no lado oposto da rua em que vivia e sentava num banco de madeira. Vadiando pelo parque havia marginais — vagabundos, alcoólatras e fracassados, velhos sujos que olhavam provocativamente as garotas que passavam.

Dominique nunca os criticava, censurava ou repreendia. Ele ria, contava histórias para eles, dividia os doces que trazia, aceitava-os como eram. Por ter vivido havia tanto tempo de seu santuário interior, ele transmitia uma paz, um sereno senso de autodomínio e hospitalidade de coração que levava os jovens céticos e velhos derrotados a gravitar ao

redor dele como ovos ao redor do *bacon.* Seu testemunho simples consistia em aceitar os outros como eram sem fazer perguntas e permitir que eles se sentissem em casa em seu coração. Dominique foi a pessoa menos incriminatória que conheci. Ele amava com o coração de Jesus Cristo.

Certo dia, quando o grupo esfarrapado de rejeitados pediu que ele falasse de si mesmo, Dominique concedeu-lhes uma visão em miniatura de sua vida. Em seguida disse-lhes com serena convicção que Deus os amava terna e teimosamente, que Jesus tinha vindo para rejeitados e párias exatamente como eles. Seu testemunho era convincente porque a Palavra estava encarnada sobre seus ossos. Mais tarde um dos veteranos disse: "As piadas sujas, a linguagem vulgar e a provocação às garotas simplesmente pararam".

Certa manhã, Dominique deixou de aparecer em seu banco no parque. Os homens ficaram preocupados. Poucas horas depois ele foi encontrado morto em sua modesta quitinete. Morreu na obscuridade de um cortiço parisiense.

Dominique Voillaume nunca tentou impressionar ninguém, nunca se perguntou se sua vida era útil ou seu testemunho significativo. Nunca sentiu que tinha de fazer algo grande para Deus. O que ele de fato fez foi manter um diário. Foi encontrado pouco depois de sua morte na mesa-de-cabeceira junto de sua cama. Sua última anotação é uma das coisas mais espantosas que já li:

> Tudo o que não é amor de Deus não tem sentido para mim. Posso honestamente dizer que não tenho interesse em coisa alguma que não seja o amor de Deus que está em Cristo Jesus. Se Deus quiser, minha vida será útil pela minha palavra e meu testemunho. Se ele quiser, minha vida dará fruto por meio de minhas orações e sacrifícios. Mas a utilidade de minha vida é preocupação dele, não minha. Seria indecente de minha parte preocupar-me com isso.

Em Dominique Voillaume v*i* a realidade da vida vivida integralmente para Deus e para os outros. Depois de uma noite inteira de vigília de oração por parte de seus amigos, ele foi enterrado numa caixa de pinho sem nenhum adorno no quintal da casa dos Irmãozinhos, em Saint-Remy. Mais de sete mil pessoas de toda a Europa juntaram-se para presenciar seu funeral.

Qualquer espiritualidade que não conduza de um modo de existência autocentrado a um "outro-centrado" está falida. Para muitos de nós a jornada para longe da preocupação com o eu começa com a auto-aceitação. A fim de viver para os outros, preciso ser capaz de viver comigo mesmo. Anos atrás o psicólogo Carl Jung perguntou:

> E se eu descobrisse que o menor dos irmãos de Jesus, aquele gritando de forma mais desesperada por reconciliação, perdão e aceitação, sou eu mesmo? Que eu mesmo careço das esmolas de minha própria bondade, que eu mesmo sou o inimigo que precisa ser amado? O que isso implicaria? Farei por mim mesmo o que faço por outros?

A necessidade de auto-aceitação marcou minha consciência a ferro e fogo no terminal do aeroporto de Kansas City. Eu estava saindo de Clearwater, na Flórida, para Des Moines, Iowa, a fim de liderar um retiro. O mau tempo redirecionou meu vôo para Kansas City, onde tivemos uma parada de meia hora. Eu estava perambulando pelo terminal com meu colarinho clerical quando um homem se aproximou de mim e perguntou se podia se confessar. Sentamos na privacidade relativa da sala Delta Crown, e ele começou. Sua vida havia sido marcada por um pecado grave. No meio da confissão ele começou a chorar. Abraçando-o, vi-me em lágrimas, confortando-o com a alegria no reino diante da volta de um pecador arrependido e lembrando-o de que o Filho Pródigo experimentara uma intimidade com o pai que seu irmão farisaico e sem pecado jamais conhecera.

O rosto do homem transfigurou-se. O amor misericordioso do Deus redentor rompeu a barreira da culpa e autodepreciação. Alcei uma oração de ação de graças pelo perdão insuportável, infinita paciência e terno amor do Senhor. O homem chorava de alegria. Quando nos despedimos, ele brilhava com a radiância de um pecador salvo.

Enquanto ajustava o cinto de segurança no DC-10, ouvi uma voz interior, como um sino batendo no fundo da alma: Brennan, *você faria por você* mesmo o *que acaba de fazer por seu irmão? Você perdoaria, aceitaria e amaria você mesmo de forma tão sequiosa e entusiástica?* Então me traspassaram o coração as palavras que eu ouvira de Francis MacNutt numa reunião em Atlantic City, Nova Jersey: "Se o Senhor Jesus Cristo lavou você no próprio sangue e perdoou-o de todos os pecados, como você ousa recusar-se a perdoar a si mesmo?".

Autodepreciação é um luxo ao qual nenhum discípulo pode se dar. A autodepreciação sutilmente recoloca a mim mesmo como centro de meu foco e preocupação. Biblicamente falando, é idolatria. A gentileza para comigo mesmo projeta-se em gentileza para com os outros. É também precondição para aproximar-me de Deus em oração. Não é de admirar que o falecido Paul Tillich tenha definido a fé como "a coragem de aceitar a aceitação".

Uma vida de amor despretensioso pelos outros fluindo de uma vida vivida para Deus é a imitação de Cristo e o único discipulado autêntico. Uma vida de serviço por meio de obras de misericórdia não glamorosas e não divulgadas é uma vida marcada pela assinatura de Jesus.

Em The Scent *of Love [O* aroma do amor], Keith Miller escreve que a igreja primitiva cresceu "não por causa dos [dons espirituais] dos cristãos — tais como os dons de falar em línguas — e não porque o cristianismo era uma doutrina particularmente plausível (ao contrário, é praticamente a doutrina mais impalatável que existe), mas porque eles haviam descoberto o segredo da comunidade":

> Em geral eles não tinham de levantar um dedo para evangelizar. Alguém que caminhasse por uma viela em Corinto ou Éfeso veria um grupo de pessoas sentado conversando sobre coisas estranhas — algo sobre um homem, um madeiro, uma execução e uma tumba

> vazia. O assunto sobre o qual eles conversavam não fazia sentido para o observador. Mas havia algo no modo de eles falarem entre si, sobre o modo de olharem uns para os outros, de rirem juntos, de se tocarem uns aos outros que era estranhamente atraente. Emanava um aroma de amor. Mal o observador começava a se afastar pela viela, logo era atraído de volta para esse grupinho como uma abelha para uma flor. Ele ouvia mais e mais, ainda não compreendendo, e começava a afastar-se novamente. Porém era mais uma vez puxado de volta, pensando: "Não tenho a mínima idéia do que essa gente está falando, mas, não importa o que seja, quero fazer parte disso.[50]

A terceira característica do ensino e da vida de Jesus crucial para o discipulado no mundo de hoje é a *simplicidade de vida.* Quando Jesus nos diz para não acumularmos tesouros para nós mesmos na terra, é porque ele sabe que onde está nosso tesouro aí está nosso coração. E o coração de um discípulo pertence somente a *Deus.* Um cristão não admite dependência a nada mais. Seu único mestre é o Senhor Jesus Cristo.

A vida secular está preocupada em escapar freneticamente do medo da morte — por meio de novidade, variedade, beleza física e bens materiais. John Silber, presidente da Universidade de Boston, investe contra o hedonismo egocêntrico de nossa cultura: "O evangelho pregado em todos os programas de televisão é: 'Só se vive uma vez, por isso arranque da vida toda gratificação que puder'. É um enunciado teológico; é um enunciado sobre cerveja. É cerveja de má qualidade e teologia ainda pior".[51]

São bem conhecidos o ensino de Jesus a respeito de uma vida frugal e sua prescrição de viajar levando pouca bagagem: "Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão" (Mt 10:9-10). "Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir" (Lc 12:22). No mesmo capítulo, Jesus pinta o retrato de um homem ocupado em construir armazéns maiores e chama-o de imbecil. Todos esses ditos são advertências, amoroso encorajamento de Jesus para que não nos permitamos ser distraídos, tocaiados e emboscados por coisas que a traça e a ferrugem consomem e não têm valor duradouro. A simplicidade de vida de um cristão é formidável prova de que ele encontrou o que busca, que tropeçou no tesouro escondido no campo.

Essa é uma dimensão da simplicidade que Jesus propõe ousada e freqüentemente a candidatos a discípulos. Outra dimensão é o contraste com a complexidade. Um *slogan* favorito dos Alcoólicos Anônimos é a abreviatura KISS, *Keep It Simpk, Stupid* ["Não complica, imbecil"], querendo dizer que não se deve complicar esse programa simples porém exigente de sobriedade.

Nossa vida na aldeia global tornou-se excessivamente complexa e abarrotada. Novas obrigações nascem de um dia para o outro, como o pé de feijão do Joãozinho. Nossos dias tornaram-se uma incessante sucessão

---

[50] Citado em M. Scott PECK, *The Different Drum,* p. 294.

[51] Strob TALBOT, "Ethics in the Corporate World", *Time,* 25/5/1987

de compromissos, reuniões, obrigações e responsabilidades. Somos ocupados demais para cheirar flores, passar tempo com nosso cônjuge, fazer amizade com nossos filhos, cultivar verdadeiros amigos ou ser amigos dos que não têm amigos. A escola de nossos filhos exige nosso tempo. Os problemas cívicos da nossa comunidade requerem nossa atenção. Nosso *status* profissional, nosso tempo de lazer, nossa filiação a diversas organizações reivindicam seus direitas. Corremos nas quatro direções ao mesmo tempo, como o cavalo de Lancelot.

Fatigados e sem fôlego, sentimos a vida escorrer entre os dedos. Mudamos nosso guarda-roupa, vestimos a fantasia para a *performance* seguinte e lamentamos ter experimentado tão pouco da paz e da alegria que Jesus prometeu. Onde estão a oração, o silêncio, a solidão e a simples presença da habitação de Deus? Certo, *vou dar um jeito nisso, mas não hoje. Essa semana está cheia demais.*

A falácia aqui está em culpar a complexidade de nosso ambiente pela complexidade da vida. Quantas pessoas já me disseram que adorariam viver em alguma ilha remota dos mares do sul ou voltar aos bons e velhos dias de carruagem quando o domingo era ocupado visitando-se o vovô e a vovó na fazenda? Não funciona porque levamos conosco a esses lugares nosso eu febril e desintegrado. A simplicidade de vida não depende da simplicidade do ambiente.

O verdadeiro problema está no interior. As distrações externas refletem uma ausência de integração interior. "Estamos tentando ser diversos eus ao mesmo tempo. Há o eu cívico, o eu parental, o eu financeiro, o eu espiritual, o eu social, o eu profissional. E ainda assim permanecemos inquietos, tensos e com medo de ser superficiais".[52] Ao dirigir pela estrada ou sentados em frente à TV, chega até nós um chamado sussurrado à abundância de vida que temos negligenciado. Venha *até a água e sacie sua sede. É* uma indicação de que existe um modo de vida mais satisfatório do que nosso passo apressado. Todos conhecemos pessoas que parecem ter dominado as pressões e o estresse da vida, que não se sentem culpadas de dizer não — na verdade dizem-no com a mesma confiança com que dizem sim. Não se trata de místicos deslumbrados, mas de pessoas ocupadas carregando a mesma carga integral que carregamos, mas sem pressa, sem preocupação, com um brilho nos olhos e uma leveza nos pés. Enquanto somos tensos e rígidos, elas são equilibradas e em paz.

Se seguir a Jesus tem algo a nos dizer no mundo real em que vivemos, esse algo nos fala aqui e agora. Nossa vida em Cristo é para ser vivida a partir do Centro. Alojado dentro de nós está o poder de viver uma vida de paz, integração e confiança. O único requisito para acioná-lo é a intensidade do desejo. Se você realmente quer viver a partir do Centro, você viverá. Todos já ouvimos o sussurrar gentil do Espírito em nossa vida. Algumas vezes seguimos o sussurro, e o resultado foi um notável equilíbrio de vida, alegria, energia e clareza mental. Nossa vida exterior tornou-se simplificada com base na integração interior.

Dominique Voillaume cedeu ao Centro e sua vida tornou-se simples. Tinha uma singeleza de visão: "Tudo o que não é amor de Deus não tem significado para mim". Muito de nossa atividade parece importante para nós. O noticiário das seis é sagrado. Uma hora na mesa da vaidade é

[52] Thomas R. KELLY, A *Testament of Devotion,* p. 114.

como uma audiência com o papa. Não temos como dizer não, porque esses eventos parecem indispensáveis. Mas, se "acharmos o centro" e levarmos nossa agenda diária para os lugares silenciosos do coração com honestidade, franqueza e disposição, muito de nossa atividade perderá importância e inviolabilidade.

Deixe-me falar por um momento e de forma íntima sobre Jesus, cujo amor é mais precioso do que a própria vida. Você realmente quer viver sua vida na presença dele? Você anseia por ele?

Suponhamos que tivesse sido ordenado que seu destino eterno dependesse de seu relacionamento pessoal com um líder espiritual que você conhece. Você não encontraria um pouco mais de tempo para passar com essa pessoa além do que passa hoje em dia? Você não se esforçaria para mostrar-se digno de sua amizade? Não tentaria assiduamente eliminar de sua vida todos os traços de personalidade que o desagradam? Quando deveres e obrigações o chamassem para longe da presença dele, você não se sentiria ansioso para voltar até ele "como a corça anseia pelas águas"?

E se essa pessoa lhe confidenciasse que escreveu um diário pessoal com os sussurros mais profundos de sua vida interior, você não ansiaria não apenas por ler, mas por embeber-se nele, de forma a conhecê-lo e amá-lo mais?

Há certas questões que todo cristão deve responder com plena sinceridade. Você tem fome de Jesus Cristo? Você anseia por gastar mais tempo com ele em oração? Ele é a pessoa mais importante de sua vida? Ele preenche sua alma como uma canção de júbilo? Ele está em seus lábios como brado de louvor? Você se entrega ansiosamente a sua biografia, seu Testamento, a fim de aprender mais dele? Você está se esforçando para morrer diariamente para qualquer coisa que inibe, ameaça ou diminui sua amizade?

Para discernir quem você realmente é com o Senhor, procure lembrar o que o entristeceu na semana que passou. Foi por acaso a percepção de que você não ama Jesus o bastante? Que você deixou passar a oportunidade de demonstrar compaixão por outra pessoa? Ou você ficou deprimido por falta de reconhecimento, pela censura de uma autoridade, por dinheiro, pela falta de amigos, por temores a respeito do futuro, pelos quilos que se acumulam ao redor da cintura?

Do mesmo modo, o que lhe trouxe alegria na semana que passou? A alegria de orar lentamente: "Abba, Pai"? A tarde em que você escapou por uma hora tendo as Escrituras por única companhia? Uma pequena vitória sobre o egoísmo? Ou foram as fontes de sua felicidade um carro ou um terno novo, um cinema e uma pizza, uma viagem a Paris? Você tem adorado ídolos?

Quando os discípulos se entregarem ao mistério do fogo do Espírito que queima no interior, quando nos submetermos à verdade de que alcançamos a vida apenas por meio da morte; quando reconhecermos que o grão de trigo deve desaparecer no solo, que Jonas deve ser enterrado no ventre da baleia, que o vaso de alabastro do eu deve ser quebrado para que os outros percebam a doce fragrância de Cristo; quando respondermos ao chamado de Jesus, que não é: "Vinde à reunião de oração", mas: "Vinde a mim", então o poder ilimitado do Espírito Santo será liberado com força atordoante. A disciplina da vontade secreta será

um persuasivo sinal para a igreja e para a cultura. O termo *renovação carismática* cairá em desuso. O corpo de Cristo estará mergulhado numa revolução.

Claramente, o discipulado é uma forma revolucionária de viver. Uma vida vivida em simplicidade para Deus e para os outros é o que Paulo tinha em mente quando escreveu em Efésios 4:23-24: "E vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade".

Pessoalmente, encontro grande incentivo nas histórias de vida dos primeiros discípulos. A reação deles era imperfeita por medo e hesitação. O que eles tinham em comum era uma obtusidade, uma embaraçosa incapacidade de compreender o que Jesus representava. O histórico deles não era bom: reclamavam, entendiam errado, disputavam entre si, hesitavam, desertavam, negavam. Mas a reação de Cristo a esse discipulado incompleto e inconsistente foi de amor sem fim.

A boa-nova para nós é que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre.

CAPÍTULO SEIS

ESPIRITUALIDADE PASCAL

William Bausch conta a seguinte história:

> Um velho pregador do interior do Mississippi cria no fundo de seu ser que a Palavra de Deus é espada de dois gumes. Certa manhã ele subiu ao púlpito e disse: "Ah, Senhor, dá a teu servo esta manhã os olhos da águia e a sabedoria da coruja; conecta sua alma ao telefone do evangelho na central dos céus; ilumina sua fronte com o sol do Paraíso; faze que sua alma seja possuída de amor pelas pessoas; destila sua imaginação; unge seus lábios com óleo de sarigüê; eletrifica o cérebro de teu servo com o relâmpago da Palavra; coloca moto-perpétuo em seus braços; enche-o até a boca com a dinamite de tua glória; unge-o da cabeça aos pés com o querosene da salvação e ateia fogo nele. Amém!".[53]

Amém, de fato! Jesus não veio trazer a paz mas a espada; não camisolas, mas a armadura de Deus. O reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder, fonte de transformação e informação. A vida espiritual é simplesmente a vida vivida com a visão da fé. Qualquer

[53] *Storytelling, Imagination and Faith,* p. 141

espiritualidade que reivindique para si o nome de *cristã* deve ressoar com a vida e o ensino do Mestre.

Os escritos do Novo Testamento estabelecem as características essenciais da igreja primitiva. O que é central no Novo Testamento deve ser central na vida da igreja em nossos dias. Tudo o que seja periférico no Novo Testamento não deve ser transformado em central em nossos dias (portanto, qualquer preocupação com o dom de línguas, por exemplo, está concedendo peso indevido a uma questão marginal).

Jesus Cristo, no mistério de sua morte e ressurreição, é o centro do Novo Testamento, da genealogia de Mateus ao *maranata* de Apocalipse. Sua passagem da morte para a vida — *pesach* em hebraico, "páscoa" em português — é o cerne da proclamação do evangelho e de toda a fé cristã. Portanto pode se afirmar inequivocamente: compreender o mistério pascal é compreender o cristianismo; ignorar o mistério pascal é ser ignorante do cristianismo.

Há uma única espiritualidade na igreja do Senhor Jesus: a *espiritualidade pascal.* Essencialmente, é nossa morte diária para o pecado, o egoísmo, a desonestidade e o amor degradado a fim de nos alçarmos à novidade de vida. Paulo afirma: "Não sou mais eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20). Cada vez que desfechamos um golpe mortal no ego, a páscoa de Jesus é traçada em nossa carne. Cada vez que escolhemos caminhar aquela milha adicional, por oferecer a outra face, abraçar em vez de rejeitar, somos compassivos em vez de competitivos, beijamos em vez de morder, perdoamos e nos abstemos de massagear a contusão mais recente de nosso ego ferido, estamos passando da morte para a vida.

A palavra bíblica para conversão é *metanoia,* que significa "transformação radical do eu interior". Descobrimos que um relacionamento pessoal com Jesus Cristo não pode mais ser contido num código de permissões e proibições. Ele se toma como escreveu Jeremias, uma aliança escrita nas tábuas de carne do coração e gravada no mais profundo de nosso ser. A conversão nos abre para uma nova agenda, novas prioridades, uma diferente hierarquia de valores. Ela nos faz migrar de professar Jesus como Salvador a confessá-lo como Senhor, de uma descuidada acomodação de fé em nossa cultura a uma fé vivida na verdade consumidora do evangelho. Ela destila nossa imaginação, eletrifica nosso cérebro com o relâmpago da Palavra, enche-nos até a boca com a dinamite de sua glória, unge-nos da cabeça aos pés com o querosene da salvação e ateia fogo em nós.

> O oposto de conversão é aversão. O outro lado da metanóia é paranóia. A paranóia é geralmente compreendida no sentido psicológico. É caracterizada por medo, suspeita e fuga da realidade. A paranóia resulta comumente em elaboradas alucinações e auto-ilusão. No contexto bíblico, a paranóia implica mais do que desequilíbrio emocional ou mental. Ela se refere a uma atitude de ser, uma postura do coração. A paranóia espiritual é uma fuga de Deus e de nosso verdadeiro eu. É uma tentativa de escapar da responsabilidade pessoal. É a tendência de evitar a o custo do discipulado e buscar uma rota de fuga das exigências do evangelho. A paranóia de espírito é uma tentativa de negar a

> realidade de Jesus de tal modo que racionalizamos nosso comportamento e escolhemos o próprio caminho.[54]

Cada um de nós vive uma tensão entre metanóia e paranóia. Caminhamos na crista estreita entre fidelidade e traição. Nenhum de nós está imune à sedução de um discipulado falsificado. Um evangelho diluído nos permite experimentar o melhor de dois mundos, uma vida de mediocridade dourada na qual nos dividimos de forma cuidadosa entre carne e espírito, mantendo os olhos atentos em ambos. O evangelho da graça barata dilui a fé numa mistura morna de Bíblia, nacionalismo e concessão — uma espiritualidade que não traz nenhuma semelhança com o mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Quais são as características da espiritualidade pascal? Há sete.

Em *primeiro lugar, a espiritualidade pascal é cristocêntrica, ou seja, é por meio de Cristo, com Cristo e em Cristo.* Isso talvez pareça tão óbvio que dificilmente mereceria nossa atenção. Mas a história cristã, tanto passada quanto presente, é a narrativa em andamento de uma trágica distorção de fé em que Cristo deixa de ser o centro da vida cristã. No passado, certas práticas devocionais foram recebendo tamanha atenção em pensamento e ensino que a devoção direta à pessoa de Jesus Cristo, na igreja e por meio da igreja, assumiu um lugar secundário. Em outros círculos cristãos, a tendência a "absolutizar" algumas partes do Novo Testamento (por exemplo, At 1—3 e ICo 12—14) tem colocado ênfase nas experiências religiosas de pico e nos dons espetaculares do Espírito — resultando no fato de que o mistério da morte e ressurreição tem sido relegado à margem da fé e prática cristã.

Em anos recentes, a preocupação com estilos de adoração — tradicional ou renovado, órgão ou guitarra, hinos ou cânticos, incenso ou balões, orações recitadas ou espontâneas, traduções novas e antigas da Bíblia — tem tirado do centro das atenções o drama central do Calvário e da manhã de Páscoa. O estilo eclipsa a substância, a forma transcende o conteúdo, a igreja suplanta Jesus. Conforme observado anteriormente, o modo de pensar da direita cristã é o novo padrão para se determinar o que alguém vale aos olhos de Deus e de todos os demais.

Acima dessa bulha, o Pai brada: "Você vai à igreja todo domingo e lê a Bíblia, mas o corpo de meu Filho está partido! Você memoriza verso e capítulo e honra todas as tradições, mas o corpo de meu Filho está partido! Você recita o credo e defende a ortodoxia, mas o corpo de meu Filho está partido! Você se remete de volta à tradição e progride em direção a um renovo, mas o corpo de meu Filho está partido!".

Neste ponto da história da igreja, creio ser pertinente lembrar que o Cristo do evangelho de João fez a Pedro (que o negara três vezes) apenas uma pergunta: "Você me ama?". O critério pelo qual Cristo mede seus amigos e os que o rejeitam é ainda: "Você me ama?". De que adiantam o estudo bíblico, a reforma pessoal e a renovação, se esquecemos disso, mesmo que nos apeguemos a todo o resto? Como pode alguém reunir a inacreditável dureza de coração e o destemperado zelo messiânico necessários para inflar o estilo e a tradição, a ortodoxia, a interpretação bíblica e a crença correta a ponto de transformá-los em tamanhos

[54] John HEAGLE, *On the Way*, p. 34.

monstros que a pergunta de Jesus a Pedro e a nós seja guardada na estante?

O autor do quarto evangelho propõe uma única pergunta a seus leitores: conhecemos por acaso Jesus? Conhecê-lo é vida. Tudo o mais se desvanece em crepúsculo e escuridão. Para o evangelista João, o que estabelece a dignidade na comunidade cristã não é apostolado ou função, títulos, dons de profecia ou cura ou pregação inspirada, mas apenas a intimidade com Jesus. Esse é o *status* do qual desfrutam todos os cristãos.

Para nossa igreja contemporânea, que trata os líderes administrativos e superastros carismáticos com deferência excessiva, o evangelho de João envia esta palavra profética: apenas o amor de Jesus Cristo confere status na comunidade cristã. Em seu poderoso livro pastoral *The Churches the Apostles Left Behind* [A igreja que os apóstolos deixaram para trás], Raymond Brown escreve:

> Todos os cristãos são discípulos, e entre eles a grandeza é determinada por um relacionamento amoroso com Jesus, não por função ou cargo. Cargos eclesiásticos e até mesmo o apostolado são de menor importância quando comparados ao discipulado, que é literalmente questão de vida ou morte. Dentro desse discipulado não há cristãos de segunda classe.[55]

O impulso da espiritualidade pascal é cristocêntrica. Ela nunca perde de vista a pergunta: "Você me ama?" nem tenta superar o Mestre. Mesmo se tudo está em confusão, nada está arruinado de forma definitiva enquanto os discípulos ainda o seguem, apegam-se a ele, aprendem com ele, amam-no.

Uns poucos anos atrás um prisioneiro branco morreu de ataque cardíaco em Montgomery, no Alabama. Na prisão ele tivera uma profunda experiência de conversão e entrara num relacionamento autêntico com Jesus. O presidiário da cela ao lado, um negro imenso, era célico. Toda noite o prisioneiro branco falava por entre as barras da prisão a seu companheiro sobre o amor de Jesus. O negro zombava dele, dizia que estava doente da cabeça, que a religião era o último refugio dos insanos. Apesar disso o prisioneiro branco citava-lhe passagens da Escritura e repartia com ele os doces que recebia de algum parente. Durante o funeral do homem branco, quando o capelão falou sobre a vitória de Jesus na Páscoa, o robusto prisioneiro negro ficou de pé no meio do sermão, apontou para o caixão e disse: — Esse é o único Jesus que eu conheci.

A espiritualidade pascal afirma que, se nossa jornada cristã não produz Cristo em nós, se a passagem dos anos não forma Jesus de tal modo que nos tomemos realmente semelhantes a ele, nossa espiritualidade está falida.

A *segunda característica da espiritualidade pascal é o fato de que ela tem consciência da comunidade do povo de Deus.* Pertencemos ao povo de Deus. O cristianismo não pode jamais ser um assunto que abarca simplesmente nossa felicidade individual. A espiritualidade pascal evita toda forma exagerada de individualismo cristão — a mentalidade de "Jesus e eu". Deus não nos chamou à salvação em isolamento mas em

[55] P 91.

comunidade. Nosso destino pessoal é parte do seu prodigioso plano de salvação, que inclui em seu bojo não apenas a comunidade humana por inteiro, mas toda a criação, a inauguração do novo céu e da nova terra.

A mentalidade Jesus-e-eu nos diz que só precisamos aceitar Jesus como Salvador, ler a Bíblia, ir à igreja e salvar nossa alma. O cristianismo toma-se simplesmente uma questão de cabine telefônica, uma conversa privada entre mim e Deus sem nenhuma referência a meus irmãos e irmãs. Vou à igreja no domingo enquanto o mundo vai para o inferno. Se a preocupação com minha salvação pessoal me narcotiza a um grau de insensibilidade tal que não sou mais capaz de ouvir o balido das ovelhas perdidas, então Karl Marx está certo: a religião é o ópio do povo.

Mas o corpo do meu Filho está partido! Você recita o credo e defende a ortodoxia, mas o corpo do meu Filho está partido! Você remete-se de volta à tradição e progride em direção a um renovo, mas o corpo do meu Filho está partido!"

Neste ponto da história da igreja creio ser pertinente lembrar que o Cristo do evangelho de João fez a Pedro (que o negara três vezes) apenas uma pergunta: "Você me ama?" O critério pelo qual Cristo mede seus amigos e os que o rejeitam é ainda "Você me ama?" De que adiantam o estudo bíblico, a reforma pessoal e a renovação, se esquecemos disso, mesmo que nos apeguemos a todo o resto? Como pode alguém reunir a inacreditável dureza de coração e o destemperado zelo messiânico necessários para inflar o estilo e a tradição, a ortodoxia, a interpretação bíblica e a crença correta ao ponto de transformá-los em tamanhos monstros que a pergunta de Jesus a Pedro e a nós é guardada na estante?

O autor do quarto evangelho propõe uma única pergunta a seus leitores: *conhecemos* por acaso Jesus? Conhecê-lo é vida. Tudo o mais se desvanece em crepúsculo e escuridão. Para o evangelista João o que estabelece a dignidade na comunidade cristã não é apostolado ou função, títulos, dons de profecia, cura ou pregação inspirada, mas apenas a intimidade com Jesus. Esse é o *status* do qual desfrutam todos os cristãos.

Para nossa igreja contemporânea, que trata os líderes administrativos e superastros carismáticos com deferência excessiva, o evangelho de João envia essa palavra profética: apenas o amor de Jesus Cristo concede *status* na comunidade cristã. Em seu poderoso livro pastoral *The churches the apostles left behind* [A *igreja que os apóstolos deixaram para trás]*, Raymond E. Brown escreve:

> Todos os cristãos são discípulos, e entre eles a grandeza é determinada por um relacionamento amoroso com Jesus, não por função ou cargo. Cargos eclesiásticos e até mesmo o vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama **a** Deus ame também a seu irmão.
>
> 1João 4:19-21

A espiritualidade pascal afirma que o teste mais verdadeiro do discipulado é o modo que vivemos uns com os outros na comunidade da fé. E simples e exigente assim. Em nossas palavras e nossos atos damos formato e forma a nossa fé a cada dia. Fazemos as pessoas um pouquinho

melhores ou as deixamos ainda piores. Afirmamos ou desprovemos, ampliamos ou diminuímos a vida dos outros.

> O reino, diz-nos Jesus, está de fato em nosso meio, no mistério de nosso relacionamento uns com os outros. Estamos do lado de dentro dos portões quando nos aproximamos uns dos outros com o anuir ateado pelo Espírito. Já estamos em terreno santo quando estendemos a mão para compreender em vez de condenar, quando perdoamos em vez de nos vingarmos, quando na qualidade de peregrinos desarmados estamos prontos para enfrentar nossos inimigos. O que Jesus ensina é simples e maravilhoso demais para os que querem mágica na religião.[56]

De acordo com o critério evangélico de santidade, a pessoa mais próxima do coração de Jesus não é a que ora mais, a que mais estuda a Escritura ou a que tem confiada a si a posição de maior responsabilidade espiritual. É quem mais ama, e essa não é opinião minha. É a Palavra que nos julgará.

Terceira *característica da espiritualidade pascal: ela olha para a natureza humana armo decaída mas redimida* — falha, *porém boa* na *essência.* As emoções são boas, carecendo apenas de direção e graça, não de supressão. Somos cristãos, não estóicos. Poderíamos passar muito bem com menos do pessimismo encontrado em alguns círculos cristãos a respeito das coisas terrenas. A criação é o transbordar da bondade de Deus e de seu amor infinito. Á pergunta: "Por que Deus fez o mundo?" a espiritualidade pascal responde que Deus, o Pai, tem uma peculiar atração pelo ser. Como coloca Robert Capon:

> Ele tinha uma obsessão ilimitada pelo ser. Ficava pensando em novos modos de ser e novos modos do ser o ser. Certa tarde Deus Filho apareceu e disse:
>
> — Isso está excelente. Por que não saio para montar um lote deles?
>
> — Formidável! — disse Deus Espírito Santo. — Vou ajudar.
>
> Assim eles se reuniram naquela noite, depois do jantar, e fizeram uma extraordinária demonstração de ser para o Pai. Estava repleta de água e de luz **e** de sapos; salgueiros pendiam em toda parte, e peixes sarapintados nadavam nos copos de vinho. Havia cogumelos e uvas, rábanos silvestres e tigres — e homens e mulheres em todo lugar para experimentá-los, fazer malabarismos com eles, juntar-se a eles **e** amá-los. Deus Pai olhou para todo aquele grupo extravagante e disse:
>
> — Maravilhoso. Isso *é* o que eu **t**inha em mente. Jóia!
>
> E tudo o que Deus Filho e Deus Espírito Santo conseguiram dizer foi:
>
> — Beleza!
>
> Eles riram por muitas eras dizendo coisas como quão excelente era para o ser ser, quão sagaz da parte do Pai tinha sido conceber

[56] Eugene KENNEDY, *The Choice to Be Human,* p. 130.

> a idéia, quão bondoso da parte do Filho ter tido o trabalho de montá-lo e quão gracioso da parte do Espírito devotar tanto tempo à coreografia. Eles contaram velhas piadas uns aos outros, e Pai e Filho beberam vinho em unidade com o Espírito Santo e ficaram jogando azeitonas maduras e cogumelos em conserva uns nos outros para sempre e sempre.

Reconhecidamente trata-se de uma analogia grosseira, mas talvez as analogias grosseiras sejam as melhores. Todo mundo sabe que Deus não é um velho de barba jogando azeitonas. Mas nem todos estão convencidos de que Deus não é uma "força cósmica", uma "causa sem causa", um "movedor imóvel" ou qualquer das analogias que usamos para falar dele. A imagem da criação como uma hilariante farra trinitaria pode ser maluquice, mas ela de fato aponta para a verdade de que Deus se deleita em sua criação.

A criação, afirma Gênesis, é boa. As coisas criadas são apenas miríades de respostas ao deleite de Deus que as investe de ser por sua vontade. Tomás de Aquino disse que o ser é bom em si mesmo. Ser e bem são intercambiáveis.

Naturalmente, não é sempre fácil ver que todo ser é bom. Afirmar nossa fé na bondade da criação torna-se problemático diante de um terremoto na Cidade do México que leva cinco 5 vidas, ou do deslizamento na Colômbia que mata 40 mil. Além disso, como observa Capon, há sapos venenosos, células cancerígenas, insuficiências renais, baleias assassinas e tubarões financeiros para serem levados em conta. Mas não há retorno da revelação na Palavra: "Deus viu tudo o que havia feito, e era muito bom" (Gn 1:31).

A natureza humana, liberta da escravidão do pecado, é capaz de assombrosa santidade. O evangelista Robert Frost, numa palestra em San Jose, Califórnia, observou: "O Senhor me fez deparar de repente com o seguinte desafio: 'Por que você insiste em ver seus filhos nas mãos do diabo, e não nos braços do fiel Pastor?'. Percebi então que em minha mente eu havia sempre pensado nos males do presente como mais poderosos do que o amor atemporal de Deus".

A espiritualidade pascal recupera o elemento de deleite na criação. Imagine o êxtase, o brado de alegria quando Deus fez uma pessoa em sua própria imagem! Quando Deus fez você! O Pai deu você como presente a si mesmo. Você é uma resposta ao vasto deleite de Deus. Dentre um infinito número de possibilidades, Deus investiu em você e em mim com a existência.

À luz da verdade, tenho de fazer-me a seguinte pergunta: Tenho *realmente valorizado o* tremendo *presente que sou? Ou meço meu valor pela textura dos cabelos, a estrutura do rosto ou o tamanho da cintura?*

Poderia o presente do Pai para si mesmo não ser belo? Canto suas outras dádivas — "garotas em brancas vestes com cintos azul-celestes, flocos de neve em meu nariz e pestanas".[57] Por que razão não gosto do meu belo eu? A espiritualidade pascal afirma que, por causa da morte e ressurreição de Jesus Cristo, posso amar a mim mesmo não a despeito de

[57] "My favorite things", de A noviça *rebelde* (1959), música de Richard Rodgers, letra de Oscar Hammerstcin II.

minhas falhas e verrugas, mas com elas. Tal é a aceitação do Deus de Jesus.

Em *quarto lugar, a espiritualidade pascal vem estampada com a assinatura de Jesus.* Não há cristianismo genuíno no qual o signo da cruz está ausente. Graça barata é graça sem a cruz, um assentimento intelectual à empoeirada casa de penhores de crenças doutrinárias ao mesmo tempo que se é levado sem direção pelos valores culturais da cidade secular. O discipulado sem sacrificio gera um cristianismo confortável praticamente indistinguível, em sua mediocridade, do resto do mundo. A cruz é tanto o teste quanto o destino de um seguidor de Jesus.

> O que carecemos desesperadamente é compreender novamente o quanto é perigoso ser um cristão verdadeiro. Qualquer um que leve seu cristianismo a sério perceberá que a crucificação não é algo que aconteceu a um homem há cerca de mil e novecentos e cinqüenta anos, tampouco foi o martírio meramente a sina de seus primeiros seguidores. Deveria ser um risco onipresente para todo cristão. Os cristãos deveriam — precisam — em certos sentidos viver perigosamente se desejam viver sua fé. Os tempos atuais tornaram isso aparente. Hoje em dia requer-se de nós que assumamos grandes riscos pela paz. E combater as forças entrincheiradas da corrida armamentista — os principados e potestades deste mundo — inclui um risco muito real de martírio[...] É hora de uma ação comunal e congregacional e de risco corporativo.[58]

A pregação morna e a adoração sem vida têm espalhado tantas cinzas sobre o fogo do evangelho que mal sentimos seu ardor. Tornamo-nos tão habituados ao último fato cristão — Jesus nu, exposto, crucificado e ressurreto — que não mais o vemos pelo que é: um chamado a nos despirmos de preocupações terrenas e sabedoria mundana, de todo o desejo por louvor humano, da cobiça por qualquer espécie de confono (incluindo consolações espirituais). E uma convocação à prontidão para nos levantarmos e sermos contados como pacificadores num mundo violento. É um chamado para abrirmos mão da fantasia de que não somos de fato mundanos (o ripo de mundanismo que prefere a tarefa mais atraente à menos, e leva-nos a investir mais em gente que queremos impressionar). Mesmo o último trapo ao qual nos apegamos — a autobajulação que sugere que estamos sendo humildes quando recusamos admitir qualquer semelhança com Jesus Cristo —, até mesmo esse trapo deve cair quando ficamos face a face com o Filho de Deus crucificado.

Charles Colson, corrupto do caso Watergate e vigarista por excelência, é testemunha dos muitos aspectos da espiritualidade centrada na ressurreição. Sua consciência da salvação-na-comunidade fala por si mesma por meio de seu ministério na prisão. Além disso, sua vida é uma adorável carta a Deus assinada com a assinatura de Jesus. Quando soube que rinha um câncer achou que ficaria arrasado, mas descobriu em seu

[58] Scott PECK, *The Different Drum,* p. 295.

confronto com o medo e com o sofrimento que não há nada em que Deus não derrame sua graça de forma abundante. O tumor foi diagnosticado cedo, e os doutores asseguraram-lhe que o prognóstico era excelente.

Colson disse: "Meu sofrimento gerou algumas novas percepções![...] a respeito do evangelho da saúde e prosperidade. Se Deus de fato livra seu povo de toda dor e enfermidade, como freqüentemente se diz, por que eu estava doente? Teria minha fé enfraquecido? Teria eu perdido seu favor? Não: eu sempre havia reconhecido essa doutrina como falsa teologia. Mas, depois de quatro semanas numa unidade de tratamento intensivo, passei a vê-la diferente: uma presunçosa pedra de tropeço no caminho do verdadeiro evangelismo".

Enquanto Colson arrastava consigo pelo corredor o poste de medicação intravenosa, um hindu que visitava o filho desesperadamente doente perguntou-lhe se Deus curaria ou não seu filho se ele, o pai, nascesse de novo. "Ele disse que tinha ouvido esse tipo de coisa na televisão. Enquanto ouvia, percebi quão arrogante a religião da saúde e prosperidade soa para famílias que sofrem. Os cristãos podem ser poupados do sofrimento, mas criancinhas hindus ficam cegas. Não se pode culpar um hindu ou muçulmano por ressentir-se de um Deus desses, ou mesmo odiá-lo". Quanto a seu câncer: "Mal começamos a saber todas as razões subjacentes. Mas de fato sabemos que nosso sofrimento e fraqueza podem ser uma oportunidade de testemunhar ao mundo a graça admirável de Deus trabalhando por meio de nós".[59]

A espiritualidade pascal nada mais é do que o cativeiro a Cristo apenas, uma completa ligação a sua pessoa, um compartilhar do ritmo de sua morte e ressurreição, uma participação em sua vida de tristeza, rejeição, solidão e sofrimento. Parafraseando Francis Thompson: "A madeira precisa ser carbonizada para que ele possa desenhar com ela".

Quinta dimensão da espiritualidade pascal: é jubilosa e otimista. Está ancorada na esperança. Aguarda ansiosamente a glorificação da segunda vinda. O clamor do cristão é: "Haverá um grande dia!". O Deus fiel que conduziu seus filhos à Terra Prometida nos guiará à terra prometida de glória, onde a vitória de Jesus Cristo cintilará como um letreiro de neon no céu, e as trombetas angelicais anunciarão a última colheita. O verdadeiro cristão é o amante separado de seu amado — o dia da reunião não tem como chegar depressa demais. Assim é o espírito alegre, esperançoso, animado que caracteriza a espiritualidade pascal. Ela deve estabelecer a tonalidade de nossa vida em Cristo, dia após dia.

Eis aqui a raiz e a fonte da alegria, do júbilo e do riso cristãos. É a razão pela qual o teólogo Robert Hotchkins pode insistir: "Os cristãos devem celebrar constantemente":

> Devemos estar preocupados com festas, banquetes, folias e festejo. Devemos entregar-nos a verdadeiras orgias de júbilo por causa de nossa crença na ressurreição. Devemos atrair as pessoas para nossa fé literalmente pelo quanto é divertido ser cristão. Infelizmente, no entanto, logo também nos tornamos sombrios, austeros e pomposos. Somos o oposto de nossa própria tradição, porque tememos perder tempo ou ficar amarrados. Nas palavras

[59] Martin MARTY, Context: A Commentary *on The Interaction of Religion and Culture, p.5.*

de Teresa de Ávila: "de tolas devoções e santos de cara amarrada, livrai-nos, Senhor!".

A vitória de Jesus Cristo no Calvário apresenta-nos apenas duas alternativas lógicas: ou você crê na ressurreição e, por conseguinte, crê em Jesus de Nazaré e no evangelho que ele pregou, ou crê na não-ressurreição e não crê em Jesus de Nazaré e no evangelho que ele pregou. Se a Páscoa não é história, devemos nos tornar céticos. Em outras palavras, ou cremos na ressurreição e num Jesus vivo que está conosco na fé, e entregamos nossa vida a ambos, ou não. Ou descartamos a boa-nova como boa demais para ser verdade ou nos permitimos ser pessoas extraordinariamente felizes por causa dela. O cristão é chamado para crer num Deus que ama e em seu Cristo ressurreto. Cremos, e cremos enfaticamente; cremos, e cremos jubilosamente.

A alegria no Jesus ressurreto está diretamente ligada à qualidade de nossa fé. Madre Teresa escolheu viver sua vida entre os filhos mais afligidos de Deus, porém podia, ainda assim, dizer: "Nunca permita que nada encha seu coração de pesar de tal forma que você se esqueça da alegria do Senhor ressurreto".

Inácio de Loyola encorajava os cristãos a orar com freqüência por uma felicidade intensa.[60] Ele não estava falando de uma alegria frívola de festa ou numa corajosa tentativa de sorrir em meio às lágrimas. Trata-se de uma felicidade profundamente entranhada, enraizada na vitória e na promessa do Jesus ressurreto. A compaixão, a habilidade de sofrer com a ferida do outro, é qualidade cristã essencial; igualmente importante é a capacidade de regozijar-se na alegria do outro. A felicidade intensa está ancorada na alegria que Cristo agora experimenta à direita de seu Pai. Cada lágrima foi enxugada. Não há mais lamento nem tristeza na vida do Jesus ressurreto.

Esse dom de felicidade intensa, quando é concedido, produz uma alegria sólida e inabalável, enraizada muito abaixo das areias instáveis da volubilidade de nossos sentimentos. O que quer que aconteça, o Senhor ressurgiu! Nada pode sufocar a alegria e a esperança. O dia pode estar tempestuoso ou com bom tempo, posso estar doente ou com saúde, nada altera o fato de que Cristo ressurgiu. Na igreja primitiva, cada domingo era conhecido como festa da "Pequena Páscoa". Em nossa cultura, o *shabat* (sábado) cristão é uma convocação à alegria e ao otimismo do domingo da ressurreição.

O sexto *aspecto da espiritualidade pascal: promove unidade sem uniformidade.* Jesus é o Caminho, e sua luz é retratada em miríades de maneiras em personalidades diferentes. Ele se encarna de maneiras novas e surpreendentes em cada um de nós. Cada um é chamado para ser uma manifestação única e singular da verdade e do amor de Cristo, não uma cópia em papel-carbono de outra pessoa. Precisamos deixar de tentar acomodar as pessoas dentro de determinado molde, mas antes reconhecer a rica variedade de pessoas e personalidades que se combinam para formar a igreja. Nenhum esforço deve ser feito para destruir a riqueza de variedade numa tentativa por uniformidade.

[60] Cf. Peter van BREEMEN, Certain as *the Dawn.*

Tratando-se de adoração na igreja, o princípio operativo é unidade no louvor a Deus sem uniformidade no estilo.

Finalmente, a espiritualidade pascal encara as pessoas como livres. Somos livres em virtude da liberdade com que Cristo nos libertou. "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou" (Gl 5:1). Os cristãos devem ser tratados pelas autoridades religiosas como homens e mulheres livres, não como escravos. Somos seres humanos responsáveis com a capacidade de tomar decisões racionais. A obediência esclarecida (não cega) é o ideal pascal. Há pronta aceitação à verdade de que o destino de cada pessoa está nas mãos dessa pessoa, guiada e fortalecida pela graça de Cristo. Há profunda consciência de que o segredo fundamental de Jesus era seu soberano respeito pela liberdade humana. Ele nunca tentou tornar as pessoas virtuosas contra a vontade delas. Essa é a traição essencial.

A igreja institucional está sendo desleal à lei de seu "ser" sempre que viola a liberdade. Sempre que uma figura de autoridade busca suprimir a liberdade, ele ou ela estão se colocando (mesmo que inconscientemente) em oposição a Cristo e sua igreja. Deus criou-nos em sua própria imagem porque queria serviço livre e responsável. Quando a virtude da obediência é reduzida a padrão de dominação e submissão, produzimos covardes treinados em vez de pessoas cristãs.

Talvez seja esta a mais dura lição da espiritualidade centrada na ressurreição: olhar para nós mesmos e para os outros como pessoas livres e responsáveis. Em vez de criar mais liberdade, todos erguemos inconscientemente impedimentos a ela — como medo neurótico, pressão, ameaças de punição. A tragédia de nossas tentativas de forçar os outros a ser virtuosos pela força ou pela manipulação sutil é o fato de que esses esforços são tão predominantes em nossa vida, tão característicos de nosso relacionamento com os outros que a maioria de nós, na maior parte do tempo, não tem consciência do problema. Não percebemos que denunciamos uma ausência fundamental de respeito pela humanidade daqueles com quem tratamos, e que essa ausência de respeito é o problema essencial com o uso da autoridade na igreja e no lar.

Se de fato conhecêssemos o Deus de Jesus, pararíamos de tentar controlar e manipular os outros "para seu bem", sabendo perfeitamente que não é assim que Deus trabalha entre seu povo. Paulo escreve: "Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2Co3:17).

Esses são os traços centrais e as características dominantes da espiritualidade pascal centrada na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Morte e ressurreição não são eventos que ocorrem apenas no final de nossa jornada. São o padrão de nossa vida dia após dia.

> Cada vez que abrimos mão do passado para abraçar o futuro, revivemos em nossa carne a jornada pascal de Jesus. Cada vez que permitimos que morram nossos temores e nosso egoísmo, irrompemos para uma nova vida. Cada vez que nos abrimos para o Espírito, de modo que ele possa derrubar as muralhas de suspeita e amargura, chegamos em casa para nós mesmos, para a comunidade e para o Senhor. "Morro a cada dia", escreveu Paulo, e poderia ter acrescentado: "E a cada dia sou ressurreto para nova vida".[61]

[61] John HEAGLE, On t*he Way,* p. 210.

Escrever a carta de nossa vida sobre a assinatura de Jesus é reconhecer seu morrer e seu ressurgir à medida que eles são traçados em nossas atitudes e gravados em nosso coração. Dentro desse contexto, nem a morte nem a ressurreição serão experiências novas para nós.

CAPÍTULO SETE

CELEBRANDO A ESCURIDÃO

Certo cristão achava de vital importância ser pobre e ter uma vida austera. Nunca lhe ocorrera que vitalmente importante era abrir mão de seu ego; não lhe ocorrera que o ego engorda tanto com a santidade quanto com o mundanismo, com a pobreza tanto quanto com a riqueza, com a austeridade tanto quanto com o luxo. Não há nada que o ego não use para inflar a si mesmo.

> *Discípulo.* Venho a ti com nada em minhas mãos. Mestre. Então o largue imediatamente!
> *Discípulo.* Como posso largar? Não é nada! Mestre. Então o arraste com você! Você pode fazer de seu nada um bem. E carregar sua renúncia por aí como um troféu. Não abra mão de suas posses. Abra mão de seu ego.[62]

Morrer para si mesmo é necessário a fim de viver para Deus. Uma crucificação do ego é requerida. É por isso que uma oração cristã madura conduz inevitavelmente à purificação que São João da Cruz chamou de noite escura dos sentidos e do espírito — que, por meio da solidão e da aridez, enterra o egoísmo e leva-nos para fora de nós mesmos a fim de experimentarmos a Deus.

A "noite escura" é um lugar muito real, como pode atestar qualquer um que já esteve lá. Allan Jones chama-a de "segunda conversão". Enquanto a primeira conversão é caracterizada por alegria, entusiasmo e é cheia de consolação sentida e de um profundo sentimento da presença de Deus, a segunda é marcada por secura, esterilidade, desolação e um profundo sentimento da *ausência* de Deus. A noite escura é um estágio indispensável de crescimento espiritual, tanto para o cristão quanto para a igreja.

Merton escreve:

[62] Anthony DEMELLO, *The Song of the Bird,* p. 130.

> Há uma necessidade absoluta do tipo de oração solitário, exposto, sombrio, além do pensamento e além do sentimento[...] A não ser que essa dimensão esteja presente em algum lugar da igreja, o grupo todo carece de vida, luz e inteligência. É também uma espécie de estabilizador e compasso oculto, secreto e desconhecido. Sobre isso não tenho hesitação nem dúvidas.[63]

Embora dolorosa, a purificação do ego na noite escura é a estrada principal para a liberdade e maturidade cristã. De fato, ela é com freqüência resposta à oração.

Você já orou por uma vida de oração mais profunda? Já orou por uma percepção vívida e consciente da presença interior de Deus ao longo do dia? Já orou para ser gentil e humilde de coração? Já pediu um espírito de desapego das coisas materiais, relacionamentos pessoais e conforto na vida diária? Já clamou por um aumento na fé?

Sei que já o fez, e suspeito que todos já tenhamos orado por esses dons espirituais. Mas me pergunto se de fato dissemos o que queríamos quando pedimos essas coisas? De fato queremos aquilo pelo que pedimos? Creio que não. De outro modo, por que recuamos chocados e tristes quando nossas orações são respondidas? O sofrimento envolvido ao chegar à resposta nos faz arrepender de ter pedido em primeiro lugar.

Pedimos crescimento espiritual e maturidade cristã, mas não os queremos de fato — pelo menos não do modo em que Deus escolhe concedê-los a nós. Por exemplo, se pedimos ao Senhor uma vida de oração mais profunda, de que forma ele responde a essa oração? Levando-nos a dobrar os joelhos em adversidade e sofrimento. Você já ouviu a reclamação cristã: "O que houve? Na semana depois que 'nasci de novo' tudo deu errado. Perdi meu emprego e as chaves do carro, briguei com a minha esposa, peguei o avião errado e acabei em Filadélfia em vez de em São Francisco".

Através de uma seqüência de eventos humanos, divinamente inspirados, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo nos conduz a um estado de devastação interior. Quando estamos assim é muito provável (embora não inevitável) que passemos a orar mais. Até agora talvez não tivéssemos estado orando em profundidade. Mas agora estamos de fato orando. Podemos não estar proferindo um número tão grande de orações, e podemos não estar seguindo as fórmulas de oração estabelecidas que espera-se que sigamos, mas estamos orando como nunca antes. Perguntamos: "O que está havendo?" E a resposta vem: "Você não lembra? Foi isso que você pediu. Isso não é graça barata. Você queria uma vida de oração mais profunda. Agora aqui está você".

"Senhor, faz de mim o que devo ser; muda-me, a qualquer custo". Ao proferir essas palavras perigosas, devemos estar preparados para que Deus as ouça. Essas são palavras perigosas porque o amor de Deus não tem remorsos. Deus quer nossa salvação com a determinação de sua devida importância. E, conclui o Pastor de Hermas: "Deus não nos deixa até que nos tenha partido o coração e os ossos".[64]

---

[63] *The Hidden Ground of* Love. Carta a Daniel Berrigen, 10/3/1968.

[64] Anthony BLOOM e Georges LEFREVE, The Courage to *Pray,* p. 17.

Jesus diz: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11:29). Essas belas palavras são um retrato do coração de Cristo. Então respondemos: "Jesus, gentil e humilde de coração, faze o meu coração como o teu". Agora sim vamos ver o que é bom. Acabamos de abrir a caixa de Pandora. Por quê? Porque não aprendemos a humildade lendo sobre ela em livros espirituais ou ouvindo-a ser louvada em sermões. Aprendemos a humildade diretamente do Senhor, do modo que ele deseja nos ensinar. Com freqüência aprendemos a humildade pela humilhação.

O que é humildade? É a rematada percepção e aceitação do fato de que sou totalmente dependente do amor e da misericórdia de Deus. Ela cresce por meio de um despir-se de toda auto-suficiência. A humildade não se adquire com a repetição de frases piedosas; ela é executada pela mão de Deus. E Jó sobre o monturo vez após outra enquanto Deus nos lembra de que *ele* é a única esperança verdadeira.

Conheço um homem que se sentiu confortavelmente próximo de Cristo durante trinta anos porque seu ministério rinha sido um sucesso. Ele deixara sua marca, produzira um bom trabalho e ganhara o respeito e a estima de roda a comunidade. Parecia que o sucesso era uma recompensa por sua fidelidade. Um dia Deus teve misericórdia dele e lhe concedeu o desejo por humildade de coração.

O que aconteceu?

Num cegante momento de verdade, o homem enxergou seu sucesso ministerial como impregnado de vaidade e egocentrismo. Logo os amigas começaram a se afastar. Sua popularidade caiu. Ele ficou consciente da falta de confiança por parte de outros.

A humildade não se pega através da repetição de frases piedosas; ela é executada pela mão de Deus. E Jó sobre o monturo vez após outra enquanto Deus nos lembra de que *ele* é a única esperança verdadeira.

Conheço um homem que sentiu-se confortavelmente próximo de Cristo durante trinta anos porque seu ministério tinha sido um sucesso. Ele deixara a sua marca, produzira um bom trabalho e ganhara o respeito e a estima de toda a comunidade. Parecia que seu sucesso era uma recompensa pela sua fidelidade. Então um dia Deus teve misericórdia dele e concedeu-lhe o o seu desejo por humildade de coração.

O que aconteceu?

Num cegante momento de verdade, o homem enxergou seu sucesso ministerial como impregnado de vaidade e egocentrismo. Logo os amigos começaram a se afastar. Sua popularidade caiu. Ele ficou consciente da falta de confiança por parte de outros. Surgiram diferenças radicais a respeito de questões como crescimento da igreja e evangelismo. Uma enfermidade trouxe inatividade e acentuou a sensação de perda.

O homem adentrara a noite escura. Pela primeira vez ele experimentava a insuportável ausência de Deus. Ele suspeitava que sua vida fosse um desapontamento para Deus, um desapontamento que era incapaz de reparar. Sentia que havia perdido Jesus através do orgulho e egoísmo. Estava convencido de que a repreensão do divino Juiz no livro de Apocalipse era dirigida a ele: "Pois dizes: 'Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma', e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu" (3:17).

A dor era excruciante, a noite escura, sombria. Mais tarde, no entanto, quando o homem refletiu sobre essa experiência dolorosa de redução de ego, reconheceu que sua agonia era resposta de oração, que a humilhação que ele havia suportado era o modo de Deus dizer sim ao pedido dele de ser mais como Jesus.

Biblicamente falando nada há de mais detestável do que uma pessoa auto-suficiente. Ele é tão cheio de si, tão ensimesmado de orgulho e prepotência que é insuportável. Eis um cenário que me vem à mente.

Uma mulher humilde me procura por causa de meu renome como guia espiritual. Ela é simples e direta:

— Por favor me ensine a orar.

De forma concisa, pergunto a ela:

— Fale-me da sua vida de oração. Ela abaixa os olhos e diz, contrita:

— Não há muito o que contar. Agradeço pelas refeições. Arrogantemente, eu respondo:

— Agradece pelas refeições? Então, não é demais? Minha senhora, agradeço quando acordo e quando me recolho; agradeço antes de ler o jornal e antes de ligar a televisão. Agradeço antes de passear e de defecar, antes do teatro e da ópera, antes de fazer *cooper,* de nadar, de caminhar, de jantar, de palestrar, de escrever. Agradeço até mesmo antes de agradecer!

E Deus sussurra para mim:

— Seu mal-agradecido. Até mesmo o desejo de agradecer é dom meu.

Conta uma antiga lenda cristã:

> Quando o Filho de Deus pregado à cruz entregou o espírito, foi diretamente da cruz ao inferno libertar todos os pecadores que estavam em tormento ali. O Diabo chorou e lamentou, porque pensava que não conseguiria mais pecadores para o inferno. Então Deus disse a ele: "Não chore, pois vou lhe mandar todos aqueles santos que se tornaram complacentes na consciência de sua bondade e cheios de justiça própria na condenação dos pecadores. E o inferno se encherá novamente por gerações até que eu volte".[65]

Na maior parte do tempo o cristão auto-suficiente está cego para suas arrogantes pretensões. Ele segue seu caminho feliz recitando frasezinhas piedosas como: "Jesus, mantém-me humilde". E por fim o Deus que não pode ser manipulado ou controlado replica: "Tudo bem. Você quer ser humilde? Esta seqüência de humilhações e fracassos deve dar um jeito nisso".

A escola da humilhação é uma grande experiência de aprendizado; não há outra igual. Quando o dom de um coração humilde é concedido, aceitamo-nos mais e nos tornamos menos críticos dos outros. O autoconhecimento traz uma consciência humilde e realista de nossas limitações. Leva-nos a ser pacientes e compassivos para com os outros quando éramos antes exigentes, insensíveis e arrogantes. Desaparecem a complacência e a estreiteza de mente que tornam Deus supérfluo. Para a

[65] Anthony DEMELLO, *The Song of the Bird,* p. 134.

pessoa humilde, existe a constante consciênela da própria fraqueza, insuficiência e desesperada carência de Deus.

Provavelmente o momento de minha vida em que estive mais perto da Verdade que é Jesus Cristo foi a experiência de ser um indigente abandonado nas calçadas de Fort Lauderdale, na Flórida.

É claro que a experiência mais contundente de ego-redução acontece quando oramos: "Senhor, aumenta a minha fé". Temos de pisar com cuidado aqui, porque a vida de pura fé é a noite escura. Nesta "noite" Deus permite que vivamos pela fé, e pela fé apenas. Uma fé madura não tem como crescer enquanto estamos empanturrados de todos os tipos de confortos e consolações espirituais. Todos esses devem ser removidos se é para avançarmos na direção da pura confiança em Deus. O Senhor retira todas as escoras tangíveis a fim de nos purificar o coração, para discernir se estamos apaixonados pelos dons do Doador ou pelo Doador dos dons.

A pergunta é: adoro a Deus ou a minha experiência com Deus? Adoro a Deus ou a idéia que faço dele? Se quero evitar uma abordagem narcótica à religião que me compele de uma experiência a outra na esperança de coisas maiores e melhores, devo saber no que creio à parte dos sentimentos agradáveis ou torpes que podem ou não acompanhar essa crença. A segunda conversão [a noite escura da alma] está relacionada a aprender a resistir e prosperar quando os agradáveis sentimentos, consolações e escoras que acompanham a primeira conversão são retirados. A fé por acaso evapora quando os sentimentos iniciais se dissolvem? Em termos psicológicos, o ego tem de quebrar; e esse quebrar é como adentrar uma grande escuridão. Sem essa luta e aflição não pode haver movimento em amor.[66]

A oração por uma fé maior separa os homens dos garotos, as mulheres das meninas, os místicos dos românticos. Em sua autobiografia a mística do terceiro século Catarina de Siena descreveu sua vida de oração como gloriosa. Ela desfrutava de uma percepção altamente consciente da habitação divina, amando passar dias sozinha, trancada em seu quarto desfrutando da presença sentida do formoso Deus que lhe habitava o coração. Essas eram ocasiões de imensa consolação espiritual, experiências fundamentais, momentos de íntimo encontro pessoal. Havia paz, alegria, segurança, certeza. Deus, seu Deus, sempre com ela. Sua vida no Espírito seria uma ininterrupta espiral ascendente rumo à santidade.

Assim pensava ela.

Até um dia em que sua vida confortável em Cristo foi estilhaçada. Ela perdeu os sentimentos familiares de segura possessão de Deus. A habitação da Trindade, sentia ela, havia se encerrado. Perdera a sensação de sua presença e sentia-se indiferente a sua autoridade. Mesmo a lembrança dele parecia irreal. Deus havia se desvanecido como o sonho da noite passada. Agora a única coisa que ocupava sua consciência era o pecado. Imagens impuras enchiam-lhe os pensamentos, e seu corpo comichava em resposta. Ela sentia como se tivesse sido mergulhada num tanque de imundície, como se tivesse perdido para sempre sua vida harmoniosa e jubilosa com Cristo. Havia se precipitado na noite escura. Mas

[66] Alan JONES, Soul *making. the desert way of spirituality,* p. 177.

a escuridão provou ser a matriz da qual brotaram luz, graça e crescimento na fé.

Depois de um longo período de insensibilidade, vazio e aridez, sem nenhum preparativo ou aviso, Catarina encontrou Jesus novamente. Ela teve uma experiência profunda de sua presença amorosa no mesmo quarto em que tinha sido tentada tão implacavelmente. Indignada, ela queixou-se:

— Senhor, onde o senhor estava quando todas essas imagens vis atormentavam-me a mente?

A resposta de Jesus conduziu-a a uma nova profundidade de fé:

— Catarina, o tempo todo durante suas tentações tenho permanecido com você no mais profundo do seu coração. De outro modo você não as teria vencido.

Naquele momento crítico, Catarina de Siena abriu mão, para sempre, de seu antigo conceito da presença de Deus. As palavras de Jesus haviam lhe ensinado que a presença dele no coração era algo mais profundo e santo do que ela podia imaginar ou sentir. Nesta vida, ele é sempre um Deus oculto. Os sentimentos humanos não podem tocá-lo e os pensamentos humanos não podem medi-lo. A experiência pessoal não pode acentuar a certeza de sua presença mais do que a ausência da experiência diminuí-la. Essas palavras fizeram Catarina perceber como nunca que nada além de pecado grave, consciente e deliberado poderiam separá-la do Amado de sua alma. Nem ruído nem gente, nem distrações nem tentações irritantes; sentimentos de consolação ou desolação, sucesso ou fracasso; nada além de dar as costas a ele poderia jamais separá-la do amor de Deus tornado visível em Jesus Cristo, Nosso Senhor. Ele sempre estaria ali na silenciosa escuridão exatamente como prometera: *Não temas. Estarei contigo.* Catarina havia perdido a presença de Deus apenas para voltar a encontrá-la na "profunda e estonteante escuridão" de uma fé mais rica. A noite escura havia respondido a sua oração. Ele era livre para celebrar a escuridão.

Temos tendência a acreditar que não sentir mais a presença e a consolação de Deus quer dizer que ele não está mais presente. Alan Jones resume a teologia de São João da Cruz sobre a noite escura:

> O primeiro sinal [da noite escura da alma] é não termos mais nenhum prazer ou consolação quer em Deus, quer na criação. Nada nos agrada. Nada nos toca. Tudo e todos nos parecem apagados e desinteressantes. A vida é pó e cinza na boca. O segundo sinal é um senso crônico e penetrante de fracasso, embora o cristão escrupulosamente tente centrar sua vida em Deus. Há um sentimento de jamais ter feito o suficiente e a necessidade de compensar por algo que não tem nome.
>
> O terceiro sinal, e o mais ameaçador para nós hoje, é o fato de que não é mais possível orar e meditar com a imaginação. Imagens, figuras e metáforas não parecem mais chegar até nós. Deus (se é que ele está presente) não mais se comunica conosco pelos sentidos. Em termos mais contemporâneos, é uma questão de se viver a partir de outro centro que não o ego. Mesmo começar a fazer isso é adentrar uma grande escuridão; uma nova espécie de luz ou de iluminação vem e, por meio dela, nosso relacionamento

> com Deus, embora mais oculto do que antes, torna-se mais profundo e mais direto.[67]

Essa experiência de escuridão é parte integrante do estilo de vida influenciado pela cruz. Com o ego depurado e o coração purificado pelas provações da noite escura, a vida interior de um discípulo autêntico é caso oculto e invisível. Hoje Deus está aparentemente chamando muitos cristãos comuns a esse ritmo de perda e ganho. A fome de silêncio, solidão e oração centrada que encontro ao longo do país é o Espírito de Cristo chamando-nos do raso para o profundo.

Sem dúvida, na vida de cada um de nós houve períodos de intenso fervor em que éramos quase capazes de tocar a bondade de Deus. Estudos bíblicos, reuniões de oração, retiros e tempo devocional representavam preciosa segurança para muitos de nós. Era um prazer pensar a respeito de Deus, um conforto falar dele, uma alegria estar em sua presença. Talvez tudo isso tenha mudado. Talvez sintamos que perdemos a Cristo e temamos que ele nunca volte. Agora é difícil juntar dois pensamentos sobre ele. A oração tornou-se artificial. As palavras ditas a ele soam vazias de sentido em nossa alma vazia. Ainda pior, opressivos sentimentos de culpa acentuam a sensação de perda. A noite se fecha ao redor de nós. Nós o desapontamos. Foi tudo nossa culpa.

É um conforto saber que esse é um caminho que muitos trilharam antes de nós. Além disso é reconfortante reconhecer que o desejado crescimento na fé não está longe. O amor e a misericórdia de Deus não nos abandonaram. Nuvens podem envolver-nos em trevas, mas acima delas o sol resplandece. A misericórdia de Deus nunca falha. O cristão que se entrega confiante a essa verdade encontra Jesus Cristo de forma nova. Isso marca o início de uma vida mais profunda de fé onde a alegria e a paz vicejam mesmo na escuridão, porque estão enraizadas não em sentimentos humanos superficiais, mas na profundez da obscura certeza da fé de que Jesus é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

A própria incapacidade de sentir sua presença com nossas emoções instáveis, ou de apreciar sua bondade com nossos débeis pensamentos, torna-se uma ajuda ao invés de um impedimento. Alegria e tristeza podem causar devastação em nossos sentimentos, mas sob essa superfície em mutação Deus habita na escuridão. È ali que vamos nos encontrar com ele; é ali que oramos em paz, silenciosos e atentos ao Deus cujo amor sabemos desconhecer sombra de mudança. É ali que celebramos a escuridão na serena segurança da fé madura.

O contemplativo não é o homem ou mulher que tem visões ardentes de querubins..., mas simplesmente aquele que arrisca sua mente no deserto além da linguagem e além das idéias, no qual Deus é encontrado na nudez da confiança pura, quer dizer, na entrega total de nossa pobreza e incompletude, não mais a fim de nos agarrarmos a nós mesmos com um espasmo da mente, como se pensar nos fizesse existir.

O que vem à mente é a imagem de um galho mergulhado diversas vezes no fogo. A medida que o fogo tosta a madeira, queima todas as seivas e sucos naturais próprios da madeira. Num primeiro momento a madeira fica carbonizada e feia. Cada vez que o galho é jogado no fogo, a

[67] Idem, p. 178.

depuração continua. Finalmente, quando toda a seiva natural que havia resistido à ação do fogo é queimada, a madeira assume as qualidades do próprio fogo e incandesce.

As graças da oração, da humildade, do desapego e de uma fé aprofundada são as belas qualidades da chama. Podemos obter essas qualidades apenas pela ação depuradora da graça de Deus. Nesse processo de purificação, somos preparados para receber os dons pelos quais oramos.

Quando chegamos ao fundo e somos esvaziados de tudo o que achávamos importante, então de fato oramos, tornamo-nos verdadeiramente humildes e desapegados e vivemos na resplandecente escuridão da fé. Em meio ao esvaziamento chegamos ao conhecimento de que Deus não nos desertou. Ele meramente removeu os obstáculos que nos afastavam de uma união mais íntima com ele. Estamos na verdade mais próximos de Deus do que já estivemos, embora privados das consolações que uma vez associamos à nossa espiritualidade. O que achávamos ser comunhão com ele era na verdade obstáculo a essa comunhão.

Ainda assim a noite escura não é o fim — apenas o meio de união com Deus. Pedimos a Deus pelo dom da oração, e ele nos visita com adversidade para nos deixar de joelhos. Oramos por humildade, e Deus nos derruba em humilhação. Clamamos por uma fé maior, e Deus nos despe de toda segurança que havíamos anteriormente identificado com a fé.

Será que o crescimento em Cristo segue-se automaticamente?

Não. O sofrimento por si não produz um espírito de oração. A humilhação sozinha não promove a humildade. A desolação por si não garante uma fé maior. Essas experiências meramente nos dispõem à oração, à humildade e à fé. Podemos ainda continuar chafurdando em autopiedade e rebelião, orgulho e apatia, e o estado final será pior do que o inicial. Podemos comer o pão de dores até a padaria fechar e emergir com apenas uma amargura avarenta nas mãos. Exige-se um passo adicional no processo de abate do ego.

O traço mais característico da humildade de Jesus era o perdão e a aceitação dos outros. Em oposição, nossa não-aceitação dos outros e falta de perdão nos mantêm num estado de agitação e inquietação. Nossos ressentimentos revelam que a assinatura de Jesus não está ainda escrita em nossa vida. O sinal mais inequívoco da união com o Cristo crucificado é nosso perdão àqueles que perpetraram injustiças contra nós. Sem aceitação e perdão a noite escura não passará disso. A conclusão será um coração perturbado. O perdão dos inimigos sela nossa participação na noite escura de Jesus Cristo, que clamou em favor de seus assassinos: "Pai, perdoa-os porque eles não sabem o que fazem".

Certa noite anos atrás, no monastério de Steubenville, Ohio, alguns irmãos estavam mencionando o melhor livro que já tinham lido fora a Bíblia. Um erudito disse que As *confissões,* de Agostinho erguia-se acima de todos os outros. Outro frei mencionou a *Summa theologica,* de Tomás de Aquino. Um terceiro acrescentou A *catequese batismal,* de Cirilo de Jerusalém. Sem piscar, eu disse que o livro mais poderoso que já tinha lido, sem contar a Bíblia, era On *being a Christiany* de Hans Küng. Para

mim ninguém jamais escreveu ou falou com comparável inteligência e paixão sobre a noite escura de Jesus Cristo. Eis uma citação do livro:

> O sofrimento voluntário e a morte desamparada de Jesus, amaldiçoado e desonrado, para seus inimigos e mesmo amigos, foram o sinal inequívoco de que ele estava acabado e não tinha mais nada a ver com o verdadeiro Deus. Sua morte na cruz foi o cumprimento da maldição da lei: "O que for pendurado no madeiro é maldito de Deus". Ela estava errado por completo e por inteiro: Sua alegação agora refutada, sua autoridade estilhaçada, seu caminho demonstrado falso... O professor herético é condenado, o falso profeta desonrado, o agitador do povo desmascarado, o blasfemador rejeitado. A lei havia triunfado sobre esse "evangelho". Jesus viu-se deixado sozinho, não apenas por sua gente, mas por aquele para quem havia constantemente apelado como ninguém havia feito antes dele. Deixado absolutamente só. E visto que a causa pela qual ele vivera e lutara estava tão intimamente ligada à sua pessoa, essa causa caía com sua pessoa. Não havia causa independente de sua pessoa. Como poderia alguém crer em sua palavra depois de ele ter sido silenciado e morto dessa maneira ultrajante? É uma morte não simplesmente aceita com serenidade, mas suportada num brado a Deus.[68]

Uma vivida descrição da noite escura de Jesus Cristo. Mente humana alguma jamais compreendeu a profundidade da desolação, a indescritível solidão, o absoluto abandono por trás do clamor de Jesus: "Eloí, *Eloí, lama sabachtani*" ("Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"). A cruz é ao mesmo tempo símbolo de nossa salvação e padrão de nossa vida. Tudo que aconteceu a Cristo de alguma forma nos acontece. Quando a escuridão nos envolve e nos tornamos surdos a qualquer outra coisa além do grito de nossa dor, ajuda saber que o Pai está traçando em nós a imagem de seu Filho; que a assinatura de Jesus está sendo gravada em nossa alma.

Para Jesus, a escuridão da noite abriu caminho para a luz da manhã: "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2:9-11).

O perdão é a chave de tudo. Ele forma a mente de Cristo dentro de nós e impede que o processo custoso e doloroso da noite escura se torne uma ego *trip.* O perdão nos impede de nos sentirmos tão "espiritualmente avançados" que olhemos de cima os que ainda estão desfrutando do conforto e da consolação da primeira conversão. O gentil e humilde de coração tem a mente de Cristo.

Henri Nouwen conta a história de um velho que costumava meditar toda manhã bem cedo sob uma enorme árvore na margem do Ganges. Certa manhã, depois de ter terminado sua meditação, o velho abriu os olhos e viu um escorpião flutuando sem defesa na água. Quando o escorpião se aproximou da árvore pela água, o homem depressa estirou-

[68] Hans KÜNO, On *Being a Christian,* p. 341-342.

se sobre uma das longas raízes que se espraiavam rio adentro e estendeu a mão para resgatar o animal que se afogava. Logo que o tocou, o escorpião picou-o. Instintivamente o homem recolheu a mão. Um instante mais tarde, depois de recuperar o equilíbrio, ele se estirou novamente sobre as raízes para salvar o escorpião. Desta vez o escorpião picou-o tão gravemente com sua cauda venenosa que a mão do homem ficou inchada e ensangüentada, e seu rosto contorcido de dor.

Naquele momento um passante, vendo o velho estirado no chão a lutar com o escorpião, gritou:

— Ei, velho imbecil, o que há de errado com você? Só um idiota arriscaria a vida por uma criatura tão feia e maligna. Você não sabe que pode se matar tentando salvar esse escorpião ingrato?

O velho virou a cabeça. Olhando o estranho nos olhos, disse calmamente:

— Meu amigo, só porque é da natureza do escorpião picar, não muda minha natureza de salvar.

Sentado aqui em meu escritório, volto-me para o símbolo do Cristo crucificado na parede à minha direita. E ouço Jesus orando por seus assassinos: "Pai, perdoa-os. Eles não sabem o que fazem".

O escorpião que ele havia tentado salvar finalmente o matara. A mim, o passante que o vê estirado sobre o madeiro e grita: "Só um idiota arriscaria a vida por uma criatura tão feia e maligna", Jesus responde: "Meu amigo, só porque é da natureza da humanidade decaída ferir, não muda minha natureza de salvar".

Eis aqui o repúdio final do ego. Abrimos mão da necessidade de vingança, entregamos o reino do eu ao Pai, e na soberana liberdade de perdoar nossos inimigos, celebramos a luminosa escuridão.

CAPÍTULO OITO

O AMOR DE JESUS

Ao longo dos corredores do tempo os cristãos têm tentado lidar com a esmagadora realidade da personalidade de Jesus Cristo. Defino "lidar" como "nossa resposta pessoal de adaptação ou ajuste produzido pelo encontro com o Jesus verdadeiro".

Há uma tendência em todo cristão de "reimaginar" o Homem da Galileia, de conceber um tipo de Jesus com o qual possamos viver, de projetar um Cristo que confirme nossas preferências e preconceitos. O grande poeta inglês John Milton, por exemplo, fabricou um Cristo intelectual que desprezava a gente comum como "um rebanho confuso, populacho miscigenado que enaltece tudo que é vulgar".

E humana e universal a tendência a reconstruir Jesus em nossos termos de referência e a rejeitar qualquer evidência que desafie nossas situações e nossos pressupostos de vida. Para muitos *hippies* dos anos 1960, Jesus era muito semelhante a eles — agitador e crítico social, alguém que não se dobrou ao sistema, profeta da contracultura. Para muitos *yuppies* dos anos 1980, Jesus era o provedor de uma boa vida, o Senhor do *spa,* um jovem executivo motivado com uma missão messiânica, profeta da prosperidade e da limusine com chofer. Afinal de contas, ele não nos prometia cem vezes mais nesta vida?

Será o Jesus *hippie* ou o Jesus *yuppie* um retrato fiel do corajoso, dinâmico, livre e exigente Jesus do Novo Testamento?

No musical *Godspell* somos apresentados a um evangelho prazenteiro em que inocência carnavalesca, humor surreal e energia jovem cantam uma canção de ninar para a alma e nos seduzem a adentrar um mundo desprovido de qualquer responsabilidade pessoal. Sua abordagem seletiva produz um travesso, mas essencialmente falso conceito da mensagem do evangelho. A crucificação é uma embaraçosa "necessidade teológica" a ser rapidamente dispensada. A ressurreição é reduzida a uma canção: "Longa vida a Deus". O que concluir de um evangelho sem o mistério pascal? Onde está a assinatura de Jesus?

Em seu livro *Jesus* Now, Malachi Martin examina as distorções históricas de Jesus através das tempos. Primeiro vem o "Jesus César". Em seu nome, a igreja combinou riqueza e poder político com serviço professado a Deus: um casamento profano entre igreja e estado em que o papa em seu manto de arminho e César em toga de seda se mancomunavam para construir impérios. Encontramos a mesma aliança sacrílega na capital da nação quando determinados líderes religiosos espreitam os corredores do poder batizando alguns políticos e colocando outros na lista negra, sempre alegando encontrar suporte no ensino de Jesus.

O "Jesus Apolo" veio em seguida: visionário romântico, um belo líder humano sem nenhuma conotação controversa. Tornou-se o herói dos charmosos e talentosos cavalheiros do século XIX e começo do XX, pensadores como Henri David Thoreau e Ralph Waldo Emerson. Mas o Jesus Apolo nunca sujava as mãos, jamais caminhava num acampamento de imigrantes em Miami ou numa favela de Nova York. Ele não era Salvador. Não advogava um salário mínimo, moradia decente, direitos civis ou cuidado pelos idosos.

Em toda época e cultura tendemos a moldar Jesus à nossa imagem e a maquiá-lo de acordo com nossas necessidades a fim de lidar com o estresse que sua presença sem disfarce provoca. "Numa trincheira Jesus é um esquadrão de resgate; na cadeira do dentista, um anestésico; no dia da prova, um solucionador de problemas; numa sociedade afluente, um moderado bem barbeado; para um habitante da América Central, um revolucionário barbudo".[69] Se pensamos em Jesus como amigo de pecadores, os pecadores são provavelmente nosso tipo de gente. Sei, por exemplo, que Jesus é amigo de alcoólatras. Minha história pessoal e condicionamento cultural tornam Jesus compatível e compassivo com pecadores seletos como eu. Tenho como lidar com esse Jesus.

[69] Walter J. BURGHARDT, *Still Proclaiming Your Wonders,* p. 140.

Blaise Pascal escreveu: "Deus fez o homem à sua imagem, e o homem devolveu a gentileza". Ao longo de cinco décadas tenho visto cristãos moldando Jesus à própria imagem — em cada caso uma divindade assombrosamente pequena. Em sua clássica obra *Seu Deus é pequeno demais,* J. B. Phillips enumera diversas dessas caricaturas: Policial Residente, Dor-de-cabeça Parental, Velho Majestoso, Meigo e Manso, Colo Celeste, Diretor Executivo, Deus Apressado, Deus da Elite, Deus sem Divindade etc.

A mesma tendência persiste na cristologia de nossos dias, especialmente nos discípulos do "Jesus Torquemada". No século XV eles perseguiam e torturavam quem ousasse discordar de sua limitada expressão da Escritura. Torquemada, cujo nome espanhol quer dizer "ortodoxia de doutrina", morreu muito velho em 1498, tendo sido responsável pela morte de 2 mil pessoas queimadas na estaca e pelo exílio de 160 mil judeus da Espanha como estrangeiros indesejáveis — tudo pela glória de Deus. Os partidários de Torquemada estão vivos e ativos hoje em dia em toda denominação e não-denominação cristã. Os mesmos ódio, perversidade de espírito, inveja e ostracismo ainda dividem o corpo de Cristo.

Em resposta a sua marcante pergunta: "Quem vocês dizem que eu sou?", minha experiência de Jesus Cristo clama: "Tu és o Filho de Deus, o revelador do amor do Pai!". Essa atordoante verdade, de que Jesus corporifica para nós um Pai que nos ama mesmo quando falhamos em amar, é a Boa-Nova. A revelação de que somos amados de modo sem comparação nos capacita a ser tolos por Cristo, a celebrarmos a escuridão sob a assinatura de Jesus. "Pois o amor de Cristo nos constrange" (2 Co 5:14).

No entanto meus últimos 25 anos de experiência pastoral indicam que a estonteante revelação de que Deus é amor tem tido impacto irrisório na maioria dos cristãos e insignificante poder transformador. O problema parece ser que ou não temos ciência do fato ou temos ciência dele e não somos capazes de aceitá-lo. Ou aceitamos o fato, mas não estamos conscientizados dele. Ou estamos conscientizados, mas não nos entregamos a ele.

Apesar de nossa relutância e resistência, a essência e o caráter inovador da Nova Aliança é de que a verdadeira lei do ser de Deus é o amor. Filósofos pagãos como Platão e Aristóteles haviam chegado através do raciocínio humano à existência de Deus, falando dele em termos vagos e impessoais como a Causa Não-causada e o Movedor Imóvel. Os profetas de Deus haviam revelado o Deus de Abraão, Isaque e Jacó de modo mais íntimo e apaixonado. No entanto, apenas Jesus revelou que Deus é um Pai de incomparável ternura; que se tomássemos toda a bondade, sabedoria e compaixão dos melhores pais e mães que já viveram teríamos apenas uma sombra débil do amor e da misericórdia do coração do Deus redentor.

O cristianismo se move num clima completamente permeado de amor, e somos chamados a uma vida de discipulado compatível com ele — não vivendo num nível pré-cristão, encarando Deus apenas em termos de leis, regras e obrigações. Deus é amor. Apenas o amor de Jesus Cristo manifesto na cruz é certo. Não podemos nem mesmo dizer "o amor de Deus", porque a verdade de que Deus é amor só conhecemos em última instância por meio da assinatura de Jesus.

Muitos anos atrás um grupo de cinco vendedores de computador viajaram de Milwaukee a Chicago para uma convenção anual de vendas. Todos eram casados e cada um garantiu à esposa que estaria de volta com tempo de sobra para o jantar. O encontro de vendas se estendeu, e os cinco chisparam do prédio e correram para a estação ferroviária. Um apito soou, sinalizando a partida iminente do trem. Enquanto os vendedores corriam pelo terminal, um deles chutou sem querer uma mesa delgada na qual pousava uma cesta de maçãs. Um menino de dez anos de idade estava vendendo maçãs a fim de pagar seus livros e uniforme escolares. Com um sinal de alívio, os cinco subiram a bordo do trem, mas o último sentiu um laivo de compaixão pelo menino cuja mesa havia sido derrubada.

Ele pediu a alguém do grupo que ligasse para sua mulher e dissesse a ela que ele chegaria duas horas atrasado. Ele voltou para o terminal e mais tarde observou que ficou feliz de tê-lo feito. O menino de dez anos de idade era cego. O vendedor viu as maçãs espalhadas pelo chão. Enquanto as recolhia, ele notou que várias delas estavam machucadas ou rompidas. Ele puxou a carteira e disse ao menino:

— Aqui estão 20 dólares pelas maçãs que danificamos. Espero não ter estragado o seu dia. Deus o abençoe.

Quando o vendedor começava a se afastar, o menino cego chamou-o e perguntou:

— Você é Jesus?

Que Jesus é esse que é campo magnético para tanta gente e pedra de tropeço para outros?

Jesus é o revelador da natureza da divindade. Parafraseando o prólogo de João: Quando todas as coisas tiveram início, já era o Verbo. O Verbo habitava com Deus, e Deus era o Verbo. Em outras palavras, quem olhasse para Jesus veria Deus, pois "quem me viu viu ao Pai" (Jo 14:9). Jesus é a completa expressão de Deus. Por meio dele e de ninguém mais, Deus falou e agiu. Quem o encontrava era encontrado, julgado e salvo por Deus. E disso que os apóstolos davam testemunho. Nesse homem, em sua vida, morte e ressurreição eles haviam experimentado Deus em ação.

Pois "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2Co 5:19). Deus investiu-se por completo no homem Jesus de Nazaré. Em Jesus toda a plenitude de Deus habita. O que Deus é, Cristo é. "Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou" (Jo 12:44). Jesus revela Deus sendo integralmente transparente para ele. O que havia estado oculto em mistério está claro em Jesus — que Deus é amor. Nenhum homem ou mulher jamais amou como Jesus Cristo.

Creio que em algum ponto de sua jornada humana Jesus foi arrebatado pelo poder de uma grande afeição e experimentou o amor de seu Pai de um modo que rompeu todos os limites de compreensão anteriores. Quaisquer que tenham sido as manifestações exteriores, o batismo de Jesus Cristo no rio Jordão foi uma experiênela pessoal tremenda. Os céus se abrem, o Espírito desce em forma de pomba e Jesus ouve as palavras: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Mc 1:11). O Pai fala com ele com palavras de terno amor. A resposta de Jesus ao longo de toda uma vida, alçando-se do fundo de sua alma, é *Abba* — um termo mais íntimo do que Pai, e que depois daquele dia está sempre no cerne de sua oração.

A experiência de Abba é a fonte e o segredo do ser de Cristo, de sua mensagem e maneira de viver. Ela pode ser compreendida apenas pelos que compartilham dela. Até que nos encontremos com o Pai de Jesus e o experimentemos como um Papai amoroso e perdoador é impossível compreender o ensino de Jesus a respeito do amor.

A fim de apreender sua implacável ternura e amor apaixonado por nós, devemos sempre retornar a sua experiência de Abba. Jesus experimentou Deus como terno e amoroso, cortês e gentil, compassivo e perdoador: como riso pela manhã e conforto ao anoitecer. *Abba,* apelativo coloquial utilizado por criancinhas judias para dirigirem-se a seus pais e melhor traduzida como "papai" ou "papi", abriu a possibilidade de uma intimidade jamais sonhada e sem precedentes com Deus. Em qualquer outra religião mundial é impensável dirigir-se ao todo-poderoso Deus como "Abba".

> Muitos muçulmanos, budistas e hinduístas são generosos e sinceros em sua busca por Deus. Muitos têm tido experiências místicas profundas. Porém, a despeito de sua imensurável profundidade espiritual, eles raramente ou nunca chegam a conhecer a Deus como Pai. De fato, a intimidade com Abba é um dos maiores tesouros que Jesus nos trouxe.[70]

Tampouco, de acordo com Joachim Jeremias, "Abba" tem paralelo na literatura hebraica — profética, apocalíptica ou de qualquer outra natureza. "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11:27).

Abba. As conotações dessa palavrinha sempre nos escaparão. Sentimos nela, porém, uma intensa intimidade de Jesus com seu Pai. Tocamos o coração de sua fé. Chegamos a compreender a mente de Cristo.

As parábolas da misericórdia divina — a moeda perdida, a ovelha perdida, o filho perdido — estão enraizadas na própria experiência de Jesus com seu Pai. Ele fala à luz dessa realidade. Essas histórias destinavam-se não apenas a defender sua notória conduta pessoal ao lado dos pecadores, mas a apanhar de surpresa seus críticos, abrindo uma fissura em seu modo convencional de pensar a respeito de Deus. Jesus alfinetava seus oponentes com palavras que de fato significavam: "As prostitutas que não possuem qualquer integridade imaginada para proteger estarão dançando no reino enquanto vocês terão sua alegada virtude extinta!

Eu estava olhando para além do problema técnico que o homem havia me trazido. Eu via um garoto de 27 anos, um filho do Pai, cuja vida estava repleta de escolhas esquálidas e sonhos fracassados. O alcoolismo havia despedaçado sua vida, desmanchado o tecido de qualquer treinamento moral que ele tivesse recebido. Ele estava derrubado, alienado de si mesmo e de Deus. Um estranho numa terra estranha.

Lágrimas rolavam em meu rosto. Estendi os braços, abracei-o, segurei-o por um longo tempo e disse:

— Tenho uma palavra para você de seu irmão Jesus: bem-vindo ao lar.

[70] Peter van BREEMEN, *Called by* Name, p. 43.

Ele estava soluçando e perguntou:

— Diga-me quem é Jesus.

Contei-lhe a respeito de meu passado maculado e do Jesus que havia encontrado em minha necessidade. Oramos. Ele aceitou Jesus como seu Salvador. A luz irrompeu na escuridão. A paz encheu nosso coração.

Mais tarde, quando eu estava sozinho, o espectro da irregularidade canónica ergueu-se diante de mim, e senti um traço de culpa por não ter observado o processo oficial. Uma calma silenciosa veio quando orei: "Querido Jesus, se é uma falha ser assim tão afável com um pecador, trata-se de uma falha que aprendi com o senhor. Pois o senhor nunca repreendeu ninguém nem brandiu a Lei diante de ninguém que veio até o senhor buscando compreensão e misericórdia".

Mais adiante em seu ministério Jesus diria: "Eu e o Pai somos um", indicando uma intimidade de vida e de amor que desafia qualquer descrição. A Filipe ele diria: "Quem me vê, vê ao Pai". Jesus é o rosto humano de Deus, com todas as atitudes, atributos e características do Pai.

Tantos cristãos que conheço param em Jesus. Permanecem no Caminho sem chegar aonde o Caminho os conduz — ao Pai. Querem ser irmãos e irmãs sem serem filhos e filhas. Neles se cumpre o lamento de Jesus: "Pai justo, o mundo não te conheceu" (Jo 17:25).

Como o Pai o amou, Jesus nos amaria e nos convidaria a fazer o mesmo: "Amai uns aos outros assim como eu vos amei".

Jesus nos desafia a perdoar a todos que conhecemos e até mesmo a quem não conhecemos, e a ser cuidadosos o bastante para não nos esquecermos nem mesmo daquele contra quem demonstramos má vontade. Agora mesmo existe alguém que nos desapontou e ofendeu, alguém com quem estamos continuamente indignados e com quem somos mais impacientes, irritados, implacáveis e rancorosos do que ousaríamos ser com qualquer outra pessoa. Essa pessoa somos nós mesmos. Com absoluta freqüência estamos até o pescoço conosco. Estamos cansados de nossa mediocridade, revoltados diante de nossa inconsistência, entediados por nosso monopólio. Jamais julgaríamos qualquer outro filho de Deus com a selvagem autocondenação com que esmagamos a nós mesmos. Jesus disse que devemos amar o próximo como a nós mesmos. Devemos ser pacientes, gentis e compassivos com nossa pessoa do mesmo modo que tentamos amar nosso próximo. Devo ser com o Brennan o que fui com aquele alcoólatra em recuperação de 27 anos de idade.

Por meio de um conhecimento íntimo de Jesus Cristo, aprendemos a nos perdoar. A medida que permitirmos que sua bondade, paciência e confiança para conosco nos conquistem, seremos libertos daquela antipatia por nós mesmos que nos persegue por onde vamos. E simplesmente impossível conhecer o amor de Jesus por nós sem que alteremos nossa opinião e sentimento a respeito de nós mesmos e nos unamos a ele em seu amor de plena aceitação por nós. O perdão de Cristo nos reconcilia com ele, conosco e com toda a comunidade. De acordo com Bernard Bush, um modo de saber como Jesus se sente a seu respeito é o seguinte: se você se ama intensa e livremente, então seus sentimentos a seu respeito correspondem perfeitamente aos sentimentos de Jesus.

A intimidade de Jesus com Abba Deus é traduzida num relacionamento íntimo com seus discípulos. Ele nos traz para perto de si e fala com

palavras de intensa familiaridade: "Meus filhinhos, não estarei com vocês por muito mais tempo[...] Não os deixo órfãos. Voltarei para vocês. Vou preparar-lhes lugar, e voltarei para levá-los comigo". O Jesus falando aqui não é meramente um professor ou um modelo para ser imitado. Ele se oferece a cada um de nós como companheiro de jornada, como amigo paciente, gentil, nunca rude, rápido para perdoar e cujo amor não mantém registro de deslizes.

Esta é uma bela dimensão do discipulado, e Jesus concede grande ênfase a ela: "Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Ap 3:20). "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada" (Jo 14:23). "Já vos não chamarei servos [...] mas tenho-vos chamado amigos" (Jo 15:15).

Agostinho disse a respeito desse último versículo: "Um amigo é alguém que sabe tudo a seu respeito e ainda assim o aceita". Este é O sonho de que todos compartilhamos: conhecer um dia uma pessoa com quem eu possa realmente conversar, que compreenderá a mim e as palavras que digo, e ouça mesmo aquilo que não é dito — e continue ainda assim a gostar de mim.[71] Jesus Cristo é a realização desse sonho.

Muitos anos atrás escrevi:

> Amigo é alguém que permanece com você no mau tempo da vida, protege-o quando você está desprevenido, restringe sua impetuosidade, deleita-se em sua presença, perdoa suas falhas, não o abandona quando os outros o deixam na mão e compartilha do que você estiver comendo no café da manhã (da mesma forma que Jesus fez na praia do mar de Tiberíades) — peixe com batata frita, alfajor, pizza fria ou bolo de chocolate com leite.

Como nos traz à lembrança o antigo hino: *Em Jesus amigo temos!* Uma realidade que estonteia a mente e ofusca a imaginação! O amado Filho do Pai quer que conheçamos, percebamos e experimentemos o fato de sermos nós mesmos objeto de amor "Como o Pai me amou, assim eu também vos amei" (Jo 15:9).

Esse senso de se saber amado é verdadeiro para você? Ou tornou-se gasto pela repetição? Ou, como uma faca abrindo caminho pelo papel de parede, ele tem conduzido a um dramático avanço rumo à intimidade com Deus? Poucos anos atrás, quando eu estava em San Jose, na Califórnia, uma mulher de cerca de 35 anos veio até mim e disse:

— Nunca nos conhecemos, mas quero que você saiba que a frase no topo da página oito de seu livro A *stranger to self-hatred*[72] mudou minha vida.

Quando perguntei qual era a frase, ela citou de memória:

— Jesus nos ama como somos e não como deveríamos ser, já que nenhum de nós é como deveria ser.

A vida de Paulo está ancorada em sua amizade íntima com Jesus. "Para mim o viver é Cristo" (Fp 1:21). Diariamente Paulo entrega sua vida a Jesus, confia nele, louva-o, pede a ele aquilo de que precisa, encontra

[71] Peter van BREEMEN, As *Bread That I*s Broken, p. 28.

[72] Tradução livre: *Não consigo odiar a mim mesma.*

nele sua razão de ser e com gratidão aceita seu amor, sabendo que ele não conhece sombra de mudança. Ele "amou-me e entregou a si mesmo por mim" (Gl 2:20). Nunca deixe que essas palavras sejam interpretadas como mera intelectualização de Paulo. O amor de Jesus Cristo era um realidade ardente e divina para ele, e sua vida era incompreensível a não por ele. Paulo teria sido soterrado na história como um zelote desconhecido não fosse seu amor imenso e intransigente pela pessoa de Jesus. Se você abordasse Paulo e quisesse discutir a reforma paroquial ou a adoração contemporânea, ele responderia: "Não tenho nenhuma compreensão de igreja ou de religião que não seja a do homem sagrado, Jesus, que me amou e se entregou por mim".

Paulo usa a frase "em Cristo" 164 vezes em suas cartas para descrever o que o discipulado representa. Ele é uma poderosa testemunha da conectividade que Jesus descreveu em seu discurso de despedida: "Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5).

A videira é a mais íntima de todas as plantas, cresce sobre si mesma, para dentro e ao redor de si, intrincadamente conectada a cada uma de suas partes. A imagem de Jesus, "Eu sou a videira", é a perfeita expressão de intimidade.

O amor paternal de Abba é revelado como amor fraternal em nosso irmão Jesus. Quão profunda é a intimidade em cujo domínio somos convidados a entrar! Orar é simplesmente relaxar e deleitar-se em Jesus sem nenhum compromisso exceto celebrar a profunda afeição entre vocês. Esse encontro interpessoal aprofunda o senso de sermos amados e altera nosso relacionamento com os outros.

Tendemos a restringir nosso afeto e nossa aceitação para alguns selecionados. Porém Jesus aprofunda a amizade humana da mesma forma que aprofunda tudo que toca. Sem ele, achamos difícil nos relacionarmos com determinadas pessoas de modo amoroso e respeitador. Certa cerimônia aliada a uma atitude crítica nos impede de oferecer a essas pessoas o que elas mais carecem — encorajamento para sua vida. A amizade de Jesus, porém, nos capacita a ver os outros como ele via os Doze: imperfeitos, mas bons, curadores feridos, filhos do Pai. Descobrimos que somos compatíveis com um espectro amplo de pessoas com as quais costumávamos não nos sentir à vontade e passamos a orar como Thomas Merton: "Obrigado, Senhor, porque sou como o restante dos homens".

ESTOU ESCREVENDO ESTAS PALAVRAS numa cabana gelada e pouco iluminada perdida nas montanhas de Santa Cruz, no norte da Califórnia. Se você imaginar uma letra V, minha cabana fica exatamente no fiando do vale onde convergem as linhas diagonais — as linhas representam as montanhas que se erguem de ambos os lados. Estou aqui há seis dias em silêncio e isolamento. Este retiro tem sido uma jornada do absurdo à obediência. Absurdo vem do latim *surdus:* "surdo". Obediência vem do latim *audire:* "ouvir". Nosso mundo agitado com demasiada freqüência nos faz surdos à voz de Deus que fala conosco no silêncio.

Portanto não é de surpreender que com freqüência nos perguntemos, em meio a nossa vida ocupada e preocupada, se algo está de fato acontecendo. Nossa vida pode estar cheia a ponto de transbordar —

tantos eventos e compromissos que nos perguntamos de que forma conseguiremos nos desincumbir de tudo. Ao mesmo tempo, porém, podemos nos sentir insatisfeitos, perguntando-nos se por alguma coisa vale a pena viver. Estar cheio sem estar satisfeito, ocupado porém entediado, envolvido porém solitário — são esses os sintomas do estilo de vida absurdo que nos torna desatentos às realidades espirituais.

Venho aqui ouvir a Voz sussurrando na natureza, na Palavra e nos sacramentos, nas pessoas que cruzaram meu caminho e tocaram minha vida. Hoje vagueei por uma trilha ecológica que atravessa uma densa floresta de sequoias, cantarolando em voz alta: "Quando pelas florestas e clareiras eu vaguei...". Tenho uma vívida imagem de mim mesmo olhando para o topo de sequoias de 45 metros de altura em silêncio, sentindo-me minúsculo e insignificante e sussurrando: "Quão grande és tu! Oh, Abba, que é o homem para que te lembres dele?".

Tenho uma triste confissão a fazer: até esta semana eu jamais havia sido capaz de experimentar Deus na beleza natural. Algo não desenvolvido ou fendido dentro de mim, ou talvez aprisionado subconscientemente numa visão de mundo em que apenas coisas úteis importam e coisas supérfluas como sequoias e rosas não são dignas de nota, tornou-me incapaz de encontrar Deus na natureza. Porém o amor de um pequeno filhote de pomerânio chamado Binky-Boo, cuja presença relutantemente permiti dentro de casa por causa de nossa filha Nicole, abriu-me para descobrir a presença de Deus na criação e encontrar com Shakespeare "línguas em árvores, livros nas correntes dos ribeiros, sermões em pedras e o bem em todas as coisas".[73]

É apenas este Jesus ferido que provê a revelação final do amor de Deus. O Cristo crucificado não é uma abstração, mas a resposta última a distância que o amor pode ir, que medida de rejeição ele suportará, quanto egoísmo e traição será capaz de suportar. O amor incondicional de Jesus Cristo pregado na cruz não hesita diante de nossa perversidade. "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças" (Mt 8:17).

Em 1960 um pastor da Alemanha Oriental escreveu uma peça chamada O *sinal de Jonas.* A última cena representava o julgamento final. Todos os povos da terra estão reunidos na planície de Jeosafá aguardando o veredicto de Deus. Eles não aguardam pacificamente, no entanto; ao contrário, estão reunidos em pequenos grupos, conversando cheios de indignação. Um dos grupos é um ajuntamento de judeus, facção que conheceu pouca coisa além de perseguição religiosa, social e política ao longo de sua história. Entre eles há vítimas dos campos de extermínio nazistas. Confabulando, o grupo exige saber que direito Deus tem de emitir a sentença deles, em especial um Deus que habita eternamente na segurança do céu.

Outro grupo é formado por afro-americanos. Eles também questionam a autoridade do Deus que nunca sentiu os infortúnios do homem, nunca conheceu a miséria e as profundezas de degradação humana a que eles foram submetidos nos porções dos navios de escravos. Um terceiro grupo é composto de pessoas que nasceram de relacionamentos ilegítimos, tendo sido motivo de piada e de riso durante toda a vida.

---

[73] William SHAKESPEARE, AS *YOU like It,* ato II, cena 1.

Centenas desses grupos estão espalhados pela planície: os pobres, os afligidos, os maltratados. Cada grupo aponta um representante para colocar-se diante do trono de Deus e desafiar seu direito divino de emitir a sentença sobre seus destinos imortais. Eles se reúnem em conselho e decidem que esse Deus remoto e distante que nunca experimentou a agonia humana não é qualificado para assumir a tribuna do julgamento a não ser que esteja disposto a adentrar o estado sofredor e humilhado do homem e suportar o que os homens suportaram.

A redação da conclusão final deles: "Deves nascer judeu; as circunstâncias do teu nascimento devem ser questionadas; deves ser mal entendido por todos, insultado e zombado por teus inimigos, traído por teus amigos; deves ser perseguido, espancado e finalmente morto num lugar público da forma mais humilhante".

Essa é a sentença passada a Deus pela assembléia. O clamor ergue-se a uma altura febril enquanto aguardam resposta. Então uma luz brilhante e estonteante ilumina a planície inteira. Um a um, todos que emitiram sua sentença contra Deus quedam-se silenciosos. Pois, guarnecendo o céu para todo o mundo ver, está a assinatura de Jesus Cristo com esta inscrição: "Cumpri minha sentença".

CAPÍTULO NOVE

A DISCIPLINA DO SEGREDO

Carta aberta a todos os cristãos dos Estados Unidos

Caros irmãos e irmãs no Senhor Jesus,

Ao longo dos últimos anos meu ministério como evangelista ambulante tem me movido ao interior de uma vasta rede ecumênica. Tenho pregado o evangelho em igrejas reformadas, evangélicas e carismáticas, bem como em *campi* universitários, cafés da manhã de oração da presidência, encontros médicos e retiros de fim de semana. De Sacramento a São Petersburgo e de Chicago a Chula Vista. Repetidamente, fazem-me a mesma pergunta: "Brennan, com base em sua exposição a um espectro tão grande de comunidades cristãs, de que forma você descreveria o estado espiritual da igreja americana? Você tem alguma recomendação para sua reforma e renovação?".

Vocês me incentivaram a não medir as palavras ou recorrer a melindroso nhenhenhém. Em resposta, escrevo esta carta aberta aos cristãos americanos e lhes submeto as seguintes reflexões e recomendações.

Adentramos o século XXI, e nunca houve outra época na história cristã em que o nome de Jesus fosse mencionado com tanta freqüência e o conteúdo de sua vida e de seu ensino tão freqüentemente ignorado. A sedução de um discipulado fraudulento tem tornado fácil demais ser cristão. Num clima de admiração mútua, as exigencias radicais do evangelho dissolveram-se em antiácido verbal, e a pregação profética tornou-se quase impossível. De modo geral, os cristãos americanos de hoje são alimentados a colheradas com o mingau da religião popular.

O evangelho de Jesus Cristo não é historinha de Pollyana para os neutros — é faca cortante, trovão implacável e terremoto convulsivo no espírito humano. A Palavra deveria nos forçar a reavaliar o rumo inteiro de nossa vida. Porém, nas palavras de Bonhoeffer, muitos cristãos "juntaram-se como abutres ao redor da carcaça da graça barata, e ali beberam o veneno que assassinou o seguir a Cristo".

Fosse o evangelho proclamado sem concessões, o rol de cristãos de carteirinha neste país diminuiria. Em sua maior parte o televangelismo distorce o evangelho. Não há referência à cruz exceto como relíquia teológica, nenhum toque de clarim anunciando ao corpo de Cristo que estamos crucificados para o mundo e o mundo crucificado para nós. Em meia hora o evangelista eletrônico tem de converter você, curá-lo e garantir-lhe sucesso. Todos são vencedores; ninguém perde seu negócio, fracassa no casamento ou vive na pobreza. Se você é uma jovem atraente de dezenove anos e aceita Jesus, torna-se *miss* América; se você tem problema com a bebida, vence o alcoolismo; se faz parte da Liga Nacional de Futebol, é escalado automaticamente para a seleção.

Por mais incrível que possa parecer, a própria Palavra tornou-se fonte de divisão e de justiça própria. Jesus disse que o sinal mais evidente do discipulado seria nosso amor uns pelos outros. "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13:34-35). Seu ensino não deixa dúvidas aqui. Seríamos conhecidos como seus seguidores não por ser castos, celibatários, honestos, sóbrios ou respeitáveis; não por ser freqüentadores de igreja, carregadores de Bíblia ou cantadores de salmos. Antes, seríamos conhecidos como discípulos primariamente por nosso profundo e delicado respeito uns pelos outros, por nosso amor cordial impregnado de reverência pela dimensão sagrada da personalidade humana.

No entanto, num gesto arrogante de patifaria, muitos pregadores hoje em dia decidiram que o padrão de discipulado de Jesus é inadequado para os tempos modernos. O novo critério é ortodoxia doutrinária aliada ao modo de interpretar a Bíblia. "Crença correta" é a nova norma que determina o que vale um cristão. Nestes tempos perigosos não hesitamos em dividir comunidade, igreja local e até mesmo denominações por causa da forma de adoração, das canções que cantamos ou do método de interpretar uma passagem bíblica.

Meus amigos em Cristo, a verdade simples é que a igreja cristã americana está dividida por doutrina, história e conduta diária. Percorremos um longo caminho desde o século I, quando os pagãos exclamavam com maravilha e assombro: "Veja como esses cristãos amam-se uns aos outros!". Privamos o mundo do único testemunho que o Filho

de Deus requereu durante a ceia de seu amor. "Nossa presente desunião não tem como ser a vontade de Deus para nós; é escândalo para anjos no céu e para seres humanos na terra".[74]

Deixem-me, no entanto, dizer que ao longo deste país há uma congregação aqui, uma comunidadezinha ali, testemunhas isoladas no horizonte cujas vidas não fazem nenhum sentido se Jesus não ressurgiu. Eles vêem o cristianismo não como ritual, mas como modo de vida. Sua vida longe das câmeras são impressionantes. Eles fazem coisas que ninguém jamais poderá saber com a mesma sinceridade com que fazem as coisas que as pessoas podem ver. Eles arriscaram tudo na assinatura de Jesus e crêem firmemente que viver sem risco é arriscar não viver.

Entristece-me profundamente em nossa cultura aquilo que só posso chamar de idolatria das Escrituras. Para muitos cristãos a Bíblia não é uma seta apontando para Deus, mas o próprio Deus. Numa palavra: bibliolatría. Deus não tem como confinar-se entre as capas de um livro. Perco depressa a paciência perto de gente que fala como se o mero escrutínio de suas páginas pudesse revelar precisamente como Deus pensa e como ele quer.

Os quatro evangelhos são a chave para o conhecimento de Jesus. Contudo, de modo recíproco, Jesus é a chave do significado do evangelho — e da Bíblia como um todo. Em vez de permanecermos satisfeitos com a letra crua, deveríamos passar para os mistérios mais profundos disponíveis apenas por meio de um conhecimento íntimo e sentido da pessoa de Jesus.[75]

Com o risco de soar repetitivo, vou dizê-lo novamente: tomamos fácil demais ser cristão. Os únicos requerimentos são a recitação de um credo e a freqüência a uma igreja local onde há pouca comunhão e comunidade nenhuma. O cristianismo costumava ser negócio arriscado. Não é mais. O discipulado livre de custos produz paspalhos e personalidades melífluas que, na frase contundente de Scott Peck, "pertencem a uma igreja na qual o nome de Jesus convive blasfemamente com a corrida armamentista".[76]

De meu ponto de vista, a necessidade mais urgente da igreja americana é conhecer Jesus Cristo: viver e respirar as palavras do apóstolo Paulo: "Tudo que quero é conhecer a Cristo e experimentar o poder de sua ressurreição pelo participar da comunhão de seu sofrimento (cf. Fp 3:10-11). Você e eu somos chamados para ser pessoas à maneira de Jesus. *Nada mais importa.* Nosso alvo é nos tornarmos como Cristo, ter sempre sua imagem diante dos olhos. O discipulado é um apego completo a Jesus Cristo em seu presente estado de ressurreição: "Olhando para Jesus, autor e consumador da fé" (Hb 12:2). Devemos permanecer inteiramente focalizados em Cristo, sem buscar a realização na lei, na afiliação à igreja, na piedade pessoal, no sucesso ministerial ou no avanço profissional. "Cristo é tudo em todos" (Cl 3:11).

Paulo é modelo de dedicação irredutível a Jesus. Ele teve a audácia de ostentar: "Nós temos a mente de Cristo" (1 Co 2:16). A ostentação era validada por sua vida. Desde o momento da conversão, a mente e o

[74] Walter J. BURGHARDT, Grace em *Crutches,* p. 104. David H. e. Read diz: "Na minha opinião ninguém em nossos dias pode equiparar-se a Walter Burghardt na exposição do evangelho [...] com clareza, sagacidade e engenhosamente oculta erudição". Tenho de concordar com essa avaliação.

[75] Jaroslav PELIKAN, *Jesus Through the Centuries,* p. 155.

[76] The *Different* Drum, p. 298.

coração de Paulo ocuparam-se de Jesus Cristo (cf. Fl 3:21). Cristo era uma pessoa cuja voz Paulo podia reconhecer (cf. 2Col3:30), que o fortalecia nos momentos de fraqueza (12:9), que o iluminava, mostrava-lhe o significado das coisas e o consolava (1:4-5). Abatido pelas acusações difamatórias de falsos apóstolos, Paulo admitiu visões e revelações do Senhor Jesus (12:1). A pessoa de Jesus desvendou para ele o mistério da vida e da morte (cf. Cl 3:3).

Na novela O *sol é para todos,* o velho advogado Atticus Finch afirma: "Você nunca vai compreender um homem até se sentir na pele dele e olhar o mundo através de seus olhos". Paulo olhava o mundo tão sensivelmente através dos olhos de Jesus Cristo que Jesus Cristo tornou-se o ego do apóstolo: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20).

Se o apóstolo retornasse à terra hoje, creio que conclamaria toda a igreja americana a retornar à *disciplina do segredo.* Essa antiquíssima prática da igreja apostólica foi implementada para proteger o nome sagrado de Jesus Cristo da zombaria e os mistérios da fé cristã de profanação. A igreja cristã evitava a menção do batismo, da eucaristia, da morte e ressurreição de Cristo na presença dos não-batizados.[77] Por quê? Porque o testemunho mais persuasivo era o modo que se vivia, não as palavras que se falavam.

S0ren Kierkegaard certa vez descreveu dois tipos de cristãos: o primeiro engloba os que imitam Jesus Cristo; os segundos são os que se satisfazem em falar dele. Eu dividiria a comunidade cristã nos Estados Unidos entre *gente pictórica* e *gente dramática.* A gente pictórica enxerga Jesus a uma distância segura, da maneira que se olha na Galeria Nacional de Washington para o quadro da última ceia pintado por Salvador Dali. A gente dramática não é composta por meros espectadores; como a audiência envolvida diretamente na tragédia grega *Antígona,* são participantes pessoais no drama da morte e ressurreição de Jesus, mediante um morrer diário para o eu e um ressurgir para novidade de vida em Cristo.

Proponho que o empreendimento cristão de edificar o reino de Deus na terra seja um negócio silencioso e oculto. As reivindicações públicas do cristianismo perderam a credibilidade. As palavras de nossos lábios são contraditas por nosso modo de vida.

O problema com a igreja americana não é o fato de que algo esteja escondido, mas que muito pouco tem permanecido oculto. Que a igreja viva no subterrâneo por algum tempo. Ao mesmo tempo que abraça a discrição, eleve também os critérios para filiação. Somos a igreja. Apresentemos ao mundo a imagem de uma comunidade de servos e preservemos a beleza do evangelho não com um fervor gritante e defensivo, mas com uma vida interior intensa de oração e adoração, serviço e conduta de vida que só possam ser explicados em Deus.

A adoração é o ápice da vida da igreja, fonte de todo o ministério, da solidariedade compartilhada em comunidade que toma a fidelidade a Jesus possível. A adoração, como expressão da disciplina do segredo, não é para amadores em busca de entretenimento.

---

[77] Para um desenvolvimento completo da disciplina do segredo, cf. Geoffrey B. KELLY, *Liberating* Faith, p. 133s.

> Ela **é** apenas para pequenos grupos de cristãos claramente comprometidos que caracterizam uma comunhão intensa baseada em sua lealdade comum e acentuada a Jesus; e sua expressão do significado dessa lealdade e comunhão é comunicada para e na companhia uns dos outros em adoração[...] A adoração como disciplina hermética não é para as ruas, para os cartazes, para a mídia, para as massas. Não são por certo os cultos de amanhecer de Páscoa no Hollywood Bowl, não os exercícios dominicais de religião civil americana no East Room da Casa Branca, não a religiosidade ou as cruzadas no Astrodome[...] Não é cristianismo de adesivo de pára-choque e papel de carta. A igreja[...] se tornará rigorosa nas estipulações para afiliação e devota em sua prática de disciplinas. Dará também sua propriedade em favor dos necessitados.[78]

A disciplina do segredo ajudará a igreja americana a libertar-se da religiosidade. Carregamos muita bagagem religiosa do passado. Em diversas igrejas locais que visito, a religiosidade empurrou Jesus para as margens da vida real e fez com que as pessoas mergulhassem na preocupação com a própria salvação pessoal. Quando o medo do pecado e da morte domina a consciência cristã, tornamo-nos excessivamente introspectivos; tiramos os olhos de Jesus e perdemos qualquer senso de responsabilidade ética para com a comunidade humana mais ampla. Muitas pessoas têm confundido as estruturas da religião com a revelação e a fé. A disciplina do segredo insiste que Jesus não é apenas o centro do evangelho, mas de toda nossa vida cristã. Nossa fidelidade a ele e imitação de sua vida darão credibilidade ao cristianismo.

O uso excessivo esvaziou o sentido de grande parte do idioma cristão. Quando encontrar alguém em meio a dor e desolação, não fale o idioma bíblico conhecido por você e disponível para você: fique ao lado da pessoa ferida em sua solidão e quebrantamento, chore e lamente com ela, e deixe que seu silêncio seja sua compaixão.

Faço questão de lembrar a cada seguidor de Jesus que o discipulado nada mais é que estar pronto a obedecer a Cristo tão incondicionalmente quanto os primeiros discípulos. Apenas quem crê é obediente, e apenas quem é obediente crê. Jamais confunda sucesso ministerial, conhecimento bíblico ou domínio conceituai cristão com santidade e discipulado autêntico. Eles podem muito bem tratar-se de corrupções do discipulado se sua vida não estiver escondida com Cristo, em Deus.

Jesus Cristo ofendeu a ordem política e religiosa da Palestina. O cristão, também, acabará sendo motivo de ofensa, e se não o fizer é mau sinal, significa que não está sendo muito cristão.

Nesta carta, caros irmãos e irmãs, procurei compartilhar minhas percepções sobre a igreja americana e oferecer recomendações para uma renovação com base nos escritos de Paulo. Neste momento da história da igreja, creio que o retorno a disciplina do segredo é essencial para a revitalização e a credibilidade da comunidade cristã nos Estados Unidos. O evangelho de Jesus Cristo não deve ser forçado sobre um mundo não inclinado a abraçá-lo. Para ser direto, as pessoas estão cheias de nossos

[78] Larry RASMUSSEN, "Worship in a World Come-of-Age", em A *Bonhoeffer Legacy: Essays in Understanding,* p. 278.

sermões. Elas querem uma fonte de poder para sua vida. Podemos recomendá-la apenas tomando-a ativamente presente em nós mesmos. Para o crescimento da igreja na próxima década, o princípio operativo é: "menos é mais". Pouco antes de morrer, o líder marxista Lênin disse: "Dê-me dez homens como Francisco de Assis e eu dominarei o mundo".

Por favor, orem por este peregrino. Não me coloco acima de vocês: sento-me ao seu lado.

Sob a Misericórdia,

BRENNAN MANNING
Nova Orleans, Louisiana 15 de janeiro de 1992

CAPÍTULO DEZ

A CORAGEM DE ARRISCAR

A história do primeiro Pentecostes é familiar. Cinqüenta dias depois da Páscoa os discípulos estavam reunidos em determinado lugar. De repente eles foram envolvidos por um vento poderoso e assustados por chamas de fogo que pousavam sobre cada um deles. Cheios do Espírito e de poder, eles foram capazes de falar aos peregrinos de muitas nações e eram compreendidos nos idiomas deles. Embora dramática, essa história é fácil de acompanhar e de visualizar.

Toda vez que o Espírito de Deus irrompe em nossa vida — no meio do dia, no meio da semana ou no meio da vida — é para anunciar de alguma forma que o tempo de timidez e cautela terminou. O poderoso e sonoro vento do primeiro Pentescostes simbolizava que algo novo e maravilhoso estava para acontecer pelo poder de Deus. Da mesma forma que um bando de discípulos tímidos, evasivos e impotentes foram transformados em testemunhas indómitas e articuladas, assim ocorre conosco. Quando tomados pelo poder de uma grande afeição, somos capacitados com a coragem de arriscar. O Espírito nos liberta de nossos limites auto-impostos e nos direciona a águas desconhecidas. Nossa vida segura, bem regulada e em grande parte desprovida de risco é estilhaçada. O Espírito nos salva "tanto de nosso elevado idealismo (com todo seu investimento no ego) quanto de nossa baixa auto-estima (com seu investimento ainda maior no ego) e nos ergue além de nossos limites extremos para possibilidades não sonhadas, para o idealismo do próprio Deus".[79]

Antes do Pentecostes o currículo dos Doze era pobre: eles reclamavam, discutiam, hesitavam, desertavam. A biografia desses baluartes apostólicos era de discipulado cauteloso e inconsistente. O livre

[79] Alan JONES, *Exploring Spiritual Direction,* p. 115.

uso, porém, por parte de Deus de gente falha para realizar seus propósitos é sonora afirmação para os imobilizados por sentimentos de inadequação e inferioridade. Como observou Alan Jones: "A coisa mais difícil numa fé madura é aceitar que sou objeto do deleite de Deus".

Com maior freqüência do que gosto de admitir, ainda caio na fria de tentar tornar-me aceitável para Deus. Parece que não consigo renunciar a esse empreendimento estapafúrdio de alçar-me a uma posição de onde eu possa enxergar a mim mesmo numa luz favorável. Ainda luto para abrir mão da fantasia ridícula de que minhas pobres orações, conhecimento da Escritura, percepções espirituais, dízimos aos pobres e sonoro sucesso ministerial tornam-me benquisto aos olhos de Deus. Resisto à verdade salvadora de que sou amável simples e unicamente porque ele me ama.

Qualquer pessoa aprisionada na mesma opressão de auto-justificação compreende o que estou dizendo. A nosso modo somos tão absurdos quanto a personagem da história de Agatha Christie que não consegue imaginar o céu como algo mais do que uma ocasião para fazer-se útil, sem imaginar que todos os outros no céu possam estar se debatendo para suportar a incessante perseguição de seu devotado serviço. Será que um dia nos libertaremos da fantasia pelagiana de que salvamos a nós mesmos?

Em momentos de reflexão pergunto-me se tenho de fato a coragem de arriscar tudo no evangelho da graça e aceitar a total suficiência da obra redentora de Cristo. Minhas fúteis tentativas de aprimoramento pessoal, a tristeza de não ser ainda perfeito, a ostentação de minhas vitórias na vinha, minha sensibilidade a críticas e a falta de auto-aceitação desmentem minha profissão de fé de que Jesus é Senhor — elogio da boca para fora de um servo algemado, ainda acorrentado à insegurança que veste mil máscaras, ainda me batendo para tentar consertar a mim mesmo, ainda lutando por aquele esquivo êxito pessoal que me tornará apresentável a Deus. Brennan, a pilha de nervos!

Falsa modéstia? Não, de outro modo por que fui sacudido quando, depois de um sermão que preguei em Chapei Hill, na Carolina do Norte, o evangelista Tommy Tyson olhou-me com lágrimas nos olhos e disse: "Algo maravilhoso acaba de me acontecer: sei agora como nunca que o que Jesus fez foi suficiente"?

Naquela manhã nublada decidi livrar-me de meu *kit* faça-você-mesmo numa venda de garagem, alijar certas cargas pesadas que vinha carregando e dar ouvidos às palavras de Robert M. Brown: "Está decretado: que a cada três anos as pessoas esqueçam tudo que tiverem apreendido a respeito de Jesus e comecem a estudar tudo de novo".[80]

O Espírito convenceu Pedro de que ele não estava fadado a repetir os erros do passado. Tampouco nós estamos. Está disponível o poder para transcendermos nossas respostas emocionais automáticas e comportamento mecanizado. Capacitados com a coragem de arriscar tudo na verdade do evangelho, entregamos nossa torturante necessidade de ser pessoas legais e deixamos de aplicar cosméticos espirituais a fim de nos fazermos apresentáveis.

E ainda assim[...] a possibilidade nos apavora. Gostaríamos de ficar perto o bastante do fogo para nos aquecermos, mas relutamos em mergulhar nele. Sabemos que sairemos queimados, incandescentemente

[80] Tim HANSEL, You Gotta Keep Dancin', p. 48,

transformados. A vida nunca mais será a mesma. Apesar de tudo, estamos insatisfeitos com as dimensões estreitas de nosso comprometimento parcial. Lá no fundo há um anseio por jogar a cautela para o alto. Sabemos que o que Leon Bloy disse é verdadeiro: "A única tristeza real da vida é não ser santo".

Graham Greene escreveu um romance revelador chamado O *poder e a glória.* O personagem central é o "padre uísque", um homem triste, complacente, morno e alcoólatra. No momento em que está para ser executado por um pelotão de fuzilamento, ele percebe que teria sido fácil ser santo se tivesse tido a coragem de arriscar. Por anos o robô interior havia controlado sua vida exterior. Olhando para os canos de cinco fuzis carregados, ele percebe que sua doença era apenas hipocondria. Poucas horas antes ele havia caminhado por esse pátio e nada que ele vira parecia importar. Havia muito tempo ele trocara a coragem e a liberdade por passividade e trivialidades. Se sua execução fosse adiada e ele pudesse atravessar novamente o pátio, caminharia com os olhos arregalados de assombro. Poças seriam como oceanos, soldados como deuses. Com seu robô interior suprimido e suas emoções automáticas não mais no comando, assumiria o controle de sua vida, agarrá-la-ia pelo pescoço e abraçaria a convicção de que viver sem risco é arriscar não viver.

No poder de uma grande afeição, o impossível torna-se possível. Somos libertos dos medos que nos travam. Sabemos que não temos como perder porque não temos nada *a* perder.

Nada é mais intrigante para mim do que nossa poderosa resistência à invasão do amor de Deus. Por que somos tão provincianos para receber? Teremos medo de nos tornar vulneráveis, de perder o controle de nossa vida, de reconhecer nossas fraquezas e necessidades? Será que mantemos Deus a uma distância segura para proteger a ilusão de nossa independência?

A parábola do devedor sem misericórdia (cf. Mt 18) ofereceu uma indicação. Esse homem deve a seu mestre a soma de dez mil talentos, o equivalente à dívida nacional. O que ele faz? Coloca-se à mercê de seu misericordioso mestre, admite sua total incompetência diante da situação e implora perdão? De modo algum. O devedor não gosta de admitir inadequação. E um homem de conteúdo e de importância. Tem credenciais e cartões de crédito. Honras lhe foram conferidas. Seu ego foi afagado. Sua dignidade está intacta.

No último dia, quando estivermos diante do Cristo ressurreto, cada um de nós será a soma de suas escolhas.

Mister Blue era um ousado cavalheiro que vivia descansado entre música e balões de gás no telhado de um edifício de apartamentos. Ele transitava graciosamente entre todos os tipos de pessoas, em pobreza e abundância, e recusava-se a se prender aos padrões dos outros. No entardecer de sua vida, Mister Blue escreveu:

> Os historiadores conservadores descrevem como megalomaníaco qualquer homem com uma paixão. "Olhem para de", eles dizem uns aos outros, "que imbecil! Por que ele não se acomoda e se estabelece na comunidade? Por que permanece eternamente

> inquieto, tentando alcançar algo além de si mesmo? O sujeito é doido".
>
> Esses conservadores estão em parte certos. Viva de acordo com as regras e você se manterá longe de perigo. Seja cuidadoso, seja cauteloso, não assuma riscos e você nunca morrerá no monte Santa Helena. Seu fracasso é medido por suas aspirações. Nada aspire e não terá como cair. Colombo morreu prisioneiro. Joana d'Arc foi queimada viva. Vivamos todos de forma aconchegante e sem risco, e em breve a vida não será mais do que um fluxo gelatinoso de conforto e ignorância.[81]

A inquietação do personagem de ficção Mister Blue ecoa a parábola de Jesus sobre o servo inútil (Lc 17:7-10). Ela lembra a exortação de Francisco de Assis no leito de morte: "Comecemos, meus irmãos, porque até agora fizemos muito pouco".

Blue pode ser ouvido na voz gentil de meu amigo Tom Minifie, pastor adjunto em Seattle: "Estar tranqüilo é estar em perigo". A igreja do Senhor Jesus começa a declinar quando os membros que a compõem abrem mão de sua disposição em arriscar.

Todo reitor de universidade percebe que alguns departamentos acadêmicos desfrutam de excepcional vitalidade enquanto outros apenas seguem se arrastando. Todo executivo observa que algumas empresas permanecem na liderança enquanto outras patinam. Os mesmos fatores estão em ação na ascensão e queda de qualquer empreendimento, incluindo a igreja. Roma caindo nas mãos dos bárbaros, uma empresa tradicional abrindo falência, um órgão governamental estrangulando-se na própria burocracia, uma igreja definhando espiritualmente — todas tem muito em comum.

Uma instituição jovem é flexível, fluida, disposta a tentar tudo pelo menos uma vez. A medida que ela envelhece, diminuem os riscos assumidos, a ousadia cede espaço a uma certa rigidez, a criatividade se desvanece e a capacidade de enfrentar novos desafios de direções inesperadas é perdida.

O mesmo processo observado na extinção das instituições acontece no declínio dos indivíduos. "Por que acontece", pergunta John Gardner, "de tanta gente estar mumificada quando chega à meia-idade?". Por que algumas pessoas acomodam-se em visões rígidas e inflexíveis a respeito de Deus e da igreja quando chegam aos trinta anos de idade. Por que caímos num torpor de mente e espírito muito antes de chegar aos cinqüenta? Será inevitável que abramos mão de nossa jovialidade e de nossa capacidade de crescer e mudar? Será possível a renovação pessoal, sementeira da renovação comunitária?

Talvez a maior causa de fracasso na renovação individual e comunitária seja o próprio medo do fracasso. Evitamos o risco de modo que não haja como mostrar ao mundo que estávamos errados. A tirania de nossos colegas — o que os outros vão dizer? — nos imobiliza. Sábios e prudentes que somos, fabricamos mil desculpas lógicas para nada fazermos.

---

[81] Myles CONNOLLY, Mr. *Blue*, p. 91.

O medo de cair de cara no chão exige um preço alto. Ele desencoraja a exploração e assegura o estreitamento progressivo de nossa personalidade. Não há aprendizado sem mancadas. Se queremos continuar a crescer, devemos arriscar o fracasso a vida inteira. Quando recebeu o premio Nobel pela formulação da teoria quântica, Max Planck disse: "Quando olho para trás, para o longo e labiríntico trajeto que conduziu finalmente à descoberta, vem-me vividamente à memória o dito de Goethe, de que, enquanto permanecerem tentando realizar alguma coisa, os homens estarão sempre cometendo erros".

Embora o cristianismo como um todo, no final das contas, diga respeito à redenção do pecado e do fracasso, a maioria de nós — com base em minha experiência pastoral — não está disposta a admitir o fracasso em sua vida. Em parte isso se deve aos mecanismos de defesa da natureza humana contra as próprias inadequações. Mais ainda, isso se deve à imagem de sucesso que nossa cultura cristã contemporânea exige de todos nós. Uma vez convertidos, não ousamos mais perder nossos negócios, nosso casamento e nossas receitas.

O problema em projetar uma imagem perfeita, no entanto, está no fato de que ela cria mais dificuldades do que resolve. Em primeiro lugar ela simplesmente não é verdadeira — nenhum de nós está sempre contente, sereno e no controle. Em segundo lugar, projetar essa imagem impecável nos distancia das pessoas, que concluem que não as compreendemos. Terceiro, mesmo se pudéssemos viver uma vida livre de risco e de erros, seria uma existência rasa. Os cristãos maduros são os que fracassaram e aprenderam a viver graciosamente com o fracasso.

O fracasso em realizarmos com nossa vida aquilo que ansiávamos pesa demais sobre muitos de nós. A disparidade entre o eu ideal e o eu real, o espectro de infidelidades passadas, a consciênela de que nosso comportamento com freqüência nega diretamente nossas crenças, a pressão da conformidade e a nostalgia por uma inocência perdida reforçam um senso incômodo de culpa existencial: eu fracassei. Esta é a cruz pela qual jamais esperávamos, e a que achamos mais difícil de suportar. Não somos mais capazes de diferenciar a percepção de nós mesmos do mistério que realmente somos.[82]

O pernicioso mito de "uma vez convertido, convertido por inteiro" gera a impressão de que num único e cegante raio de salvação Cristo espera que nossa vida esteja liberta de contradições e perplexidades. A maldição do perfeccionismo desencadeia episodios de depressão e de ansiedade. Quem nos absolverá da culpa? Quem nos livrará da servidão do perfeccionismo e do fracasso? Novamente, é a assinatura de Jesus que nos resgata de nós mesmos.

O Cristo crucificado nos faz lembrar que o desespero e a desilusão não são terminais, mas sinais de uma ressurreição iminente. O que vive além da cruz é o liberador poder do amor, que nos liberta do egocentrismo que nos faz dizer "Tudo *que sou é o que penso que sou e nada mais*". Numa Sexta-Fcira Santa, às 2 horas, quando eu orava, ouvi que dizia: "Irmãozinho, testemunhei um Pedro que disse que não me conhecia, um Tiago que desejava poder em retribuição ao serviço, um Filipe incapaz de ver o Pai em mim e inúmeros discípulos convencidos de que o Calvário era meu ponto final. O Novo Testamento tem inúmeros exemplos de

[82] Alan JONES, *Exploring Spiritual Direction,* p. 39.

homens e mulheres que começaram bem e vacilaram ao longo do caminho".

"Ainda assim, na noite de Páscoa eu apareci a Pedro; Tiago não é lembrado pela ambição, mas pelo sacrificio de sua vida pelo reino; Filipe foi capaz de ver o Pai em mim quando apontei o caminho; e os discípulos que haviam perdido suas esperanças tiveram coragem suficiente para me reconhecer como o estrangeiro que caminhava pela estrada de Emaús. O que estou querendo dizer, irmãozinho, é isto: espero mais fracasso de você do que você espera de si mesmo."

Em tempo e fora de tempo, no sucesso e no fracasso, em graça e desgraça, a coragem de arriscar tudo na assinatura de Jesus é a marca do discipulado autêntico. "O sucesso nunca é final; o fracasso nunca é fatal. E a coragem que conta", como disse Winston Churchill.

CAPÍTULO ONZE

ATRACANDO-SE COM DEUS

William Reiser escreve:

> Muitos pais têm esperado anos para que seus filhos reconheçam que foram amados. Há muitas ocasiões, naturalmente, em que mães e pais vêem sua paciência esgotada por filhos que parecem não lhes dar o devido valor e raramente levam em consideração os sentimentos deles, pais. Porém, de algum modo, os pais não perdem a fé nos filhos, porque crêem que tanto cuidado e amor acabarão um dia dando fruto. Pais vivem na esperança de que um dia o filho perceberá quanto amor tem recebido. Lembro-me de um pai que me confidenciou que daria qualquer coisa que possuía a fim de ver seu filho chegando em casa um dia e atirando-se nos braços não do pai (isso seria esperar demais), mas da mãe e dizendo a ela: "Eu te amo".[83]

Quando os filhos reconhecem o amor que foi dispensado a eles, os pais reverberam diante desse reconhecimento de serem valorizados com um suspiro inaudível que se equipara aos momentos mais felizes de sua vida e de seu casamento. Será implausível demais imaginar Deus experimentando a mesma coisa? Não esperará ele que seus filhos reconheçam com gratidão o quão profundamente têm sido amados?

[83] *Into the Needles Eye,* p. 86.

Certo dia Yehiel, neto do rabi Barukh, brincava de esconde-esconde com outro menino. Escondeu-se bem e ficou esperando que o companheiro de brincadeira o encontrasse. Após vinte minutos, colocou a cabeça para fora do esconderijo secreto, não viu ninguém e escondeu-se de novo. Depois de esperar muito tempo, saiu do esconderijo, mas não achou sinal do outro menino. Yehiel percebeu então que seu colega não havia, desde o começo, saído a sua procura. Correu chorando até o avô e reclamou do amigo desleal. Lágrimas encheram os olhos do rabi Barukh quando percebeu que Deus diz a mesma coisa: Eu *me escondo, mas ninguém me procura.*[84]

Era esse o tom pungente da voz de Deus quando falou pela boca do profeta Oséias:

> Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho. Quanto mais eu os chamava, tanto mais se iam da minha presença; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura. Tíxlavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os nos meus braços, mas não atinaram que eu os curava. Atraí-as com cordas humanas, com laços de amor; fui para eles como quem alivia o jugo de sobre as suas queixadas e me inclinei para dar-lhes de comer.
>
> Oséias 11:1-4

Nosso Deus permanece um Deus oculto, mas em oração descobrimos possuir o que buscamos. Começamos de onde estamos, aprendemos o que temos e percebemos que já estamos lá. A oração contemplativa consiste meramente em experimentar aquilo que já possuímos. "Não sabeis que sois o santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vás?" (ICo 3:16).

Não apenas um caso de amor, mas um *furioso* caso de amor.

De que forma nos atracamos com Deus? De que forma vencemos nossa tristeza e isolamento? De que forma desenvolvemos a coragem e a generosidade de acalentar o tesouro da assinatura de Jesus nas páginas de nossa vida? De que forma, de que forma, de que forma? A resposta vem de modo irresistível e inequívoco: oração.

"Buscai primeiro o reino de Deus" (cf. Mt 6:33). Isso requer tomar tempo da família, dos amigos, da carreira, do ministério e até mesmo de "fazer o bem" a fim de adentrar o grandioso silêncio de Deus. Sozinho naquele silêncio, o ruído interior se aquietará e a voz do Amor será ouvida. Sem esse silêncio, nos afogaremos na cacofonia interior de diálogos, encontros, reuniões, discussões e conferências em que há muita falação e pouco escutar.

A maioria dos cristãos que conheço, incluindo a mim mesmo, foi criada dentro de uma espiritualidade devocional que encoraja obras exteriores de piedade, como freqüência à igreja, leitura bíblica, memorização da Escritura, grupos de oração, retiros, leitura espiritual e momentos introspectivos de confissão, adoração, ação de graças, petição e intercessão. Essas devoções destinavam-se a desenvolver e sustentar

[84] David STEINDL-RAST,*Gratefulness: The Heart of Prayer,* p. 64.

nosso relacionamento com Deus. Elas conduziriam à *metanoia* bíblica, a conversão pessoal que precisamos experimentar de modo a nos tornarmos verdadeiros discípulos de Jesus. Mas, como observa Shannon, esta era uma metanóia de comportamento — a renúncia ao modo de vida auto-indulgente de fornicação, irresponsabilidade sexual, disputas e discórdia, ciúme, cobiça, mau humor, contendas, inveja, bebedeira, orgias e coisas semelhantes,[85] e o resoluto esforço em adquirir as virtudes e atitudes compatíveis com a mente de Cristo. A espiritualidade devocional levava a um novo modo de fazer, mas não necessariamente de ver. Ela se concentrava mais no comportamento do que na conscientização; mais em fazer a vontade de Deus e desempenhar atos devocionais que o agradam do que em experimentar Deus como Deus verdadeiramente é. "Um modo grosseiro de definir isso seria dizer que gasto tanto tempo fazendo as coisas que agradam a Deus que não me sobra tempo para estar com Deus."[86]

Embora eu reconheça a importância crítica da espiritualidade de devoções e suas muitas e valiosas contribuições, a espiritualidade contemplativa tende a enfatizar a necessidade de uma mudança de consciência, um novo modo de ver Deus, os outros, o eu e o mundo. Não basta que nos comportemos melhor; devemos chegar a ver a realidade de forma diferente.

Para a maioria de nós, o tempo de oração é curto e prolixo. Fala-se demais e ouve-se de menos — muita cabeça e pouco coração. A oração contemplativa nos conduz em silêncio ao amor que está no centro de nosso ser.

> Sabemos com base em nossos relacionamentos humanos quanta fé precisamos ter numa pessoa a fim de permanecermos em silêncio ao lado dela. Sabemos que nossa fé nessa pessoa é aprofundada por esse silêncio. Essa é também a dinâmica de nosso silêncio em oração — perceber o amor de Deus por nós expresso no amor de Jesus, aprofundando nossa fé em seu amor.[87]

Na jornada da crença para a experiência é preciso mais esforço para ficar quieto do que para correr. A maioria vive um estilo de vida tão frenético que tem medo de quietude, silêncio e solidão. Anos atrás Anne Morrow Lindbergh escreveu:

> No que diz respeito à busca por silêncio e reclusão, vivemos numa atmosfera negativa, tão invisível, tão impregnante e enervante quanto a umidade carregada de uma tarde de agosto. Ninguém compreende hoje em dia, homem ou mulher, a necessidade de ficar sozinho. Como ela parece inexplicável! Qualquer coisa será aceita como desculpa. Se alguém reserva algum tempo para uma reunião de negócios, uma passada no cabeleireiro, um compromisso social ou uma ida ao *shopping,* esse tempo será visto como inviolável. Mas se alguém diz: "Não posso ir porque é minha hora de ficar

[85] Gálatas 5:19-20.
[86] William H. SHANNON, *Silence on* Fire, p.16.
[87] MAIN,p.45.

> sozinho", é considerado rude, egocêntrico ou estranho. É comentário revelador de nossa civilização que estar sozinho seja considerado suspeito; quando se tem de pedir desculpas por isso, apresentar justificativas, esconder o fato de que se pratica a solidão — com se fosse um vício secreto.[88]

Um certo pânico existencial pode tomar conta de nós quando enfrentamos pela primeira vez a quietude, mas. se achamos a coragem de abraçá-la, adentramos a paz que está além de todo entendimento. Por outro lado, se não somos capazes de reconhecer o valor de estar simplesmente sozinho com Deus, na qualidade de amado, sem fazer nada, arrancamos violentamente o coração do cristianismo. As crenças tornam-se mais importantes do que a fé, e até as menores barreiras criam intransponíveis obstáculos entre cristãos.

Um método simples de oração contemplativa (freqüentemente chamado em nossos dias de "oração de achar o centro" e ancorado na tradição cristã ocidental de João Cassiano e nos pais do deserto e não, como pensam alguns, no misticismo oriental ou na filosofia da Nova Era) tem quatro passos:

1. Reserve alguns minutos para relaxar o corpo e aquietar o espírito. Em seguida, num simples ato de fé, esteja presente diante do Deus que habita o profundo de seu ser.

2. Escolha uma única palavra ou frase sagrada que capture algo do sabor de seu relacionamento íntimo com Deus. Uma palavra como *Jesus, Abba, Paz, Deus* ou frase como *Abba, pertenço a ti* ou *Ajuda-me a viver em tua presença* etc. Sem mover os lábios, repita a palavra sagrada interiormente, devagar e com freqüência.

3. Quando as distrações vierem, como inevitavelmente vêm (mesmo nas orações mais avançadas), simplesmente volte a ouvir sua palavra sagrada. Imagine-se sentado em silêncio num bote no centro de um lago tranqüilo. Tudo é quieto e sereno. De repente uma lancha passa rugindo 50 metros a estibordo. As ondas agitam violentamente seu barco. Elas representam as divagações da mente. Mais uma vez volte à sua palavra sagrada.

4. Depois de um período de vinte minutos de oração, conclua com o pai-nosso, um salmo favorito ou algumas palavras espontâneas de louvor e gratidão.

Os mestres espirituais contemporâneos recomendam dois períodos de vinte minutos ao dia. Os horários ideais são antes do café da manhã e antes do jantar. Devido à unidade psicossomática de corpo, mente e espírito, um sentimento de fome física é de grande auxílio. Ela desperta o anseio da alma por Deus. Como disse certa vez o psiquiatra Psichari: "A melhor preparação para a oração é um punhado de tâmaras e um copo d'água", metáfora para um estômago relativamente vazio.

Não avalie, não meça, nem julgue seus períodos de oração contemplativa. Em *nossa* sociedade voltada ao desempenho, começaremos provavelmente a orar com uma preocupação superficial por resultados, numa vã tentativa de discernir se nosso investimento de tempo e energia está valendo a pena: ele produziu alguma percepção

[88] *Gift from the Sea,* p. 24.

luminosa ou alguma experiência extraordinária? Esse tipo de materialismo espiritual desaparecerá, o ego será purificado e a falta de naturalidade se dissipará mediante a prática diária da oração.

Somente compareça e fique quieto.

Acima de tudo, em primeiro lugar a oração é um ato de amor. Além de quaisquer considerações pragmáticas, a oração é uma resposta pessoal ao amor de Deus. Amar alguém implica ansiar por sua presença e comunhão. "Porém o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades. Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava" (Lc 5:15,16). Jesus orava antes de tudo porque amava seu Pai. Ser como Cristo é ser cristão.

Não importa o quanto sejamos atarefados: arranjamos tempo para as pessoas com as quais nos importamos (nos últimos vinte anos tenho visitado Chicago dezenas de vezes e nunca deixei de passar uma noite com minha querida amiga de 90 anos de idade, Frances Brennan). Como Woody Allen disse certa vez: "Oitenta por cento da vida é comparecer". Por quê? Simplesmente porque comparecer é uma forma de amar. A prontidão de conscientemente perder tempo com um amigo é uma silenciosa afirmação de sua importância em nossa vida. Basil Pennington captura a simplicidade desse gesto:

> Um pai se alegra quando seu filho pequenino, deixando de lado os brinquedos e amigos, corre até ele e atira-se em seus braços. Enquanto abraça o pequenino, ele pouco se importa se a criança está olhando ao redor, sua atenção saltando de uma coisa para outra, ou se está apenas se acomodando para dormir. A criança está essencialmente escolhendo estar com seu pai, confiante do amor, do cuidado e da segurança que há naqueles braços. A oração contemplativa é muito semelhante. Nós nos acomodamos nos braços de nosso Pai, em suas mãos amorosas. Nossa mente, nossos pensamentos e nossa imaginação talvez se desviem de um objeto a outro; talvez até caiamos no sono; mas estamos acima de tudo escolhendo permanecer durante esse tempo em intimidade com nosso Pai, dando-nos a ele, recebendo seu amor e cuidado, deixando que ele desfrute de nós como quiser. E uma oração muito simples. E uma oração muito pueril. É a oração que nos abre para todos os deleites do reino.[89]

Como ao mergulhar numa banheira de água quente, deixo que o amor de Deus penetre, sature e permeie cada parte de meu ser. Uma coisa é saber que ele me ama e outra bem diversa é experimentá-lo na fé. A medida que me aquietar, serei atracado por Deus:

> Eu sou seu Deus, você é meu filho. Como você pode chegar a duvidar de que irei abraçá-lo novamente, trazê-lo para junto do peito, beijá-lo e passar as mãos por teu cabelo? Sou um Deus de misericórdia e compaixão, de ternura e cuidado. Quero muito ter você perto de mim. Conheço todos os seus pensamentos. Ouço

[89] M. Basil PENNINGTON, Centering *Prayer,* p. 68-69.

> todas as suas palavras. Vejo todas as suas ações. E amo você. Não julgue a si mesmo. Não condene a si mesmo. Não rejeite a si mesmo. Deixe meu amor tocar os cantos mais escondidos de seu coração e revelar a você sua beleza, uma beleza que você perdeu de vista. Venha, deixe-me secar suas lágrimas, e deixe minha boca aproximar-se de seu ouvido e dizer a você: "Eu t**e** amo, eu te amo, eu te amo".[90]

2. *Responda ao amor de Deus por meio da adoração.* Essa é a mais elevada e mais intensa atividade de que qualquer ser humano é capaz. Adorar é entregar-se completamente às mãos amorosas de Deus. Quando Henri Nouwen perguntou a seu guia espiritual: "De que modo posso viver uma vida na qual Jesus seja verdadeiramente o centro?", a resposta veio: "Seja fiel na adoração":

> Essa palavra deixa claro para mim que toda minha atenção deve estar em Jesus, não em mim. Adorar é ser arrebatado de minhas preocupações à presença de Deus. Significa abrir mão do que eu quero, desejo ou planejei, e verdadeiramente confiar em Jesus e em seu amor.[91]

Ele pode fazer comigo o que quiser. Na oração do pai-nosso, quando oro "seja feita a tua vontade", posso dizer essas palavras sem temor ou apreensão porque estou convencido de que meu Abba não representa ameaça para mim, que ele é o curso de minha vida e de minha realização. A oração de adoração pode ser feita com ou sem palavras, em minhas palavras ou nas palavras de outro.

3. *Medite sobre uma passagem do evangelho.* Meditar é pensar e refletir sobre Deus. Orar é falar com Deus e ouvi-lo. Leia não mais do que cinco ou dez versículos de um dos evangelhos (não é hora de estudo bíblico). Identifique-se com alguma pessoa nessa passagem e levante a questão: O *que Jesus está me dizendo neste texto?*

Exemplo: leio Mateus 5:1-3: "Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: 'Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus'". Identifico-me com um dos discípulos. Jesus olha-me diretamente nos olhos e me diz que sou bem-aventurado se sou humilde de espírito. Essas são as primeiras palavras de Jesus em seu discurso inaugural. Evidentemente são de tremenda importância para ele, e devem, portanto, ser para mim. O que significa "ser humilde de espírito"? Entro em contato com meu passado e começo a meditar.

Viajo de volta pela alameda da memória até o congresso Praise Gathering '91 [Reunião de Louvor] no Centro de Convenções de Indianápolis. Depois que apresentei um sermão de 45 minutos intitulado "A hesitação vitoriosa", a comunidade reunida de onze mil pessoas ergueu-se e explodiu em trovejante aplauso. Meu eu-sombra sedento por honra, reconhecimento, poder, glória e admiração humana experimentou um instante de gratificação. Esse meu falso eu — que se deleita na noção

[90] Versão abreviada de Henri NOUWEN. *The Primacy of the Heart,* p. 36-57.
[91] Idem, p. 20.

de que minha verdadeira identidade está no sucesso ministerial, no triunfo homilético, nas vitórias na vinha, em resenhas editoriais favoráveis e na admiração dos outros — regozijou-se diante do coro de adulação.

Naquele efêmero momento de euforia, Deus teve pena de seu pobre filho orgulhoso. Foi-me imediatamente concedida uma visão de mim mesmo jazendo num caixão. A casa funerária estava fechada; o lugar, deserto. Meu corpo embalsamado jazia num caixão completamente sozinho. Meu tempo tinha acabado.

A experiência não foi nem macabra nem mórbida; foi, em vez disso, um momento de suprema libertação do falso eu. Minha identidade imaginada foi desmascarada em seu contra-senso. Descobrimos pela força da morte que não há substância por baixo das coisas com as quais nos vestimos. Sou oco, e minha estrutura de prazer e ambição não tem fundamentos. Sou objetificado nelas. Mas elas estão destinadas por sua contingência a serem destruídas. "E, quando não mais existirem, restará apenas minha nudez, vazio e falsidade".[92]

Bem-aventurados são os humildes de espírito. O homem e a mulher pobres permanecem em contato com a própria pobreza nua e carência transcendental.

Enquanto olhava para meu corpo sem vida, lembrei-me da história de um bispo que jazia em seu leito de morte — trajando todas as vestes paramentais! O aplauso dos onze mil continuava, e comecei a rir — de mim mesmo por trajar minha mitra no congresso Praise Gathering.

Peter van Breemen escreve:

> O homem pobre aceita a si mesmo. Ele tem uma auto-imagem na qual a consciência de suas limitações é muito vívida, mas isso não o deprime. Essa consciência da própria insuficiência, à parte de sentimentos de autodepreciação, é típica do humilde de espírito.[17]

4. *Encerre com uma oração de intercessão/petição.* Interceder e pedir não é acenar com uma lista de compras de gente necessitada e de projetos. Orar pelos outros é derramar nosso sangue, gastar a nós mesmos sem levar em conta o custo em empatia e compaixão. E também mergulhar na mente de Jesus, unindo-nos nós mesmos à sua oração de intercessão. Experimentamos os inexprimíveis gemidos do Espírito em nosso coração. "E quanto maior é nossa empatia e mais de perto nos identificamos por meio da compaixão com aqueles pelos quais oramos, mais perfeita é nossa comunhão com o misericordioso Deus".[93]

Nunca deixe um dia passar sem pedir uma fé maior.

Conclua sua oração voltando ao segundo estágio, de adoração, agradecendo a Deus por sua bondade, louvando-o por seu perdão, dizendo a ele que você o ama e que vai tentar servi-lo um dia de cada vez. Mais uma vez, o intervalo de tempo recomendado para esse tipo de oração estruturada é de vinte minutos duas vezes ao dia.

Um simples artifício mnemónico pode ser útil. São os quatro "p". Na medida do possível, escolha o mesmo *ponto* (lugar) para sua oração, o

---

[92] Thomas MERTON, *New Seeds of Contemplation,* p. 35. [17] Peter van BREEMEN, p. 108.

[93] Anthony BLOOM, The *Courage to Pray,* p. 45.

mesmo *período* de tempo, a mesma *postura* (em pé, sentado, ajoelhado ou — como Inácio de Loyola — deitado de costas), selecione uma passagem da Escritura e ore.

Permita-me encerrar este capítulo com as quatro regras cardeais da oração:

1. A coisa mais importante é: orar se aprende orando. O crucial é estar de fato a caminho, não pensando na viagem nem lendo e conversando sobre ela. "Um passo hesitante mas real é mais valioso do que qualquer número de jornadas realizadas na imaginação".[94]

2. Como mencionado anteriormente: ore da maneira que você consegue; não ore do modo que você não consegue.

3. Não ore apenas quando sentir vontade. Comparecer e ficar quieto é uma disciplina. Cada dia equilibrado nas colunas gêmeas da oração matinal e vespertina é um passo na jornada da crença para a experiência, da teoria para a realidade. Como diz o comercial da Nike: *Just do it [*Apenas *faça].*

4. Quando um homem ou uma mulher têm um desejo intenso de se atracar com Deus, eles se mexem e agem. Respondem e oram.

Sem essa fome, são diletantes jogando jogos espirituais. Se o desejo intenso está ausente, caia de joelhos diante do Deus em que você diz acreditar e implore por essa dádiva. Como observou o falecido rabi Abraham Heschel: "Deus não tem importância alguma até que tenha suprema importância".

A oração contemplativa é um massacre inclemente do egoísmo, do isolamento e da melancolia. Esquecer-se de si mesmo parece tão fácil, mas exige nada menos do que a crucificação do ego. A renúncia da autoconsciência a fim de adquirir a consciência de Cristo vem a um enorme custo — perder a vida a fim de encontrar vida (cf. Mc 8:35). Ela traz consigo, porém, a grande garantia de que a assinatura de Jesus está escrita nas páginas de nossa vida de oração.

CAPÍTULO DOZE

LÁZARO RIU!

Certo verão em Iowa City dirigi um retiro de cinco dias para um pequeno grupo de cristãos. O pequeno número de participantes permitiu um grau incomum de diálogo, compartilhamento e comunhão interpessoal. Uma mulher do grupo, cerca de 35 anos de idade, desracava-se pelo silêncio. Era uma mulher esguia e atraente que não

[94] MAIN, p 77-78.

sorria nem suspirava, não ria nem chorava, não reagia, não respondia nem se comunicava com nenhum de nós.

Na tarde do quarto dia, convidei cada pessoa a compartilhar o que o Senhor havia feito na vida de cada um nos últimos dias. Depois de alguns minutos de silêncio, a freira reservada, que chamarei de Cristina, estendeu a mão, pegou seu diário e disse:

— Algo aconteceu comigo ontem e escrevi aqui. Você estava falando, Brennan, sobre a compaixão de Jesus. Você desenvolveu as duas imagens do marido e do amante encontradas em Isaías 54 e Oséias 2. Em seguida citou as palavras de Agostinho: "Cristo é o melhor marido".

— Ao final da sua palestra, você orou para que pudéssemos experimentar o que você tinha acabado de compartilhar. Pediu que fechássemos os olhos. Quase no exato momento em que o fiz, algo aconteceu. Na fé fui transportada a um vasto salão de baile cheio de gente.

— Os escritores espirituais de hoje em dia falariam numa experiência de "topo de montanha", um encontro com o *mysterium tremendum.* Karl Rahner chamaria simplesmente Cristina de mística — alguém que experimentou alguma coisa.

— O que capturou minha atenção na narrativa de Cristina foi que o Jesus com quem ela se encontrou estava sorrindo. Jesus sorria? Ele chegou de fato a rir?

— Os evangelhos nunca mencionam que ele tenha feito uma coisa ou outra. Eles testificam que ele chorou duas vezes — por Jerusalém e por Lázaro, sua cidade e seu amigo. Será possível, no entanto, que esse homem santo, semelhante a nós em todas as coisas menos na ingratidão, tenha chorado de tristeza e não tenha rido de alegria? Teria Jesus deixado de sorrir quando uma criança se acomodava em seus braços? Ou quando o mestre de cerimônias de Cana quase desmaiou diante dos seiscentos galões de vinho da melhor qualidade? Ou quando viu Zaqueu pendurado num galho? Ou quando Pedro falava sem pensar mais uma vez?

— Simplesmente não consigo acreditar que Jesus não risse quando via algo engraçado ou deixasse de sorrir quando experimentava em seu ser o amor do seu Abba. Ele atraía não apenas um líder fariseu e um centurião romano, mas também crianças e gente simples como Maria Madalena. Nossa experiência humana nos diz que Jesus não poderia tê-lo feito se ostentasse sempre o rosto solene de um enlutado ou a máscara austera de um juiz; se seu rosto não se abrisse com freqüência num sorriso e se seu corpo inteiro não explodisse em risada jovial.

— Apesar disso quantas pinturas existem na história da arte cristã que mostrem um Salvador sorridente? Onde em nossos hinários e livros de oração estão as odes ao Cristo risonho? Nós prontamente o chamamos de "homem de dores" e esquecemos quanta alegria sua presença trazia a pecadores e festeiros, a doentes e moribundos. Sem nenhuma dúvida Jesus ria. Ele provavelmente ri de nós quando roubamos do discipulado sua jovialidade e ostentamos rostos compridos como dignitários num funeral de estado. Muitos anos atrás num retiro privado anotei uma curta meditação de Páscoa baseada em João 10:1-10. Ela diz:

> Cedinho no domingo de manhã, enquanto o sol começa a traçar fachos no céu oriental, o corpo rígido[...] o peito começa a se elevar[...] uma mão se move devagar e descobre o rosto[...] ele acomoda os olhos à escuridão[...] põe-se de pé com alguma dificuldade[...] sai do sepulcro. Do lado de fora, respira o ar puro estimulado pela nova experiência[...] olha morro acima e vê as três cruzes vazias. Sorri e se afasta caminhando. O Cristo ressurreto é um Cristo sorridente.

Teresa de Avila escreveu: "Todas as vezes que o Senhor se apresentou a mim, seu corpo era ressurreto e glorificado". Será surpreendente que o Senhor da glória que girou Cristina ao longo da pista de dança seja um Cristo feliz e sorridente?

Algum cristão austero, porém, pode protestar: "Por que é importante determinar se Jesus sorriu ou não? Parece-me que é uma tempestade num copo d'água. Devemos nos concentrar em questões evangélicas mais urgentes".

A questão da jovialidade de Jesus não é trivial por uma razão: a oração é uma resposta pessoal à sua presença amorosa. Quando o Jesus de nossa jornada é um Jesus sorridente, quando respondemos a sua mensagem sussurrada: "Sou louco por você", o processo de cura interior pode começar. Ele nos cura de nossa absorção em nós mesmos — na qual nos levamos a sério demais, na qual os dias e as noites revolvem ao redor de nós, de nossas dores de coração e hérnias de ausência, de nossos problemas e frustrações. Seu sorriso permite que nos distanciemos de nós mesmos e nos enxerguemos em perspectiva como realmente somos. Somos criaturas formidável e maravilhosamente feitas, um apanhado de paradoxos e contradições.

A história da ressurreição de Lázaro (cf. Jo 11) começa com suas duas irmãs, Marta e Maria, mandando uma mensagem a Jesus: "Senhor, o homem que o senhor ama está doente".

Quando Jesus chega a Betânia, vêm dizer a Maria:

— O Mestre chegou e quer vê-la.

Ela vai até Jesus e atira-se a seus pés, dizendo:

— Senhor, se o senhor tivesse estado aqui meu irmão não teria morrido.

Diante das lágrimas dela, com um suspiro que vem diretamente do coração, Jesus pergunta:

— Onde ele está?

Maria diz:

— Senhor, venha ver.

Jesus chora.

E os judeus dizem:

— Veja quanto ele o amava.

Em 1981 Roslyn e eu fizemos um retiro silencioso e dirigido, de oito dias, no centro de despertamento em Grand Cocteau, na Louisiana. Roslyn enviou a Jesus uma mensagem: “Senhor, o homem que o Senhor ama está doente”.

Quando Jesus chegou a Grand Cocteau ficou sabendo que Brennan estava na mais profunda desolação. Estava numa agonia de indecisão. Deveríamos eu e Roslyn nos casarmos? Eu a amava de todo o coração,

mas o demônio do auto-engano é sutil. Era da vontade do Pai que nos casássemos ou era minha própria vontade? Como eu podia estar certo de ter ouvido a voz de Deus? Além disso, o que diz a lei canônica da igreja Católica? E o que as pessoas vão dizer — pais, parentes, amigos, os milhares que ouviram-me pregar o evangelho? Eu estava dividido por dentro, cercado por trevas e confusão.

Vieram dizer a Roslyn:

— O professor está aqui e quer vê-la.

Logo que ouviu isso ela levantou-se e caminhou na direção dele. Quando chegou ao lugar em que Jesus estava ela caiu aos pés dele e disse:

— Senhor, o coração do meu Brennan está partido de dor. Ele está agitado, confuso e desesperado. Se o senhor tivesse estado aqui ele não estaria desse jeito.

Roslyn começou a chorar.

Quando viu-a chorar Jesus comoveu-se em seu espírito, movido pelas mais profundas emoções.

— Onde ele está? — Jesus perguntou.

— Está na capela. Sozinho. Vou lhe mostrar onde é.

O próprio Jesus começou a chorar. Na distância alguns outros no retiro murmuraram:

— Veja o quanto Ele os ama.

Jesus andou até a capela e abriu a porta.

— Deixe-nos a sós — Ele disse a Roslyn.

Eu estava tão mergulhado em meu tumulto interior que não percebi quando ele veio e sentou-se ao meu lado.

Ele tomou minha mão. Surpreso, virei-me e olhei-o. Ele não disse uma palavra. Colocou sua outra mão sobre a minha. E em seguida sorriu. Ah, como eu gostaria que você tivesse estado lá! O contentamento no seu rosto e a felicidade nos seus olhos dissiparam todo traço de dúvida e confusão. Num instante fui da noite mais escura ao ensolarado meio-dia. Embora Ele não tenha falado, seu sorriso dizia: “Não tenha medo. Estou com você”.

Saí da capela sentindo-me como Lázaro saindo do sepulcro.

O Cristo sorridente cura e liberta. Com o recém-descoberto deleite dentro de nós mesmos, saímos a nossos irmãos e irmãs como eles são, onde estão, e ministramos a eles o Cristo sorridente. Não muito distante de nós há alguém que está com medo e carece da nossa coragem, alguém que está sozinho e carece da nossa presença. Há alguém ferido, precisando de nossa cura; sem amor, precisando do nosso toque; velho, precisando sentir que nos importamos; fraco, carecendo do apoio de nossa fraqueza compartilhada. Uma das palavras curativas que já proferi como confessor foi a um velho padre que tinha problemas com a bebida.

— Poucos anos atrás – eu disse – eu era um alcoólico sem esperança na sarjeta em Fort Lauderdale.

— O senhor? – gritou ele — Oh, graças a Deus!

Quando trazemos um sorriso ao rosto de alguém que se encontra sofrendo, trazemos Cristo até essa pessoa.

Eugen O'Neill certa vez escreveu uma peça confusa com um final extraordinário. O tema era a vida de Lázaro depois que Jesus o chamou para fora da sepultura. O'Neill deu à peça o nome de *Lázaro riu.* É a

história de um amigo de Jesus que experimentara a morte e tinha-a a visto como ela era. “Riam comigo! A morte está morta! O temor acabou! Há apenas vida! Há apenas riso” E, conta-nos O'Neill, Lázaro começa a rir — discretamente no começo, depois de peito aberto: “Uma risada tão cheia de completa aceitação de vida, com uma tão profunda asserção de alegria de viver, tão desprovida de temor que é contagiante de amor, tão contagiante que, a despeito de si mesmos, os ouvintes são arrebatados por ela e levados junto”.

Risada não é histeria. Risada não é a explosão intestinal diante de uma piada vulgar. Risada é... alegria de viver. A espiritualidade pascal diz ao cristão: *Você pode rir, pode deleitar-se com a vida.* Por quê? “Porque em meio à morte você está constantemente descobrindo a vida: num olhar ou num toque ou numa canção, numa plantação de milho ou num amigo que se importa, na lua ou numa ameba, num pedaço de pão sem vida de repente se transformando no corpo de Cristo”.[*]

O cristianismo chama por cristão ressurretos, discípulos como herói na peça de Eugene O'Neill. Lázaro experimentara a morte e viu como ela era. Agora sua alegria de viver era irresistível:

> Riam comigo!
> A morte está morta!
> O temor acabou!
> Há apenas vida!
> Há apenas riso!

Se a noite mais sombria se encontra sobre você enquanto você lê estas palavras, saiba que o Cristo ressurreto é louco por você, mesmo que você não consiga sentir. Ouça, abaixo da sua dor, a voz de Abba, Deus: "Prepare lugar para meu Cristo, cujo sorriso, como relâmpago, libera a canção de glória perene que agora dorme em sua carne de papel como dinamite".

[*] Walter J. BURGHARDT, Still proclaimign wonders, p. 168.

UMA PALAVRINHA DE ENCERRAMENTO

Na última noite de um retiro de oito dias na paisagem nevada da Pensilvânia, tive um sonho tão vívido que me acordou de um sono profundo. Fui até minha escrivaninha capturar no papel as palavras e imagens do sonho. Eis o que escrevi:

> Com os olhos da mente vejo um homem entrando numa câmara de gás em San Quentin, uma mulher sendo colocada numa cadeira elétrica numa prisão não identificada. Vejo os fornos de Auschwitz e Dachau e caminhões carregados com pilhas de corpos. Vejo Hiroshima e 95 mil corpos queimados, carbonizados aquém de qualquer reconhecimento, espalhados pelas ruas e barrancos. Vejo o corpo franzinho de John F. Kennedy, vejo o caixão de John Wayne cercado por gente badalada de Hollywood. Vejo fileiras de cruzes do lado de fora da muralha da velha Jerusalém com centenas de corpos presos a elas — ladrões, revolucionários, assassinos. Numa colina vejo mais três cruzes com corpos de mais três homens e eles se assemelham entre si, exceto que o homem do meio parece ter sido brutalizado um pouco mais do que os outros.
>
> Dois dias mais tarde estou na praça principal de uma grande cidade. Um grupo de homens está correndo por ali, gritando a coisa mais absurda — a crucificação do homem do meio não foi apenas uma execução política. Estão dizendo que é o evento mais importante da história. Estão dizendo que o homem é agora o ponto focal da fé e objeto de adoração para homens e mulheres por todos os séculos que virão.
>
> Estou desconsertado. Volto à encosta do monte. Enquanto fico ali olhando para o que é agora uma Cruz vazia um homem desponta, na distância, sobre a linha do horizonte. De algum lugar um coro poderoso está cantando: “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. O Homem aproximando-se a passos largos vai tomando foco. Ele está banhado em luz. Como se duas cortinas fossem puxadas para os lados, os céus estão abertos e cheios dos mais belos seres que jamais vi. Eles começam um canto ritmado: “Senhor Jesus Cristo, Deus-herói, Senhor Jesus Cristo, Deus-herói, Deus-herói...”.
>
> O rumor se eleva e enche cada canto do universo. Olho para o Homem. Seu rosto está inflamado como um raio de sol sobre dunas de areia, seus olhos como duas estrelas da manhã.
>
> “A paz esteja com vocês” ele diz. Suas palavras são mais uma ordem do que uma saudação. “Sei tudo a respeito de cada um de vocês. Eu os conheci quando estavam acordado e dormindo, quando estavam em casa ou de férias. Antes que uma palavra

chegasse à sua língua eu já a conhecia por inteiro. Observei cada movimento. Com todos os seus hábitos estou familiarizado".

A chamada começa.

Vejo Sandi Patti dar um passo à frente, seguida por Madonna. Vejo Saddam Hussein e Madre Teresa. Em seguida vêm Adolf Hitler e Mohandas Gandhi. Idi Amin e Billy Graham. A eles seguem-se Martinho Lutero e Frank Sinatra (que não está cantando "We'll do it my way"), o profeta Amós e Hugh Hefner, Jeremias e Johny Carson, Maria e José, George e Barbara Bush, Pedro, Tiago, João e Stalin, Churchill e Roosevelt.

A coisa prossegue sem interrupção. Todas as pessoas famosas e poderosas que viveram e os milhões de anônimos não celebrados... Todos que já viveram. Ouço meu nome: "Brennan". Enquanto dou um passo à frente, ouço como um sino batendo no fundo da alma as palavras do poeta T. S. Elliot: "Ó, minh'alma, esteja preparada para encontrar aquele que sabe fazer as perguntas".

O Homem olha diretamente para mim e em seguida olha através de toda minha fanfarronice e retórica piedosa, através do conteúdo de todos os meus livros e sermões, através de toda minimização e justificação de meu estilo de vida. Pela primeira vez na vida sou visto e conhecido como realmente sou.

Tremendo, pergunto:

— Qual é meu julgamento, Senhor? Ele me entrega o Livro.

— A palavra que falei já julgou você.

Uma longa pausa... e ele então sorri. Ando até ele e toco seu rosto. Ele toma minha mão e vamos para casa.

Sorrio, Senhor Jesus, ao colocar no papel estas palavras nesta noite gelada de inverno em Wemersville, Pensilvânia. Glória e louvor a ti.

O conteúdo desse sonho é mais real do que o livro que você está segurando. Num dia determinado e numa hora específica conhecidos apenas pelo Pai (cf. Mt 24:36), Jesus Cristo retornará em glória. *Todo homem e mulher que já respiraram serão avaliados, pesados e medidos* unicamente em *seu relacionamento com o Carpinteiro de Nazaré.* Esse é o domínio do verdadeiro Real. Esse sonho não é nem o produto de uma imaginação vívida nem uma comatosa fantasia religiosa evocada a fim de satisfazer uma necessidade emocional. O senhorio escatológico de Jesus Cristo e sua primazia na ordem da criação (cf. Ef 1:9-10) são o próprio coração da proclamação do evangelho. Isso é a realidade.

Se pergunto a mim mesmo: "O que estou fazendo neste planeta? Por que existo?", como discípulo de Jesus devo responder: "Por causa de Cristo". Se são os anjos que fazem a pergunta, a resposta é a mesma: "Existimos por causa de Cristo". Se o universo inteiro de repente ganhasse o dom da articulação, de norte a sul e de leste a oeste ele gritaria em coro: "Existimos por causa de Cristo!". O nome de Jesus brotaria de mares e montanhas e vales; seria tamborilado pela chuva que cai. Seria escrito no céu pelo relâmpago. As tempestades rugiriam o nome "Jesus Cristo, Deus-herói!", e as montanhas o ecoariam. O sol em

sua marcha para oeste nos céus entoaria um trovejante hino: "O universo inteiro está cheio de Cristo!".

Esta é a visão da criação do apóstolo Paulo, sua visão cristocêntrica do universo: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo *foi criado por meio dele e para ele*" (Cl 1:15-16; grifo do autor).

Se há na vida pessoal ou profissional de um cristão qualquer prioridade maior do que o senhorio de Jesus Cristo, ele ou ela estão desqualificados como testemunhas do evangelho. Desde a gloriosa manhã em que Jesus rompeu as cadeias da morte e na história irrompeu a era messiânica, tem havido uma nova agenda, novas prioridades e uma hierarquia revolucionária de valores.

O Carpinteiro de Nazaré não refinou simplesmente a ética aristotélica; não meramente reordenou a espiritualidade do Antigo Testamento; não apenas renovou a velha criação. Ele deu início a uma revolução. Devemos renunciar a tudo o que possuímos, não apenas à maior parte (cf. Lc 14:33). Devemos abandonar o velho estilo de vida, não apenas corrigir algumas de suas aberrações (cf. Ef 4:22). Devemos ser uma criação inteiramente nova, não uma versão recauchutada da anterior (cf. Gl 6:15). Devemos ser transformados de uma glória para outra, até a própria imagem do transparente Senhor (cf. 2Co 3:18). Nossa mente deve ser renovada por uma revolução espiritual (cf. Ef 4:23).

O pecado primal, naturalmente, é continuar agindo como se ele nunca tivesse acontecido, fundamentando nossa vida em religião *pop* e no poder do pensamento positivo, em espiritualidades da moda e na luta pelo poder e não no sermão da Montanha e na morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Como alternativa radical, este livro é oferecido aos cristãos que querem viver pela fé e não por mera "religião", para os que reconhecem que muitas das inflamadas questões teológicas da igreja de hoje não são nem inflamadas nem teológicas; que não vêem o cristianismo como código moral nem como sistema de crenças, mas como caso de amor; que não esqueceram que são seguidores de um Cristo crucificado; que sabem que segui-lo quer dizer viver perigosamente; que querem viver o evangelho sem concessões; cujo maior desejo é ter sua assinatura escrita nas páginas da própria vida.

Foi assim que Jesus assinou sua obra: com um "X"

Nada é tão desconcertante — e, ao mesmo tempo, mais cativante — quanto a mensagem da cruz. É no caminho do Calvário que o poder da vida, traduzida na simplicidade do coração humilde e compassivo, se manifesta de forma eloqüente. É o segredo que levou o próprio Rei Jesus a optar pela coroa de espinhos, ainda que toda a ostentação dos reinos do mundo lhe fosse oferecida. Qual a explicação para essa escolha radical? Contradição? Não. Apenas graça.

As nuances desse maravilhoso mistério são desfiadas por Brennan Manning em *A assinatura de Jesus*, outra obra com o toque de um dos pensadores cristãos mais originais da atualidade. Este livro traz uma proposta desafiadora, quase um contrato de risco: viver uma espiritualidade racional, sem depender mais do intelecto que da fé.

Manning faz um excelente trabalho ao soprar a poeira da teologia gasta e permitir que a graça realize o que apenas a graça de Deus pode fazer: ser admirável.

Max Lucado

Tanta religião nos é transmitida como más novas ou novas insípidas que ficamos imensamente gratos quando ela é comunicada de forma revigorante, como boa nova. Este é um retrato empolgante e acurado que nos informa inequivocamente que o Evangelho é bom, ofuscantemente bom.

Eugene Peterson

A vocês, leitores afortunados (...), bebam fundo. Uma incrível experiência os aguarda.

Michael W. Smith

ISBN 978-85-7325-507-2
9 788573 255072
Espiritualidade
MC mundocristão

Material com direitos